

II Encontro de Contadores de Histórias

Sobre práticas orais, memória e arte narrativa

Caderno de Resumos



Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Organização

Lavras
2019

**Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Processos Técnicos
da Biblioteca Universitária da UFLA**

Encontro de contadores de histórias (2. : 2019 : Lavras, MG)

Caderno de resumos [do] II encontro de contadores de histórias : sobre práticas orais, memória e arte narrativa, 2019 / organização: Ilsa do Carmo Vieira Goulart. – Lavras : Ed. NELLE/UFLA, 2019.

101 p.

ISBN: 978-85-93875-03-8

1. Contação de histórias. 2. Narrativas orais. 3. Leitura literária. 4. Formação de leitores. I. Goulart, Ilsa do Carmo Vieira. II. Universidade Federal de Lavras, Núcleo de Estudos em Linguagem, Leitura e Escrita (NELLE). III. Título.

CDD - 370.71

Ficha elaborada por Márcio Barbosa de Assis (CRB 6/1930)

Prefixo Editorial: 93875

Número ISBN: 978-85-93875-03-8

Título: II Encontro de Contadores de História - "entre práticas orais, memórias e arte narrativa" - caderno de resumos

Tipo de Suporte: E-book

Formato Ebook: PDF

SUMÁRIO

Apresentação do evento e organizadores.....	11
1- COMUNICAÇÃO ORAL.....	15
1.1- EIXO 1 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA".....	15
1.1.1- O ESTUDO CRÍTICO DOS SURDOS NA HISTÓRIA.....	15
1.1.2- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: DIVERSIDADES DE PRÁTICAS E FORMAÇÃO DE LEITORES.....	15
1.1.3- LEITURA: REFLEXÕES A PARTIR DAS RELAÇÕES COM O CORPO, OS SENTIDOS E A AFETIVIDADE.....	16
1.1.4- ENSAIO SOBRE LEITURA: O ESPAÇO DE LEITURA EM DISCUSSÃO NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS.....	16
1.1.5- BIBLIOTECA PÚBLICA DE LAVRAS: REDESENHANDO A HISTÓRIA E SUA RELEVÂNCIA PARA A COMUNIDADE LAVRENSE.....	17
1.1.6- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UMA FORMA DE REISTÊNCIA NEGRA: A IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS COM HISTÓRIAS AFRICANAS.....	17
1.1.7- RODAS DE LEITURA: UMA ESTRATÉGIA PARA FORMAÇÃO DE NEO-LEITORES.....	18
1.1.8- DA PORTA DO QUINTAL: O SENTIDO TRANSCENDENTE DO COTIDIANO EM ADÉLIA PRADO.....	19
1.1.9- LEITURA LITERÁRIA E SENSIBILIDADE: A POESIA DE ADÉLIA PRADO NAS RODAS DE LEITURA.....	20
1.1.10- CUENTA CUENTOS: JOVENS COMO PROMOTORES SOCIOCULTURAIS.....	20
1.1.11- APANHADOR DE HISTÓRIAS: ESSAS COISAS QUE ACONTECEM.....	21
1.1.12- A RETEXTUALIZAÇÃO COMO POSSIBILITADORA DA TRANSFORMAÇÃO DE CONTOS LITERÁRIOS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	21
1.1.13- A LITERATURA INFANTIL SUGERIDA NO LIVRO DIDÁTICO DOS ANOS INICIAIS COMO PROMOÇÃO DE LETRAMENTO LITERÁRIO.....	22
1.2- EIXO 2 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E EDUCAÇÃO INFANTIL".....	23
1.2.1- O LIVRO BRINQUEDO E A LUDICIDADE NO PROCESSO DE LEITURA.....	23
1.2.2- CIRANDA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAR A LINGUAGEM ATRAVÉS DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS.....	23
1.2.3- “CONTOS DESENHADOS” RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A ILUSTRAÇÃO DE CONTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	24

1.2.4- LEITURA COMPARTILHADA: DA MEDIAÇÃO LEITORA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	25
1.2.5- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA FORMANDO LEITORES NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA.....	25
1.2.6- A LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUAS IMPORTÂNCIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA.....	26
1.2.7- CONTAÇÃO E PROFERIÇÃO DE HISTÓRIAS PARA BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS.....	27
1.2.8- AS HISTÓRIAS QUE AS IMAGENS CONTAM – LEITURA DE IMAGENS E LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	27
1.2.9- A LEITURA LITERÁRIA EM HISTÓRIAS NARRADAS.....	28
1.2.10- (RE) LER MUNDOS E PALAVRAS: LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
1.2.11- AS CRIANÇAS COMO CONTADORAS DE HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE DE CENAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
1.2.12- FORMANDO CONTADORES DE HISTÓRIAS PARA BEBÊS: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	30
1.2.13- “QUANDO VAMOS BRINCAR COM AQUILO?”: O USO DE FANTOCHES PARA A CONSTRUÇÃO DE HABILIDADES ORAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	31
1.2.14- DIREITOS SOCIAIS E REVISTAS INFANTIS.....	31
1.2.15- A LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA CRECHE.....	32
1.2.16- EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NA PRIMEIRA INFÂNCIA.....	33
1.2.17- “O QUE NÃO CABE NO MEU MUNDO”: UM OLHAR PARA A LUDICIDADE E A LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	33
1.3- EIXO 3 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E ALFABETIZAÇÃO"	34
1.3.1- VIVENCIANDO O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PELO VIÉS DA CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL.....	34
1.3.2- PERSONAGENS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	34
1.3.3- OFICINA DE LEITURA E RECONTO/CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COM DEDOCHEs: UMA APOSTA DE ATIVIDADE COM CRIANÇAS DO 2º ANO DE ALFABETIZAÇÃO.....	35
1.3.4- AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A APRENDIZAGEM DE ALUNOS NÃO ALFABETIZADOS NA IDADE CERTA.....	36
1.3.5- CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E OS ESTÍMULOS DA ALFABETIZAÇÃO.....	36
1.4- EIXO 4 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE".....	37

1.4.1- A LEITURA LITERÁRIA E A MATERIALIDADE PRESENTE NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM DEDOCHEs.....	37
1.4.2- FORMAÇÃO DOCENTE: HORA DE DIFERENCIAR O LER E O COMENTAR.....	38
1.4.3- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UM PROJETO DE INCENTIVO À LEITURA.....	38
1.4.4- RECONTANDO OS CLÁSSICOS INFANTIS POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	39
1.4.5- LETRAMENTO NO ÂMBITO ACADÊMICO.....	40
1.4.6- CONTAR HISTÓRIAS COMO UMA ESTRATÉGIA FORMATIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	40
1.5- EIXO 5 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA MÍDIA DIGITAL"	41
1.5.1- DESENVOLVENDO A CRIATIVIDADE E O PRAZER PELA LEITURA POR MEIO DO APLICATIVO “INVENTECA”.....	41
1.5.2- FANFICS E RECONTAÇÃO DE ESTÓRIAS: PALAVRA OUTRA E PALAVRA PRÓPRIA NO FAZER ESTÉTICO.....	42
1.5.3- LEITURA DIGITAL: UM CONTATO DIRETO COM TEXTOS MULTIMODAIS.....	42
1.5.4- A LEITURA DO HIPERTEXTO: UMA ANÁLISE DE A (S) AVENTURA (S) DE ARTHUR.....	43
1.5.5- MÍDIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO MULTIMODAL NA ALFABETIZAÇÃO DO LEITOR.....	44
1.6- EIXO 6 - "CONTADORES DE HISTÓRIAS, NARRATIVAS E PRÁTICAS ORAIS"	45
1.6.1- OS ENCANTOS DOS CASOS DE UMA AVÓ.....	45
1.6.2- AS HISTÓRIAS CANTADAS NA EXPRESSÃO DA LINGUAGEM CORPORAL DA CRIANÇA.....	45
1.6.3- CONTAR, OUVIR E CONTEXTUALIZAR: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO DE ARTES CÊNICAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.....	46
1.6.4- CONTADORES DE HISTÓRIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	46
1.6.5- O SONORO NA LITERATURA E O GRUPO MIGUILIM DE CORDISBURGO.....	47
1.6.6- A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DO HISTORAR-TE EM MARABÁ.....	48
1.6.7- ESTUDO DE CASO SOBRE A METODOLOGIA DOS CURSOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	48
1.6.8- O USO DAS CANTIGAS DE RODA COMO FORMA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	49
1.6.9- TEATRO DE FANTOCHEs E A POSSIBILIDADE DO DESPERTAR DA IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INTEGRAL INTEGRADA.....	50

1.6.10- MULHERES QUE ENSABOAM PALAVRAS: SESSÃO DE CONTOS ORIUNDOS DA TRADIÇÃO ORAL.....	50
1.6.11- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA PRÁTICA NO CELLIJ.....	51
1.6.12- ORALIDADE, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E AS DEMANDAS DOS ANOS INICIAIS.....	52
1.6.13- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA.....	52
1.6.14- SARAU DE GARAGEM DA D.WILMA: A HISTÓRIA E A VIDA SE ENCONTRAM.....	53
1.6.15- HISTÓRIA ORAL, RODA DE CONVERSA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: MEDIAÇÕES POSSÍVEIS PARA A HISTÓRIA - O CASO DA HISTÓRIA DO MUSEU BI MOREIRA DA UFLA.....	54
1.6.16- O (DES)INTERESSE POR ESCUTAR HISTÓRIAS: A MAGIA DO CONTADOR CAUSA IMPACTO NA VIDA DAS CRIANÇAS?.....	55
1.6.17- CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL PARA A FORMAÇÃO DO PÚBLICO-LEITOR INFANTIL.....	55
2- SESSÃO COORDENADA.....	56
2.1- SESSÃO COORDENADA 1 - (Eixo temático 1 "Contação de histórias e leitura literária") - Coordenador da Sessão: Amanda Valiengo.....	56
2.1.1- SOBRE A LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES DE REFLEXÃO PARA A PLENA FORMAÇÃO HUMANA NA INFÂNCIA.....	56
2.1.2- ERA UMA VEZ... UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS.....	57
2.1.3- EM DEFESA DA PLENITUDE DA ATIVIDADE DE LEITURA E DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM TURMAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	57
2.1.4- PENSAR A LITERATURA INFANTIL E A CULTURA DA INFÂNCIA A PARTIR DA "CAIXA QUE CONTA HISTÓRIAS".....	58
2.1.5- FILOSOFIA PARA CRIANÇAS POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO E RESPEITO COM A VOZ DA CRIANÇA.....	59
2.2- SESSÃO COORDENADA 2 - (Eixo Temático 1 "Contação de histórias e leitura literária") - Coordenador da Sessão: José Antônio Araújo Andrade.....	60
2.2.1- A VERDADEIRA HISTÓRIA DE CHAPÉUZINHO VERMELHO.....	60
2.2.2- "VOCÊ É DAQUELES QUE PENSAM OU QUE DESPEJAM?" ATRELANDO A LITERATURA INFANTIL AO ENSINO DE MATEMÁTICA.....	60
2.2.3- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DAS NOÇÕES MATEMÁTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	61

2.2.4- PROJETO DE LITERATURA DOS 3.ºs ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS, BASEADO NA OBRA “FLICTS”, DE ZIRALDO.....	62
2.2.5- JARDIM DIVERSOS.....	62
2.3- SESSÃO COORDENADA 3 - (Eixo Temático 4 "Contação de histórias, leitura literária na formação docente") - Coordenador da Sessão: Rosemary Lapa de Oliveira.....	63
2.3.1- DIÁLOGOS ENTRE CONTAR HISTÓRIAS E DOCÊNCIA.....	63
2.3.2- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E MEMORIAL DE LEITURA.....	64
2.3.3- NARRATIVAS, CANÇÕES E LEITURAS.....	64
2.3.4- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E CANÇÕES POPULARES.....	65
2.3.5- ATELIÊ DE NARRAÇÃO ORAL “DOIS PASSARINHOS”: A EXPERIÊNCIA DA FORMAÇÃO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS NO CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UEFS.....	65
2.3.6- OBSERVATÓRIO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS ETNOFORMATIVOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A FORMAÇÃO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS NA UEFS.....	66
2.4- SESSÃO COORDENADA 4 - (Eixo Temático 5 "Contação de histórias e leitura literária na mídia digital") - Coordenador da Sessão: Helena Maria Ferreira.....	67
2.4.1- O USO DE TECNOLOGIAS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	67
2.4.2- ANÁLISE DA TRANSMUTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM DOIS FILMES SHREK.....	67
2.4.3- O LEÃO APAIXONADO: O TRABALHO COM FÁBULAS EM UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL.....	68
2.4.4- UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE GÊNERO TEXTUAL PROVÉRBIO POR MEIO DA TECNOLOGIA DE REALIDADE AUMENTADA.....	69
2.4.5- UM NOVO OLHAR SOBRE A PAUSA PROTOCOLADA E DA TECNOLOGIA DE REALIDADE VIRTUAL COMO ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	69
2.4.6- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, MÚSICA E FORMAÇÃO DE LEITORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA.....	70
2.5- SESSÃO COORDENADA 5 - (Eixo Temático 5 "Contação de histórias e leitura literária na mídia digital") - Coordenador de Sessão: Mauricéia Silva de Paula Vieira.....	71
2.5.1- SIMPÓSIO: LEITURA E LETRAMENTO MULTIMODAL: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	71

2.5.2- MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA: ANÁLISE DE DIFERENTES RECURSOS MULTIMODAIS COMO POTENCIALIDADES NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	72
2.5.3- GÊNERO MULTIMODAL CHARGE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS MULTILETRAMENTOS.....	72
2.5.4- LETRAMENTO MULTIMODAL E TECNOLOGIAS: A (RE)CONFIGURAÇÃO DE TEXTOS DO DOMÍNIO PUBLICITÁRIO.....	73
2.5.5- O HUMOR EM NARRATIVAS: ANÁLISE DE MECANISMOS LINGÜÍSTICOS NO GÊNERO TIRINHA.....	74
2.5.6- LETRAMENTO MULTIMODAL E PUBLICIDADE: AS CONTRIBUIÇÕES DOS RECURSOS MULTISSEMIÓTICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PROFICIÊNCIA LEITORA.....	74
2.6- SESSÃO COORDENADA 6 - (Eixo Temático "Contadores de histórias, narrativas e práticas orais) - Coordenador da Sessão: Guilherme Trielli Ribeiro.....	75
2.6.1- PROCESSOS CRIATIVOS INTERARTES NA PERFORMANCE DE NARRADORES ORAIS.....	75
2.6.2- A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA.....	76
2.6.3- PROCESSOS CRIATIVOS INTERARTES NA PERFORMANCE DE NARRADORES ORAIS.....	76
2.6.4- O CORPO E A VOZ: CULTURA ACÚSTICA NA EDUCAÇÃO INDÍGENA XAKRIABÁ.....	76
2.6.5- A INTENÇÃO DA NARRATIVA IMAGÉTICA E A EXPANSÃO DE COGNIÇÕES EM TEMPO REAL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	76
3- PÔSTER.....	77
3.1- EIXO 1 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA"	77
3.1.1- CLUBE DA LEITURA: A LEITURA LITERÁRIA COMO APARATO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	77
3.1.2- A VERSÃO DAS CRIANÇAS: (RE)CONTANDO LEITURAS DE MUNDO E LEITURAS DA PALAVRA.....	77
3.1.3- RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROJETO MALA DE LEITURA DA UFMG.....	78
3.1.4- A LITERATURA LITERÁRIA COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	79
3.2- EIXO 2 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E EDUCAÇÃO INFANTIL".....	79
3.2.1- POESIA POPULAR NA LITERATURA DE CORDEL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	79

3.2.2- LEITURA LITERÁRIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	80
3.2.3- LETRAMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UM ESTUDO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	81
3.2.4- O “BEM” E O “MAU” NA LITERATURA INFANTIL: UMA BREVE ANÁLISE DAS PERSONAGENS QUE ENCANTAM AS CRIANÇAS.....	81
3.2.5- HISTÓRIAS PARA OS BEBÊS: LEITURAS E ENCANTAMENTOS.....	82
3.2.6- ADAPTAÇÃO DA HISTÓRIA DE CHAPEUZINHO VERMELHO PARA FALAR SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL.....	82
3.2.7- OLHARES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	83
3.2.8- EXPERIÊNCIAS SOBRE O CUIDAR E EDUCAR VIVENCIADAS EM ATIVIDADES DE LEITURA COM CRIANÇAS DE 2 ANOS.....	84
3.2.9- ESPAÇO PARA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA INFANTIL NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LAVRAS.....	84
3.3- EIXO 3 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E ALFABETIZAÇÃO"	85
3.3.1- LIVRO “O ANIVERSÁRIO DO SENHOR ALFABETO”: A LEITURA LITERÁRIA COMO PONTO DE PARTIDA PARA O DESENVOLVIMENTO DA APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE LEITURA E ESCRITA.....	85
3.3.2- O LÚDICO NO ENSINO: VIVENCIANDO A HISTÓRIA “DONA BARATINHA”	86
3.3.3- CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E MEDIAÇÃO DE LEITURA: POTENCIALIZADORES DA ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA.....	87
3.3.4- ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	87
3.4- EIXO 4 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE"	88
3.4.1- FORMAÇÃO DOCENTE E A EXPERIÊNCIA DA ATIVIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	88
3.4.2- FORMAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO LEITORA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A ATIVIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS..	89
3.4.3- CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	89
3.4.4- O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS E O PROCESSO DE ENSINO DE APRENDIZAGEM.....	90
3.4.5- LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O PROCESSO FORMATIVO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	91

3.4.6- A LEITURA LITERÁRIA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR.....	92
3.4.7- PRÁTICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES.....	92
3.5- EIXO 5 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA MÍDIA DIGITAL"	93
3.5.1- CAMINHOS DA LEITURA: DO IMPRESSO AO DIGITAL.....	93
3.5.2- O LEÃO APAIXONADO: O TRABALHO COM FÁBULAS NUMA PERSPECTIVA MULTIMODAL.....	94
3.5.3- O POTE VAZIO: UMA LEITURA MULTIMODAL DO GÊNERO FÁBULA.....	94
3.5.4- A UTILIZAÇÃO DE TABLETS COMO MÉTODO PARA CONQUISTA DE NOVOS SABERES EM UMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	95
3.5.5- A ARTE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM REDES SOCIAIS.....	96
3.6- EIXO 6 - "CONTADORES DE HISTÓRIAS, NARRATIVAS E PRÁTICAS ORAIS"	96
3.6.1- ABAYOMI ENCANTADO - PEDAGOGIA INTERSECCIONAL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	96
3.6.2- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DE MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA.....	97
3.6.3- O PROJETO "RODA DE CONVERSA" DO GIEPHE E SUAS MEDIAÇÕES COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A EDUCAÇÃO MUSEAL- A HISTÓRIA DO MUSEU BI MOREIRA DA UFLA.....	97
3.6.4- A SOBREVIVÊNCIA DAS LENDAS NAS SUAS NARRATIVAS DOS CONTADORES DE HISTÓRIA DA ZONA RURAL DO ENTORNO DA CIDADE DE UBERLÂNDIA NO SÉCULO XXI.....	98
3.6.5- ARTES, HISTÓRIAS, MÚSICAS, LUDICIDADE, AMOR, CULTURA: SOMOS O REMENDO MUSICAL.....	99
3.6.6- ORALIDADE NA SALA DE AULA: CHAPEUZINHO VERMELHO E DIVERSAS ADAPTAÇÕES.....	99
3.6.7- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO ELEMENTO DE FOMENTO À LEITURA, NA BIBLIOTECA DISTRITAL DE ÁGUA VERMELHA.....	99

II ENCONTRO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS “Entre práticas orais, memória e arte narrativa”

15, 16 e 17 de abril de 2019

Apresentação

O II Encontro de contadores de Histórias, que tem por tema “Encantadores de Histórias: entre práticas orais, memórias e a arte narrativa”, visa ampliar a reflexão sobre a leitura literária, as histórias que ela conta e reconta e as diferentes formas de mediação. Entende-se que as histórias se mostram impressas, oralizadas, encenadas pelo cinema ou pelo teatro ou interpretadas por contadores, o fato é que afloram o imaginário e a percepção dos autores e dos leitores-ouvintes, o que requer um espaço de reflexão e debate sobre o papel que a contação de histórias e a leitura literária assume entre os educadores. Em se tratando da contação de histórias, sua dimensão atrativa deriva primeiro do encantamento oferecido pelo enredo, depois pelas ações leitoras que acompanham o narrador ao ler ou contar, os gestos adotados durante a contação, o tom de voz, a vestimenta, o ambiente, enfim, é notável o quanto o momento de contação de histórias pode ser desencadeador de uma experiência sensível de leitura. Neste sentido, o encontro visa reunir graduandos e pós-graduandos, professores da educação básica, pesquisadores e profissionais envolvidos com a literatura e com a contação de histórias para refletir sobre a relação dialógica e interativa que se estabelece antes, durante e após o desenvolvimento de atividades de leitura, de mediação e da produção textual na perspectiva da oralidade, em modalidades diversas, bem como na apreciação da narrativa contada, cantada ou encenada, na perspectiva da leitura literária, no reconto da história, configurada pelos gestos, olhares e voz, num movimento de expressividade da linguagem.

Presidente da Comissão Organizadora

Prof.^a Dr.^a Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Comissão Organizadora

Ana Cecília Vieira Goulart
Ana Elysa de Castro Bastos
Bruna Carvalho de Avelar
Carolinne Machado Barra
Ellen Mayra Alcântara Laudares
Érica da Costa Terra
Isabel Cristina Dornelas da Costa
Ludmila Magalhães Naves
Mariana Melo Costa
Pollyanna Maria Resende
Thaís de Castro Casagrande

Comissão Organizadora Local

Adriana Pryscilla Duarte de Melo
Ana Paula Coelho Silva
Ângelo Constâncio Rodrigues
Apolliane Xavier Moreira dos Santos
Elaine das Graças Frade
Elisangela Brum Cardoso Xavier
Ellen Mayra Alcântara Laudares
Estela Aparecida Oliveira Vieira
Fernanda Barbosa Ferrari
Francine de Paulo Martins Lima
Giovanna Rodrigues Cabral
Helena Maria Ferreira
Larissa Figueiredo Salmen Seixlack Bulhões
Letícia Silva Ferreira
Luciana da Silva Soares

Equipe de Apoio

Agatha Eleutério Paulo
Aline Iraci Rodrigues Silva
Amanda Eduarda Costa
Ana Flávia dos Santos Carvalho
Breno Alvarenga Almeida
Bruna Cristina de Paulo Silva
Claúdia Roquini Nascimento
Danielly Santos de Souza
Déborah Oliveira Silva
Eliza Cristina de Souza Araújo
Fabrícia Silva Andrade
Francine de Souza Resende
Heleonara Gabriela Souza de Paula Gomes
Ian Carrico Zanoli
Joselma Silva
Julia Lima Pereira
Juliana Paula de Oliveira
Luana Belchior Mesquita Carvalho
Luana Cristina Aparecida Santiago
Laila Resende Lara
Maely Estefânia Ruth Monteiro Barbosa
Maria Paula Ferreira Costa
Melina Carvalho Botelho
Paula Renata Lima Alvarenga
Renata Moreti da Silva
Rita Cássia de Oliveira
Rosana Ferreira
Sabrina dos Reis
Waleska Souza

Grupos de Pesquisa envolvidos

NELLE – FORPEDI – NEDI - GIEPHE

Comitê Científico

Dra. Amanda Valiengo – UFSJ
Dr. Ângelo Constâncio Rodrigues – UFLA
Dra. Daniella Freitas Brito Montuani – UFMG
Dra. Elaine das Graças Frade – UFLA
Dra. Eliane Debus – UFSC
Dra. Ellen Maira Alcântara Laudares – UFLA
Dra. Estela Aparecida Oliveira Vieira – UFLA
Dra. Helena Maria Ferreira – UFLA
Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart – UFLA
Dra. Fernanda Barbosa Ferrari – UFLA
Dra. Francine de Paula Martins Lima – UFLA
Dr. José Antonio Araújo Andrade – UFLA
Dra. Josiane Marques – UFLA
Ms. Juliano Guerra da Rocha – UFU/ SME Itumbiara-GO
Dra. Larissa Figueiredo Salmen Seixlack Bulhões – UFLA
Dra. Giovanna Rodrigues Cabral – UFLA
Dra. Glaucia Signorelli – UFU
Dr. Guilherme Trielli Ribeiro – UFMG
Dra. Luciana da Silva Soares – UFLA
Dra. Maria das Dores Soares Maziero – Pesquisadora ALLE-AULA-UNICAMP
Dr. Marco Antonio Villarta Neder – UFLA
Dra. Paula Rodrigues – ESTÁCIO/MG – UFMG
Dra. Renata Junqueira – UNESP – Presidente Prudente
Dra. Rosemary Lapa de Oliveira – UNEB
Dr. Vanderlei Barbosa – UFLA

Eixos temáticos

EIXO 1: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA.

EIXO 2: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E EDUCAÇÃO INFANTIL.

EIXO 3: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E ALFABETIZAÇÃO.

EIXO 4: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE.

EIXO 5: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA MÍDIA DIGITAL.

EIXO 6: CONTADORES DE HISTÓRIAS, NARRATIVAS E PRÁTICAS ORAIS.

1- COMUNICAÇÃO ORAL

1.1- EIXO 1 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA"

1.1.1- O ESTUDO CRÍTICO DOS SURDOS NA HISTÓRIA

Erliandro Felix Silva – Graduando UFJF
William Velozo Francioni – Graduando UFJF
Dra. Carla Couto de Paula Silvério – UFJF

O passado histórico não deve ser apresentado dos surdos eram de modo único, como uma verdade absoluta, separado das discussões que envolvam o presente. História é a ciência que estuda a mudança. História é vida, é movimento, é transformação. A História estuda a vida humana através do tempo: estuda o que os homens fizeram, pensaram ou sentiram enquanto seres sociais. Nas últimas décadas, as pesquisas no campo dos Estudos Surdos e Estudos Culturais proporcionaram um novo olhar sobre a surdez. Longe de serem considerados como um grupo de pessoas marcado pela deficiência e pela preocupação de cura e normalização, hoje os surdos são pensados como um grupo indenitário caracterizado por elementos próprios que marcam sua diferença. Comunidade surda como grupo cultural fortemente marcado pela identidade e pelo “orgulho de ser surdo”. Como a História pode ajudar os surdos na conquista do uso pleno de sua língua na sociedade. A língua materna do surdo é a língua de sinais, uma língua espaço visual que possibilita o surdo a se comunicar de forma natural. Para que serve a disciplina de estudos dos surdos na História? Para dar consciência aos povos do seu poder de transformar a realidade cultural de cada povo, seus hábitos e costumes, suas condições materiais, resultam de sua própria história; a cultura é algo global, que está presente em todos os aspectos da vida.

Palavras-chave: Surdos. História. Libras.

1.1.2- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: DIVERSIDADES DE PRÁTICAS E FORMAÇÃO DE LEITORES

Oara Saldanha Gonçalves – Mestranda CEFET-MG
Dra. Marta Passos – CEFET-MG

O trabalho "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: DIVERSIDADE DE PRÁTICAS E FORMAÇÃO DE LEITORES" é um projeto de pesquisa de mestrado em andamento que visa investigar os objetivos, as performances dos contadores de histórias e sua possível relação com uma formação de leitores. Fizemos um levantamento no portal da Capes e identificamos que as pesquisas sobre contação de histórias relacionavam-se, na maioria, em espaços escolares com um objetivo específico. Dessa forma, buscamos observar os espaços não escolares da cidade

de Belo Horizonte como: praças, bibliotecas, livrarias, museus, parques; e, como essa prática pode ou não auxiliar no interesse pela leitura. Verificar como esta prática acontece, como os contadores se preparam, quais recursos eles utilizam, quais são seus objetivos? São alguns dos aspectos investigados no projeto de pesquisa em andamento. Será feito um mapeamento dos locais onde acontecem a contação de histórias, entrevistas com os contadores, filmagens e fotos serão alguns dos recursos também utilizados para análise. Para iniciar a pesquisa usamos alguns teóricos como: Walter Benjamin, Celso Sisto, Zumthor, Ilan Brenman, Eliana Yunes. A previsão para defesa da pesquisa é em março de 2019.

Palavras-chave: Oralidade. Performance. Formação de leitor.

1.1.3- LEITURA: REFLEXÕES A PARTIR DAS RELAÇÕES COM O CORPO, OS SENTIDOS E A AFETIVIDADE

Melina Carvalho Botelho – Mestranda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Orientadora UFLA
Dalva de Souza Lobo – Departamento de Educação UFLA

O presente estudo tem como objetivo compreender como a leitura é conduzida por meio das relações com o corpo e com a afetividade, demarcada pelas emoções, bem como os diversos sentidos produzidos pelo ato de ler, com o propósito de refletir sobre as relações entre a dança, a arte literária e a afetividade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica iniciando com análise do conceito de leitura. Ao considerar a leitura como ferramenta de conhecimento como também, uma prática social, destacamos a necessidade de se refletir e compreender como a atividade de leitura pode desencadear processos na dimensão afetiva, com sentimentos e emoções e na dimensão física, com reflexos e ações corpóreas. Assim, questionamos: de que forma lemos com o corpo? Como a leitura pode ser concretizar na junção corpo, ritmo, movimento e sentidos? Até que ponto o corpo e as emoções podem influenciar na leitura e no desenvolvimento do conhecimento? Embasando em estudos de Paul Zumthor, Goulemot, Barthes, Koch e Elias, dentre outros autores que discutem a temática, e de Wallon com a concepção de afetividade. Por fim, conclui-se que a leitura acontece a partir de relações com o corpo e emoções, mostrando que se lê com o corpo. Nota-se que há uma relação de interdependência quando ao ler, acionamos o afeto, os sentidos e a corporeidade. Colabora-se, assim, a importância de estabelecer leituras que despertem o prazer, reconhecendo no corpo os sentimentos e sensações que nos tornam capazes de diálogos mais efetivos conosco, com o outro e com o mundo.

Palavras-chave: Leitura. Afetividade. Sentidos. Significado. Corpo

1.1.4- ENSAIO SOBRE LEITURA: O ESPAÇO DE LEITURA EM DISCUSSÃO NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Ariana Alves da Silva – Graduanda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Com base no referencial teórico apresentado no Núcleo de Estudos em Linguagem Leitura e Escrita, da Universidade Federal de Lavras, este texto constitui-se parte de estudos da iniciação científica, que tem por objetivo refletir sobre o conceito de leitura representado nos espaços de leitura. Para isso, assume-se uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico a partir de um levantamento das produções científicas que tematizam sobre o espaço da leitura e a sala de leitura defendidos nos últimos anos, disponíveis no portal de Dissertações e Teses da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Este estudo se orienta pelo conceito de leitura a partir Alberto Manguel, Paulo Freire, Roger Chartier, Koch e Elias no processo de construção do leitor e dos espaços de da leitura e pelo conceito de estação do conhecimento de Edmitir Perrotti. Aponta-se a importância da junção de habilidades adquiridas ao longo do tempo para que se torne possível o ato de ler. O levantamento dos estudos que tematizam os espaços e ambientes de leitura se mostra essencial para compreender qual a problemática e os objetivos que fundamentam tais discussões o que ajuda a entender as bibliotecas escolares como estação do conhecimento.

Palavras-chave: Leitura. Bibliotecas. Formação docente.

1.1.5- BIBLIOTECA PÚBLICA DE LAVRAS: REDESENHANDO A HISTÓRIA E SUA RELEVÂNCIA PARA A COMUNIDADE LAVRENSE

Ariana Alves da Silva – Graduanda UFLA

A Biblioteca como espaço de leitura e de formação do leitor torna-se objeto instrumento de pesquisa, pois pode proporcionar reflexão acerca de diversas culturas, contribui para a preservação da memória por meio de acervos como periódicos e publicações locais, mostrando a identidade de cada região e as tendências literárias de autores regionais. O trabalho assume como objetivos pesquisar, escrever e documentar a história da Biblioteca Pública de Lavras, “Meirinha Botelho”, seus impactos culturais, eventos promovidos para aproximar a comunidade da leitura e escrita, bem como, estudar seu espaço e funcionalidade, com o intuito de mostrar a importância da Biblioteca Pública Lavrense para comunidade local. Com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, optamos por uma pesquisa de caráter qualitativo como o estudo do caso e coleta de dados descritivos, dando ênfase ao processo e ao significado do objeto de estudo na vida das pessoas envolvidas. Dentre os resultados obtidos destacam-se as inúmeras localidades em que a biblioteca estudada já ocupou na cidade de Lavras e a importância da contribuição histórica que o seu acervo proporciona para a região.

Palavras-chave: Biblioteca Pública. Formação de leitor. Biblioteca.

1.1.6- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UMA FORMA DE REISTÊNCIA NEGRA: A IDENTIFICAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS COM HISTÓRIAS AFRICANAS

Este artigo se refere, ao trabalho realizado com turmas do ensino fundamental I e II de escolas pública de Belém. O projeto, leve-me uma história, sobre minha história, teve como objetivo, mostrar importância dos contos africanos, para o desenvolvimento identitário de crianças e jovens negros da escola. A contação de história é uma atividade fundamental de transmissão de conhecimentos e valores. Segundo o referencial curricular nacional para a educação infantil (1998), a contação de histórias promove um momento enriquecedor do imaginário infantil e desenvolvimento psicológico, criativo e emocional da criança, ao passo que, permite a essa adquirir novos conhecimentos, compreender o mundo e a si mesma, e conseqüentemente criar a sua identidade pessoal. Sendo assim, Moore e Fine (apud Avila 2008) definem que a construção da identidade se dá através das relações sociais, ou seja por meio da interação com o outro, a contação de histórias é uma grande ferramenta desta interação. Neste sentido, ao pensar nas histórias que são ofertadas para as crianças e jovens nas escolas públicas, vemos que estas são pautada em um ideário que valoriza a “branquidade normativa”. É notório a total ausência da figura do negro nas histórias contadas nas escolas, prejudicando assim o processo de construção da identidade da criança negra, que se dá sem a referência cultural de sua raça. A metodologia utilizada neste trabalho, se deu em três momentos: um primeiro momento, os participantes tinham um primeiro contato com os contos afro, através dos ministrantes. No segundo momento, era feito um círculo de cultura, onde cada participante compartilhava o que entendeu da história, tendo como objetivo que eles se identifiquem com as histórias e os personagens negros, e comesçassem a ler e pesquisar sobre essas histórias e em terceiro momento, era pedido para os alunos contarem historias para os colegas e ministrantes. Como resultado, percebe-se que os jovens refletiram sobre sua cor e origem, e formas de enfrentamento do racismo.

Palavras-chave: Contação. Identidade. Histórias africanas.

1.1.7- RODAS DE LEITURA: UMA ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO DE NEO-LEITORES

Neilma da Silva Bispo – Escola Municipal Heribaldo Dantas

Tomando como parâmetro a concepção interacionista de leitura, este artigo se propõe a investigar as rodas de leitura como estratégia produtiva para formar neo-leitores, já que elas são uma atividade precipuamente interativa, que tem o objetivo de conquistar leitores e despertar neles a consciência de que o momento com a leitura pode proporcionar prazer, além de ampliar o repertório cultural e aguçar o senso crítico. Nesta pesquisa procura-se também analisar as estratégias de leitura que servem ao propósito das rodas e identificar as concepções teóricas e metodológicas que sustentam o ensino de leitura. Para lastrear este artigo, tomam-se por base os estudos de Kleiman (2001), Bamberger (2000), Solé (1998), Silva (1999), Lois (2010), Smith (1999), Braga (2009), autores que estão em consonância quanto à natureza interativa da leitura, como também Vargas (1997), Yunes (1999) e Nabeiro (2004), autoras que abordam, ainda que de forma sucinta, as rodas como metodologia estimulante para despertar o interesse pela leitura. Por apresentar inúmeros pontos positivos, acredita-se que

a atividade roda de leitura deve se tornar uma prática constante nas escolas, e não apenas no ambiente escolar, mas também em outros setores sociais, culturais, políticos, familiares; setores que, de certa forma, também estão ligados à formação de leitores.

Palavras-chave: Formação de Neo-leitores. Leitura. Ensino.

1.1.8- DA PORTA DO QUINTAL: O SENTIDO TRANSCENDENTE DO COTIDIANO EM AMÉLIA PRADO

Jossuí Basílio Mendonça Maia, Mestrando – UFLA
Vanderlei Barbosa – Departamento de Educação – UFLA

O propósito desse trabalho, partindo de um levantamento bibliográfico, é realizar uma discussão sobre a função humanizadora da literatura, especificamente da poesia da autora mineira Adélia Prado. Acredita-se que o caráter formativo da poesia na vida humana se dá pela sua capacidade de compreender a condição humana e de provocar reflexões essenciais ao nosso viver. O mundo contemporâneo transita em diferentes espaços do saber, buscando dar conta das novas formas de subjetividade e valorações no meio do frenesi da sociedade penetrada pela alta tecnologia, que se propaga de modo avassalador, provocando inquietações e insegurança. Essa nova realidade é fator determinante para o estímulo à fragmentação do pensamento, valorizando o imediatismo, a resposta rápida, curta e superficial, descartável em detrimento ao pensamento abrangente, que exige abstração, raciocínio, sensibilidade. Assim, é necessário e urgente dar maior atenção, a uma educação dos sentidos. A poética de Adélia Prado apresenta a percepção de um cotidiano singular e rico, carregado de significações que transcendem a realidade do homem moderno empobrecido de sensibilidade. Desse modo, é possível apontar, que a poeta se identifica com o coletivo ao narrar sua rotina, suas percepções e memórias. Como a poética de Adélia Prado contribui para o processo de formação do indivíduo? Em virtude dos objetivos traçados, esta pesquisa é descritiva no que se refere ao procedimento adotado para a coleta de dados (corpus literário) e tem o caráter de levantamento bibliográfico. Será feito o levantamento da bibliografia, a leitura e a análise da obra da poeta. Portanto, esse trabalho busca elucidar a importância de dar atenção aos sentidos e auxiliar seu refinamento tocando nossa sensibilidade por meio da poesia.

Palavras-chave: Literatura. Diferentes espaços. Poesia.

1.1.9- LEITURA LITERÁRIA E SENSIBILIDADE: A POESIA DE ADÉLIA PRADO NAS RODAS DE LEITURA

Simone Aparecida Botega – Mestranda UFLA
Vanderlei Barbosa – Orientador UFLA
Andréa Portolomeos – Professora Universitária UFLA

Esta pesquisa tem o objetivo de refletir acerca da inserção da leitura literária em sala de aula, especificamente por meio do trabalho com os poemas de Adélia Prado, visando a um maior desenvolvimento da sensibilidade no ambiente escolar. Sabemos que a obra poética de tal autora é caracterizada por um lirismo sensível constituído de um rico trabalho com a linguagem, sendo os elementos simples e cotidianos, matéria-prima de sua poesia. Tal discussão apresenta-se de maneira relevante, pois busca sobrelevar o texto literário, ao valorizar as particularidades desse tipo de fruição rica em plurissignificação. Dessa forma, propomos um encaminhamento metodológico diferente: a abordagem da poesia sob formato de rodas de leitura, as quais propiciam maior envolvimento dos estudantes nas atividades de apreciação das obras artísticas. Para que essas práticas sejam profícuas, é necessário que os docentes utilizem-se de embasamentos teóricos que os orientem sobre as especificidades do objeto literário. Sendo assim, devemos nos ancorar em escritos de teóricos e estudiosos como Antônio Cândido, Jan Mukarovsky, Paul Valery, René Wellek e T. S. Eliot, os quais discutem a respeito das peculiaridades da literatura. Tais pensadores defendem a propriedade da linguagem literária que, como um sistema diferenciado, utiliza a língua de maneira distinta e, por ser assim, difere-se, em sua natureza e função, das leituras de fácil decodificação, dedicadas somente ao entretenimento. Ao estabelecer uma relação com os poemas de Adélia, o aluno-leitor será conduzido a um tipo de prazer especial, capaz de ativar sua imaginação, sua criatividade e sensibilidade, o que contribui significativamente para sua formação como sujeito consciente e reflexivo.

Palavras-chave: Sensibilidade. Poesia. Leitura. Contação de histórias.

1.1.10- CUENTA CUENTOS: JOVENS COMO PROMOTORES SOCIOCULTURAIS

Paula Mauad Kaheler Sá – Graduanda Letras UFJF
Heitor Luique Ferreira de Oliveira – Graduando Letras/UFJF

O presente trabalho tem como objetivos apresentar e compartilhar a experiência literária desenvolvida e vivida no projeto Cuenta Cuentos, dirigido pela Cátedra Livre de Direitos Humanos, da Universidade de Buenos Aires (AR), no período de março a julho de 2018. Através de uma perspectiva lúdica, o projeto visou potencializar jovens como promotores socioculturais, utilizando da Contação de Histórias como um instrumento para tal fim. Tendo como referência teórico-metodológica a emergência do protagonismo juvenil pela literatura (MAGISTRIS, MUÑEZA & VIÑAS, 2014) e a exploração do lúdico no âmbito grupal (VIÑAS, 2014), o projeto desenvolveu-se mediante a realização de uma prática territorial com jovens de Ensino Médio de uma escola pública do bairro Barracas, situado na periferia de Buenos Aires. A partir da implementação de oficinas de Contação de Histórias, houve uma capacitação (voluntária) de estudantes, tencionando o treinamento da prosódia, expressão facial, postura corporal e outros aspectos fundamentais que merecem atenção na prática da Contação. A concretização das oficinas resultou em uma gratificante atividade final de Contação para crianças da Educação Infantil, da mesma instituição. Com um protagonismo criativo e participativo, os resultados superaram a expectativa criada, tendo em vista tamanho empenho e envolvimento dos jovens na execução da atividade. A apropriação da literatura pelos jovens e o modo como ela foi transmitida às crianças resultou em uma vivência, de fato, muito exitosa. Foi nítida a presença da fruição literária tanto para contadores quanto para

espectadores; e o feedback realizado posteriormente corroborou as impressões tidas pelo grupo de treinamento. Fundamentada nessa experiência, ratificou-se a condição da literatura enquanto promotora de direitos socioculturais.

1.1.11- APANHADOR DE HISTÓRIAS: ESSAS COISAS QUE ACONTECEM

Vanderlei Barbosa – Departamento de Educação UFLA

O conjunto de textos aqui reunidos é fruto de experiência de vida na qual o autor foi apanhando suas histórias que foram brotando da rua, da universidade, da natureza, do cotidiano, dos eventos e dos acasos. Sua intenção foi a de retomar uma antiquíssima tradição presente nas relações cotidianas da infância e acrescentar a ela as experiências filosóficas, teológicas ou científicas e rediscuti-las em consonância com as situações sociopolítica, religiosa e cultural vivenciadas ao longo de 50 anos, cujo método foi o de botar reparo no cotidiano e seus inusitados. Apanhador de histórias: essas coisas que acontecem, é um projeto de pesquisa pessoal que tem como objetivo realizar uma discussão sobre a função humanizadora da memória, permeada pela a literatura, especialmente pela poesia e pela espiritualidade. Acredita-se na dimensão formativa da contação de história como ato instituidor da humanidade e capaz provocar reflexões sobre os valores do comportamento, com as finalidades e os motivos de suas ações ligadas ao melhor modo de viver e conviver. Daí a dimensão ética e estética da vida. O mundo contemporâneo transita em diferentes espaços do saber, buscando dar conta das novas formas de subjetividade e valorações no meio do frenesi da sociedade penetrada pela alta tecnologia, que se propaga de modo avassalador, provocando inquietações e insegurança. Nesse cenário, não se pode prescindir nem da investigação de valores éticos, nem da criação simbólica, nesse sentido, a pesquisa procura descrever e narrar essas coisas que acontecem com todos os seres humanos, mas para perceber isso é necessário educar o olhar e refinar a sensibilidade para a espantosa realidade das coisas. Apanhador de histórias: essas coisas que acontecem, envolve fatos vividos que transitam de experiências que envolvem mendigo, Papa, passarinhos e santos.

Palavras-chave: Cotidiano. Filosofia. Teologia. Poesia. Espiritualidade.

1.1.12- A RETEXTUALIZAÇÃO COMO POSSIBILITADORA DA TRANSFORMAÇÃO DE CONTOS LITERÁRIOS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Hellen Teixeira Silva – Graduanda UFLA
Isabela Vieira Lima – Graduanda UFLA

Os gêneros textuais formam o leitor de modo a capacitá-lo no reconhecimento de práticas discursivas, cabe ao professor ser um facilitador, um orientador no percurso textual. Faz-se

necessário levar para sala de aula gêneros que façam parte do cotidiano dos alunos, buscando ter resultados positivos na formação desses e no ensino do gênero. Esse estudo foi desenvolvido no âmbito do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e realizado através de uma sequência didática com vistas a apresentar aos alunos o processo de retextualização por meio do gênero conto e do gênero história em quadrinhos em turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II, com a utilização de obras de Monteiro Lobato. Realizou-se, em um primeiro momento, uma leitura conjunta dos contos escritos por Monteiro Lobato e a contextualização desses com os alunos, afim de transpassar diversos pontos que se fazem presentes nas obras e permitir que os alunos já os problematizassem e fossem desenvolvendo ideias para sua própria produção. Posteriormente, divididos em grupos, os discentes foram convidados a produzir HQ's que retextualizassem, de maneira ampla e livre, os textos lidos. O presente trabalho tem como embasamento teórico SCHNEUWLY e DOLZ (2004), MARCUSCHI (2002), SOARES (2007) e documentos curriculares como o PCN (1998). Portanto, constatou-se que houve o aperfeiçoamento e o aprimoramento das habilidades de leitura e escrita ao longo das atividades, até chegar à produção final, levando-o, dessa forma, a compreender os diferentes gêneros apresentados e a produzi-los de forma contextualizada, criativa, divertida e significativa. Além disso, foi possível observar como a transformação textual propiciou aos alunos uma maior capacidade de compreender a necessidade de produzir textos de acordo com as situações comunicativas.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Leitura literária. Formação leitor.

1.1.13- A LITERATURA INFANTIL SUGERIDA NO LIVRO DIDÁTICO DOS ANOS INICIAIS COMO PROMOÇÃO DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Fabricia Fatima de Sousa – Mestranda UFMG

O objetivo desta pesquisa é analisar os livros literários sugeridos no livro didático de Língua portuguesa, utilizado pela turma do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública, na perspectiva de aproveitamento dos livros literários como recurso de promoção do letramento literário. No desenvolvimento da pesquisa, metodologicamente estão sendo analisados os livros literários sugeridos no livro didático, como são abordados no decorrer do ano dentro da estrutura do livro didático, buscando responder indagações como: Qual a ênfase dada aos livros literários? Qual sua relação ou correlação com os conteúdos programáticos do livro didático? Os livros literários são utilizados somente como aporte para alfabetização? A pesquisa está sendo desenvolvida com análises do livro didático utilizado por uma turma em processo de alfabetização, de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte, com metodologias constituídas por análises, comparações de livros e documentos de registro da biblioteca escolar. Com base em autores como Paulino (2009), Cademartori (2010), Belmiro (2014), Cosson (2016), entre outros, e em uma pesquisa documental, verificamos como as sugestões dos livros didáticos contribuirão para o letramento literário. Dos resultados parciais da pesquisa, enfatizamos a importância de sugestões adequadas de literatura infantil nos livros didáticos adotados para uso dos estudantes dos anos iniciais e a disponibilidade dos livros literários na biblioteca escolar, possibilitando o acesso a eles.

Palavras-chave: Letramento literário. Alfabetização. Literatura infantil.

1.2- EIXO 2 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E EDUCAÇÃO INFANTIL"

1.2.1- O LIVRO BRINQUEDO E A LUDICIDADE NO PROCESSO DE LEITURA

Ludmila Magalhães Naves – Mestranda – UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação – UFLA

Partindo do pressuposto de que as crianças se encontram em uma fase do desenvolvimento em que as emoções e os sentidos são realçados, este trabalho teve como finalidade a análise das características que incitam a ludicidade no processo de leitura de livros-brinquedo infantis, desse modo foram explorados aspectos da materialidade de obras que oferecem predominantemente a oportunidade de interação com o objeto literário. Para a investigação foi utilizada a metodologia de análise bibliográfica que nos permitiu observar os meios e instrumentos empregados na composição das obras. Observou-se que a presença de elementos tridimensionais e interativos foram de grande importância para a conexão e aproximação da criança com o livro de forma a torná-lo algo divertido e possível de brincar. Percebe-se que tais elementos contribuem para manter a familiaridade do leitor com o mundo infantil, possibilitando a expressão de emoções e o despertar prazeroso de uma interação que implica essencialmente a liberdade. Para embasar a reflexão teórica, apoia-se nos estudos de Callois e Huizinga com conceitos sobre jogos, Luckesi sobre ludicidade, Brougère sobre o brinquedo, Girotto e Benjamin sobre infância e literatura, entre outros autores que contemplam as temáticas. Conclui-se que a liberdade presente nos momentos de interação entre o leitor e o livro assim como entre a criança e o livro-brinquedo, favorecem a compreensão leitora e pode aproximar a criança do objeto literário por oferecer novas possibilidades a partir de experiências lúdicas, portanto promovendo a proximidade entre a realidade da criança e seu imaginário estabelecendo relações de sentido.

Palavras-chave: Linguagem não-verbal. Livro-brinquedo. Contação de histórias. Materialidade.

1.2.2- CIRANDA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAR A LINGUAGEM ATRAVÉS DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS

Cristiane Sousa Santos – Escola Municipal Judite Alencar Marinho
Bernadete Mello – Escola Municipal Judite Alencar Marinho

A linguagem é algo que se apresenta logo cedo na vida do ser humano, isso significa que ao ingressar na escola, a criança já apresenta a linguagem própria da sua cultura familiar. E é na

escola que essa linguagem poderá ser estimulada através das palavras, dos gestos e do corpo. O seguinte projeto intitulado Ciranda da Leitura na Educação Infantil: Uma experiência de ressignificar a linguagem através dos Projetos Pedagógicos, é fruto de um trabalho vivenciado na Pré – Escola Municipal Judite Alencar Marinho, localizada na Cidade de Feira de Santana, que atende crianças na faixa etária de 3 á 5 anos, e tem o objeto de ressignificar a linguagem através da ludicidade, compreendendo a importância da socialização entre os atores e autores da escola, incentivando a troca de experiências entre as turmas e permitindo o desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, mostra-se também presente neste trabalho, as contribuições dos projetos pedagógicos, desenvolvidos nesta instituição, que oferecem as crianças um alicerce na construção do conhecimento. A ideia surgiu da experiência com cirandas, realizadas na sala de aula, por meio do Projeto Mala Viajante desenvolvido no grupo 04 e também nos momentos Lúdicos vivenciados no pátio da escola. Por acreditar na importância do brincar dentro do processo de aprendizagem, foi pensada A Ciranda da Leitura fazendo uma junção da leitura com a ludicidade, pois de acordo com Wajskop (1995), a brincadeira constitui uma atividade social infantil, desenvolvidas por crianças entendidas enquanto sujeitos históricos e sociais, marcados pelo meio social em que se desenvolvem, mais que também o marcam. Nesta perspectiva, o professor tem o papel de mediar esse processo, propiciando a criança esse aprendizado, o que nos remete a Zona de Desenvolvimento Proximal, ideia dialética proposta por Vygotsky, que segundo Ivic (2010) é definida como a diferença (expressa em unidade de tempo) entre os desempenhos da criança por si própria e os desempenhos da mesma criança trabalhado em colaboração e com assistência de um adulto. Diante de tal processo de mediação, os projetos desenvolvidos na sala de aula, contemplam a ideia da atividade social exercida através da ludicidade, já que os mesmos estimulam as crianças, a compreender o mundo relacionando seu conhecimento prévio com as pesquisas, debates e soluções de problemas apresentadas na sala de aula, permitindo que a criança construa seu conhecimento. Então, A Ciranda, se apresenta com a união e compartilhamento de conhecimento, pois ciranda é uma brincadeira infantil de origem portuguesa, na qual a roda é sua característica, que permite á todos (as) serem visualizados, garantindo sua presença sem que haja separação. Portanto, ao realizar a ciranda com as crianças, além de apresentar cantigas de roda do conhecimento popular, compartilhamos o que está sendo trabalhado nos projetos desenvolvidos na sala de aula, como também propicia que essa criança desenvolva sua oralidade e raciocínio lógico, compreendendo sua importância com ser integrado e integrante do ambiente escolar. Assim, ao valorizar as produções apresentadas pelas crianças, contribuimos para a formação de indivíduos reflexivos, críticos e participativos, buscando através do seu conhecimento prévio desvendar o mundo para o desenvolvimento da aprendizagem.

Palavras-chave: Linguagem. Socialização. Ludicidade. Educação Infantil.

1.2.3- “CONTOS DESENHADOS” RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A ILUSTRAÇÃO DE CONTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Paula de Oliveira Gomes – Mestranda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Este texto trata-se de um relato de experiência de práticas pedagógicas de uma turma da

educação infantil, em que utilizo a atividade contação de histórias diariamente. Aliando a contação de histórias ao desenvolvimento da criatividade do desenho infantil, utilizo o livro “Contos desenhados” de Per Gustavson (2011) para realizar atividades de construção e mediação do desenvolvimento infantil. Para apresentar este relato apoio-me nos estudos de Almeida (2003) sobre educação artística, Porche (1982) sobre o desenho, Derdyk (1994) sobre o desenho e o emocional infantil, Faria (2002) sobre desenho e oralidade, Leite (1998) sobre a sensibilidade no desenho e Vygotsky sobre a mediação a base teórico reflexiva é construída. Para a descrição da prática em diálogo com a teoria, apresento os resultados da observação e transcrição do momento da narração do conto, do desenho da professora, as intervenções orais das crianças e o resultado final dos desenhos.

Palavras-chave: Experiência. Educação Infantil. Contação de Histórias.

1.2.4- LEITURA COMPARTILHADA: DA MEDIAÇÃO LEITORA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Juliana Paula de Oliveira Gomes – Mestranda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Frente às diversas possibilidades de descrever o que se compreende por leitura, observamos, em estudos realizados pelo Núcleo de Estudos em Linguagem, Leitura e Escrita (NELLE), que os vários autores apresentam concepções diferentes para conceituá-la, mas com alguns pontos em comum. Diante disso, este texto tem como objetivo refletir sobre a atividade de leitura compartilhada, comparando e relacionando as orientações dos documentos oficiais sobre a leitura compartilhada, e os estudos teóricos sobre o ato de ler. Para subsidiar a reflexão teórica nos apoiaremos na concepção de linguagem de Bakhtin (2006), como processo enunciativo e interativo Chartier e Goulemot (1996), Freire (2001), Koch e Elias (2007) e Manguel (1997) na concepção de leitura, e os estudos de Cosson e Souza e Giroto sobre leitura literária e leitura na primeira infância, em interlocução com outros autores que discutem a temática da leitura.

Palavras-chave: Leitura. Linguagem. Contação de histórias.

1.2.5- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA FORMANDO LEITORES NA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

Juliane Francischetti Martins Motoyama – Pós-Graduanda FCT/UNESP
Renata Junqueira de Souza – Professora Universitária – Pedagogia FCT/UNESP

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre o trabalho de contação de histórias desenvolvido na Bebeteca da Escola Municipal Doutor Aziz Felipe com os bebês. O objetivo é discutir como a oralidade pode ser o fio condutor das histórias para o repertório de crianças ainda muito pequenas, no estímulo para ler convencionalmente. Metodologicamente tem-se

um estudo de caso com abordagem qualitativa, no qual o universo da pesquisa é a referida Bebeteca e seus sujeitos: professoras, educadoras, crianças e famílias frequentadoras do espaço. O projeto “Do colo à roda de histórias: práticas de leitura para a educação literária” é desenvolvido com o apoio de alunos bolsistas do Núcleo de Ensino sob a coordenação da Professora Dr. Renata Junqueira de Souza e consiste em realizar semanalmente intervenções com contação de histórias para bebês do berçário II e observar a recepção às narrativas, bem como às interações que se estabelecem com o espaço e com os livros através da relação que as crianças construíram com a literatura que lhes chegou pela oralidade. A pesquisa fundamenta-se em referenciais teóricos como Girotto e Silveira (2013), Mukhina (1996), Senhorini (2008), Parreiras (2009; 2012), Prades (2012), Souza e Bortolanza (2012) e Vygotsky (1989). Por ser um trabalho em constante desenvolvimento ainda não temos resultados finais, mas alguns apontamentos já podem ser feitos a partir do que se tem observado ao longo do ano em que as crianças participaram de tais intervenções. Os bebês passaram a aceitar o objeto livro em seu cotidiano não apenas como um brinquedo, mas como algo que lhes traz prazer e é possível observar o comportamento leitor com menos choro, mais interação com os livros e satisfação em momentos de contação e leitura. Essas ações estão servindo como base para compreender como os bebês são capazes de desenvolver outros modos de leitura e expressão.

Palavras-chave: Infância. Leitores. Formação.

1.2.6- A LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SUAS IMPORTÂNCIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA

Edna Cristina Dos Santos Moreira – Graduanda
Francislaine Ávila de Souza – Mestranda em Educação UFLA

O presente trabalho teve como objetivo problematizar a contribuição da literatura, por meio da contação de histórias, na formação de futuros leitores identificando as suas importâncias e contribuições no cotidiano da criança, principalmente no ambiente escolar. Apresentou-se um projeto de intervenção, traçando caminhos que possam contribuir para que as crianças adquiram o hábito e o gosto pela literatura, e que, envolvidos numa relação de interação com a obra literária, encontrem significados no que foi lido, compreendendo o texto e relacionando-o com o seu contexto social-cultural. Buscou-se ainda, propor respostas para questões ligadas à aquisição da língua e linguagem, onde as reflexões produzidas possam fazer parte do contexto referente à Literatura Infantil. A metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho foi uma revisão bibliográfica em livros, artigos, periódicos, revistas especializadas, materiais disponíveis na internet de autores, que pesquisaram a temática, problematizando como os professores concebem e trabalham a literatura infantil nas escolas de Educação Infantil. Espera-se que este trabalho possa ser uma ferramenta útil no processo de renovação da escola com urgentes necessidades, transformações e adoção de novos paradigmas. O embasamento teórico da pesquisa bibliográfica respaldou-se principalmente nas postulações de Oliveira e Spíndola (2008), Mateus et al (2014), nos Parâmetros Curriculares para a Educação Infantil (PCNs), no Referencial Curricular para a Educação

Infantil (RCNEI), entre outros. O desenvolvimento do projeto se deu de forma interdisciplinar, em que foram abordados em todos os eixos indicados no RCNEI e a avaliação se deu por observação e registro da participação individual e coletiva nas atividades propostas.

Palavras-chave: Formação. Leitura. Contação de histórias.

1.2.7- CONTAÇÃO E PROFERIÇÃO DE HISTÓRIAS PARA BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Kenia Adriana de Aquino Modesto Silva – Doutoranda UFJ e UNESP
Renata Junqueira de Souza - Professora – UNESP/Pres. Prudente

Este texto apresenta como tema central: a narração de histórias para bebês, ou seja, os pequenos de zero a 1 ano e 6 meses, e para as crianças bem pequenas, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, (MEC/BNCC, 2018). Sendo assim, objetiva descrever e analisar as possibilidades desenvolvidas para se narrar histórias para a primeiríssima infância, planejando-se o contar e o dizer, isto é, o “ler em voz alta”, como ações distintas e a partir das estratégias de leitura (SOLÉ, 1998; GIROTTO e SOUZA, 2010) e de quatro dimensões: 1) a espaço-temporal, 2) a modal, 3) a objetual, 4) a relacional. O planejamento é importante, pois dizer ou contar uma história exige que se prepare adequadamente o como narrar e o espaço onde será narrado, criando um ambiente propício à audição e à imaginação, além disso, o mediador também precisa estabelecer vínculos afetivos com sua “plateia”, visto que essa afetividade gera segurança, principalmente quando os ouvintes são bebês e crianças bem pequenas. Tendo como base parte de um estudo de caso etnográfico realizado em nível de doutoramento na cidade de Presidente Prudente/SP, este trabalho apresenta dados da pesquisa de campo que descreve e explica algumas possibilidades de planejamento e mediação para a partilha do texto literário com os pequenos matriculados em creches. Como resultados evidenciam-se: a atuação dos pequenos nas sessões mediadas de leitura; a construção de novas relações seja com o espaço, seus pares, a mediadora, com o objeto livro ou com a narrativa; a apresentação de maior autonomia na seleção de livros e nos momentos de “leitura silenciosa”, entre outros ganhos.

Palavras-chave: Proferição para bebês. Contação para bebês. Leitura na primeiríssima infância. Estratégias de leitura.

1.2.8- AS HISTÓRIAS QUE AS IMAGENS CONTAM – LEITURA DE IMAGENS E LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Caroline da Cunha Moreno Dorado – Pedagoga –
Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto.

No cotidiano das escolas de educação infantil, as práticas de leitura e contação de histórias possuem lugar garantido: estão presentes em rodas de leitura com os livros, com recursos

materiais como objetos e fantoches, nas encenações teatrais e nas narrativas orais. Nesse cenário, o objeto livro pode ou não ocupar o papel central. O presente trabalho possui como foco as práticas de leitura envolvendo o objeto livro e, mais precisamente, a maneira como as ilustrações são abordadas nesses momentos de leitura literária. Fundamentado sobre a perspectiva da análise de discurso francesa, o presente trabalho compreende a imagem enquanto materialidade discursiva e, portanto, como materialidade significante no processo de leitura. Cumpre salientar que, para o referido constructo teórico, a leitura é uma prática que vai além da simples decodificação de um sentido que se supõe ser o do texto, admitindo o atravessamento histórico e ideológico que constitui a linguagem e todas as práticas que a envolvem. Dessa forma, a leitura, para a perspectiva discursiva, é compreendida no âmbito da produção de sentidos. Amparado por esses pressupostos, o objetivo das reflexões ora propostas consiste na investigação do papel das imagens e ilustrações nos processos de produção de sentido nas práticas da leitura literária nos espaços de educação infantil. Utilizando como recurso contribuições da pesquisa de mestrado em educação que teve como objeto investigativo a leitura de imagens na educação infantil, o presente trabalho apresenta também alguns resultados de pesquisa que demonstram situações de práticas de leitura envolvendo imagens em sala de aula, em escolas de educação infantil de um município do interior de São Paulo. Por fim, busca, por meio das investigações e reflexões propostas, ressaltar a importância da proposição de práticas de leitura de qualidade para além dos aspectos verbais da obra literária.

Palavras-chave: Imagens. Leitura. Educação Infantil.

1.2.9- A LEITURA LITERÁRIA EM HISTÓRIAS NARRADAS

Cláudia Roquini Nascimento – Graduanda UFLA

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que já sabe sobre a língua e características do gênero, do portador ou do sistema de escrita. Este estudo possibilitou entender o quanto à atividade de leitura pode ser compreendida em perspectivas diferentes, trazendo a realidade das escolas tem-se uma aproximação com a cultura, com o mundo, as experiências das crianças, por meio delas, os textos lidos são apreendidos e levados para a sua vida. O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de um estudo de caso, que se propôs a compreender a importância da mediação dos professores durante a atividade de leitura, com o propósito de descrever como a ação leitora para crianças na primeira infância é compreendida e definida por diferentes autores. Apresentamos os resultados de pesquisa qualitativa, tendo como procedimento metodológico um estudo de caso, priorizando como ação investigativa a observação, o acompanhamento e a análise de atividades de leitura de uma turma de educação infantil com crianças de 3 a 4 anos em uma creche da cidade do Sul de Minas Gerais. Como referencial teórico foram utilizados, Vygotsky (1998, 2008) sobre a mediação pedagógica e Cosson (2006) sobre a leitura literária, Goulemot (2001), Manguel, (1997), Queirós (2012) que discutem sobre o ato de ler.

Palavras-chave: Narrativas. Leitura literária. Educação infantil.

1.2.10- (RE) LER MUNDOS E PALAVRAS: LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Kátia Batista Martins – Professora do Nedi/UFLA
Franciane Sousa Ladeira Aires – Professora do Nedi/UFLA

O texto em tela trata-se de um ensaio que busca compreender o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita no contexto da Educação Infantil, tendo como suporte o material usado no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), de professoras da Educação Infantil, bem como a Base Nacional Comum Curricular. Com o intuito de valorizar as infâncias e suas produções culturais, como também respeitar as crianças como sujeitos protagonistas e agentes no e com o mundo, este ensaio é fundamentado pelos estudos da Sociologia da Infância. Sua composição metodológica pauta-se sobre o estudo bibliográfico, privilegiando-se a compreensão dos eixos conceituais que embasam a discussão sobre linguagem, leitura e escrita na Educação Infantil em perspectiva das culturas infantis. Como uma práxis vinculada à criticidade, as concepções e práticas de leitura e escrita são aqui discutidas em seu viés criador, o que permite a criança assumir-se como presença no mundo e engajar-se, responsabilmente, em movimentos produtores e transformadores de suas culturas. Os mundos e as palavras (re)lidos podem destacar a inteireza constituinte das crianças, perpetuando suas contrapalavras, suas responsabilidades, frente ao uso da linguagem, à curiosidade e à colaboração, instigando-as a serem gente e agente, em suas singularidades e em sua pluralidade. As práticas que envolvem leitura e escrita no contexto da Educação Infantil são dimensões dialeticamente interligadas no processo de desenvolvimento da linguagem da criança e contribuem para o processo de (re)ler mundo e (re)ler palavras. Sendo assim, deve-se respeitar o direito da criança de ter acesso ao mundo das linguagens sem se desvincular-se do ser criança.

Palavras-chave: Educação Infantil. Práticas de leitura e escrita. Linguagem.

1.2.11- AS CRIANÇAS COMO CONTADORAS DE HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE DE CENAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Raquel Santos Faria Vieira – Professora da rede municipal de Itumbiara/GO
Juliano Guerra Rocha – Professor da rede municipal de Itumbiara/GO
Tatiana Mortosa Faria Silva – Professora da rede municipal de Itumbiara/GO
Poliana Boel Ferreira – Professora da rede municipal de Itumbiara/GO

A criança, desde a vida intrauterina, se desenvolve por estímulos. Assim que nasce, começa o processo de reconhecimento e leitura de todos os aspectos que estão a sua volta e, conseqüentemente, a produção de gestos resultantes dessas leituras que vêm fazendo. Considerando que a aprendizagem parte de uma premissa sociointeracionista, defendemos que a criança ao ser introduzida na Educação Infantil, recebe mais intensamente os estímulos para o seu desenvolvimento. No que tange à literatura e contação de histórias, a criança as ouve e as reconta durante seu convívio diário com adultos e demais crianças. Diante

disso, esse trabalho problematiza: como se dá o processo de formação de uma criança contadora de histórias? Como a Educação Infantil influencia na formação dessa criança? De que maneira o professor vê refletida suas ações na criança? Dessa forma, esse texto tem como objetivo analisar como as crianças da Educação Infantil (re)contam histórias em ambientes escolares, observando as marcas da escolarização nesses atos. A investigação deu-se por meio de observação de cinco cenas de recontos por crianças, capturadas em vídeo, em ações e trabalhos cotidianos de uma instituição da rede municipal de ensino de Itumbiara-GO. A metodologia é de cunho qualitativo, assumindo caráter descritivo-interpretativista, tendo como referencial teórico as contribuições do círculo de Bakhtin, a Semiótica de Barthes e os estudos no campo da literatura infantil. Ao final, discorreremos sobre a importância e influência de um professor leitor, que estabelece com a criança um vínculo afetivo tão especial, despertando nela a paixão por (re)contar histórias.

Palavras-chave: Educação infantil. Afetividade. Contação de histórias.

1.2.12- FORMANDO CONTADORES DE HISTÓRIAS PARA BEBÊS: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Raquel Santos Faria Vieira – Professora da rede municipal de Itumbiara/GO
Juliano Guerra Rocha – Professor da rede municipal de Itumbiara/GO
Tatiana Mortosa Faria Silva – Professora da rede municipal de Itumbiara/GO
Poliana Boel Ferreira – Professora da rede municipal de Itumbiara/GO

Um dos modos de o bebê explorar e se aproximar da literatura é por meio das suas vivências nas brincadeiras, narrações e leituras. Logo, partindo da premissa de que a criança desde a mais tenra idade é leitora e escritora de textos, e tomando como ponto de partida a teoria discursiva do círculo de Bakhtin e da Semiótica de Barthes, esse texto é um convite para pensarmos em experiências literárias para bebês em ambientes escolares. Nesse sentido, como contar histórias para bebês? Quem as conta? Por que é importante contar histórias na Educação Infantil? Quais os saberes necessários para subsidiar as práticas de contação de histórias para e com os bebês? Dessa maneira, o presente trabalho tem por objetivo compartilhar e analisar as experiências na formação de profissionais da Educação Infantil para atuarem na contação de histórias para bebês, no âmbito da Rede Municipal da Educação de Itumbiara/GO. Essa investigação adotou como metodologia a pesquisa participante, na medida em que as ações para coleta de dados buscaram romper com ideias herméticas construídas sobre as práticas de leitura na Educação Infantil. Ao final, discorreremos sobre a importância de espaços lúdicos e interativos nas creches, não restritos a questão de materiais e estruturas físicas, e sim, na proposição de ambientes que desenvolvam uma nova concepção do bebê, como ser que interage com o outro e consigo por meio da imaginação de contar e se encantar com narrativas literárias. Apontamos, também, a necessidade premente de mudar as concepções com relação a leitura e escrita na Educação Infantil, percebendo a criança como protagonista de seu conhecimento e produtora cultural.

Palavras-chave: Educação infantil, formação de leitores, contação de histórias

1.2.13- “QUANDO VAMOS BRINCAR COM AQUILO?”: O USO DE FANTOCHES PARA A CONSTRUÇÃO DE HABILIDADES ORAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Breno Alvarenga Almeida – Mestrando UFLA

Com a atualização da Base Nacional Comum Curricular, as/os educadoras/es da Educação Infantil assumem um papel de observação, fazendo com que a criança ocupe um posicionamento protagonista nas atividades. Tais ações devem ser planejadas a partir das observações realizadas. Ressalta-se que nessa etapa da educação básica, a principal atividade da criança é a brincadeira, adquirindo, dessa maneira, os direitos de aprendizagem previstos. Diante disso, torna-se necessário que a/o profissional da Educação Infantil atue como um sujeito brincante. Partindo dessas interfaces, propõe-se no presente trabalho problematizar a organização e elaboração de ações da biblioteca voltada para as infâncias, com foco na utilização de fantoches para o desenvolvimento de habilidades orais. A pesquisa surge no momento em que o autor, profissional da educação, é questionado por crianças da Educação Infantil de uma escola da rede pública do sul de Minas Gerais sobre o uso dos fantoches, que estavam sendo utilizados para decoração do ambiente. Por meio da inquietação das crianças, desenvolveram-se atividades de manuseio e interação com os fantoches, buscando observar e mediar às situações com finalidade de construir narrativas e desencadear expressões corporais e linguísticas no público alvo. Ancora-se em estudiosos pós-estruturalistas para problematizar ações iniciais das crianças como mordida, beijo e brigas, dialogando com autoras/es da temática como Cynthia Girotto, Renata de Souza e Walter Benjamin, que traz significado às imagens como despertadoras da palavra na criança. O resultado da pesquisa permitiu levantar questionamentos acerca dos espaços escolares, da formação docente e da importância do desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita a partir da ludicidade e brincadeiras.

Palavras-chave: Criança. Infância. Educação Infantil. Brincar.

1.2.14- DIREITOS SOCIAIS E REVISTAS INFANTIS

Jucilaine Neves Sousa Wivaldo – Mestranda UFLA

Os direitos sociais são fundamentais para que os indivíduos possam vivenciar condições de igualdade, contribuindo para uma vida digna onde a proteção e garantias são amparadas pelo Estado de Direito. No entanto, diariamente ouvimos no rádio ou vemos na TV e mídias sociais sobre esses direitos serem infringidos. Nesse sentido, é fundamental trabalhar cotidianamente o respeito ao idoso e pessoas com deficiência, a necessidade de combater os diversos tipos de violência, o trabalho infantil. Este educar pode acontecer de maneira lúdica e envolvente utilizando revistas infantis. Ademais, foi adotado como procedimento metodológico a análise de discurso do corpus constituído por peças publicitárias impressas de revistas infantis publicadas pela Editora Amigos criteriosamente selecionadas. A qual tem como temas centrais a violência contra mulher, o trabalho infantil, a população em situação de rua, medidas socioeducativas, violência sexual contra crianças e adolescentes a violência contra idoso e inclusão. A revista por meio de uma linguagem fácil, bastante ilustrada e colorida abordam

temas fundamentais para as relações sociais. Alguns deles ainda pouco discutido no ambiente escolar, pois muitas das vezes as disciplinas não apresentam transdisciplinaridade, ou seja, foca-se no conteúdo e não contempla a violência contra mulher, idoso, entre outros assuntos. Talvez até mesmo os livros didáticos sejam organizados sem pensar nessas questões essenciais a vida humana. Neste sentido, as revistas tem um papel fundamental na educação infantil sobre tais assuntos. Assim, os pais e as escolas ou outros espaços podem utilizá-las como estratégia educativa. Nota-se que as revistas não apresentam nenhum tipo de propaganda que estimulem o consumo de produtos tendo como foco central determinado tema, ou seja, não apresenta ao que se assemelha ao merchandising o qual é atualmente proibido. A abordagem desses temas permitem as crianças crescerem empoderadas sabendo dos seus direitos e o importância do respeito ao outro.

Palavras-chave: Revistas infantis. Dificuldades. Infâncias. Narrativas.

1.2.15- A LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA CRECHE

Edna Cristina dos Santos Moreira – Graduanda – Professora do Cmei Dona Janice
Lívia de Souza Tanus Azarias – Mestranda - UFLA

Com o início do ano letivo, inicia-se também a readaptação das crianças que já frequentam a escola, bem como a adaptação de outras que estão, pela primeira vez, sendo inseridas nesse grupo social. Considerando a importância deste momento de transição para todos os envolvidos neste processo, o presente trabalho teve como objetivo questionar sobre a contribuição da literatura, por meio da contação de histórias, como ferramenta importante no processo de adaptação dos bebês na creche, mediante ações pedagógicas que confrontem as implicações teóricas com as práticas cotidianas do berçário do CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) nepomucenense, a fim de tornar esse momento o mais prazeroso possível para todos. A metodologia de pesquisa partiu de um relato de experiência, estudos teóricos e de um projeto de intervenção que foi proposto e realizado no ano de 2015. Nesse sentido fundamenta-se teoricamente nas propostas do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, de Rapoport e Piccinini (2001), Reyes (2010), Ortis (2010), entre outros autores que discutem as especificidades da criança pequena e seu processo de socialização, sua introdução em outros grupos sociais, assim como da importância da literatura na primeira infância. Os resultados e discussões acerca da adaptação e acolhimento na instituição educacional supra citado comprovaram que este é um processo complexo e que exige muita dedicação, comprometimento e estratégias que facilitem a inserção de bebês na escola, sem maiores sofrimentos para os envolvidos, além de uma formação continuada por parte dos profissionais que trabalham com essa faixa etária.

Palavras-chave: Educação infantil. Literatura. Contação de histórias.

1.2.16- EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Mayra Alejandra Contreras Madrigal – Mestranda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Este texto traz uma reflexão sobre as experiências de leitura adquiridas pela interação criança-pai. O objetivo do trabalho foi avaliar como através da leitura pode se potencializar a criatividade, e fortalecer o vínculo afetivo entre pai e filho. Segundo estudos de Vygotsky e Wallon os primeiros anos de vida são constituídos por períodos de intenso aprendizado nos quais se assentam as bases do aprender. Nesse período, o atendimento educacional e afetivo tem um impacto positivo no processo de desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Estratégias de comunicação na fase pré-natal e pós-natal como canções de ninar, versos ditos ou cantados e inclusive a entonação de quem fala ou canta são de extrema importância porque permitem às crianças começar uma relação com o mundo que os rodeia, apoiando-se especialmente no afetivo. Embora pareça estranho, a partir da primeira infância, é importante ajudar às crianças a estabelecer um relacionamento agradável com a leitura. Este texto apresenta um relato de experiência de um trabalho realizado em uma creche, a partir da contação de histórias de livros de literatura infantil por parte dos pais a seus filhos. Os dados foram obtidos por meio de observações das atividades desenvolvidas pelos participantes e anexados a um caderno de anotações onde se levou um registro de todo o observado em cada encontro realizado. Os resultados deste relato de experiência mostraram um maior vínculo afetivo entre os indivíduos, além de melhorar a capacidade de interpretação e criatividade das crianças quando os pais mostraram imagens alusivas nos livros infantis.

Palavras-chave: Vínculos afetivos. Primeira infância. Leitura

1.2.17- “O QUE NÃO CABE NO MEU MUNDO”: UM OLHAR PARA A LUDICIDADE E A LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Kelly Suzane Pereira de Andrade
Maria do Rosário Henriques Barbosa

O trabalho traz uma revisão bibliográfica a cerca da importância da ludicidade e da linguagem mediada pelo lúdico, através dos estudos de Vygotsky, Rojas, Oliveira e Goulart, nas interações pedagógicas apresentadas e desenvolvidas nas salas de aula das escolas infantis. Apresenta uma ação prática de mediação da leitura literária, com crianças de 4 e 5 anos, em uma creche no município de Pouso Alegre, MG, que de acordo com Batista, deve permear o cotidiano das práticas pedagógicas da Educação Infantil, fase extremamente importante no desenvolvimento da criança, visto que é aí que se constrói e desenvolve a autonomia, a identidade e a linguagem da criança. Busca-se, desse modo, apresentar reflexões acerca da real importância da ludicidade e da linguagem de forma lúdica na vida da criança de modo a contribuir com o trabalho pedagógico desenvolvido nessa fase da Educação Básica, elucidando o aspecto da linguagem interativa mediada pela ludicidade e seus benefícios ao processo de desenvolvimento e aprendizagem escolar, além da formação de indivíduos

preparados para viver, crítica e criativamente, em sociedade.

Palavras-chave: Ludicidade. Linguagem. Literatura. Educação Infantil.

1.3- EIXO 3 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E ALFABETIZAÇÃO"

1.3.1- VIVENCIANDO O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PELO VIÉS DA CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

Joselma Silva – Mestranda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

O presente texto trata-se de um relato de experiência que aborda a literatura como um instrumento essencial para o desenvolvimento das atividades de leitura e escrita no espaço escolar que tem por objetivo apresentar um projeto de leitura literária desenvolvido com a finalidade de potencializar as habilidades linguísticas no processo de alfabetização, além de promover uma reflexão sobre valores básicos à formação das relações humanas. Envolvendo estudantes de uma turma do 2º ano do ensino fundamental em uma escola pública da rede municipal da cidade de Lavras, o trabalho com a leitura literária foi conduzido pelo conto “A Bonequinha Preta” de autoria de Alaíde Lisboa de Oliveira. Em seguida, foram realizadas atividades com as crianças em sala de aula entre as quais foram oficinas, leituras, roda de conversas e produção textual. Os referenciais teóricos que fundamentam a reflexão teórica do relato de experiência se pautam nos estudos de Soares (2008), a respeito do processo de alfabetização e letramento, de Cosson (2007), Goulart, sobre a leitura literária para crianças, dentre outros que discutem a temática. A partir dos resultados das atividades desenvolvidas foi possível perceber a interação, o interesse e a aprendizagem das crianças por meio de uma ferramenta encantadora que é a história.

Palavras-chave: Leitura literária. Literatura Infantil. Alfabetização.

1.3.2- PERSONAGENS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Bárbara Marta da Silva – Professora da E. M. Maestro Adhemar Campos Filho

O artigo tem por objetivo apresentar uma análise do tema Personagens no processo de Alfabetização e Letramento, em uma perspectiva dialógica com a Literatura e a sua influência no ensino e aprendizagem. Pretende-se verificar quais as relações educacionais, como práticas sociais de leitura e de escrita, que se estabelecem a partir do contato de crianças com os personagens que lhes são favoritos, bem como compreender como a Literatura reflete sobre o letramento, o ato de alfabetizar e de ressignificar as experiências dos educandos, além de identificar as representações socioculturais e identitárias de narrativas que possuem o personagem como um herói ou um ídolo, no que tange à atribuição de significados ao universo

infantil. Para tal, a análise foi embasada nos pressupostos teóricos da educação libertadora (FREIRE, 2011) e nos princípios da conscientização (FREIRE, 2016), sendo assim utilizou-se também conceitos, de outros autores relevantes, que valorizem a criança e as suas singularidades, e que respeitem a sua liberdade e as suas paixões, reconhecendo-a como atuante de sua aprendizagem; além de estudos sobre a Alfabetização, o Letramento, a Literatura, a criança e o papel da personagem no contexto escolar. O corpus da pesquisa é constituído por uma personagem o Steve ou “Minecraft”, que alguns educandos escolheram e que são seus motivadores, inserido na prática educacional. Cabe salientar que, através do contato com tais personagens de seus interesses, por meio de conteúdos e de práticas pedagógicas, as crianças adquiriram experiências sociais significativas e de aprendizagem que modificaram as suas percepções, resultando em saberes harmônicos com as suas vivências.

Palavras-chave: Personagens. Literatura. Alfabetização. Letramento. Interesse da criança.

1.3.3- OFICINA DE LEITURA E RECONTO/CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COM DEDOCHE: UMA APOSTA DE ATIVIDADE COM CRIANÇAS DO 2º ANO DE ALFABETIZAÇÃO

Rita Cássia de Oliveira – Mestranda UFLA

Ludmila Magalhães Naves – Mestranda UFLA

Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Este trabalho trata-se de um relato de experiência de uma oficina de leitura e reconto/contação de histórias a partir do uso de dedoches, realizada com crianças do 2º ano de alfabetização, do Ensino Fundamental I, de uma escola da rede pública municipal de ensino da cidade de Lavras, Minas Gerais, durante o primeiro semestre de 2018. O relato pauta-se na importância da leitura literária no percurso de formação de leitores e concebendo a atividade de ler como processo de construção de sentidos, que ocorre na interação entre autor, texto e leitor, compreendemos que as práticas educativas a partir da literatura infantil requerem um espaço/tempo privilegiado em sala de aula, de modo a proporcionar uma experiência significativa com a atividade leitora. Neste sentido, as ações descritas no relato partem do pressuposto de que as atividades com a leitura literária podem ser desenvolvidas em uma sala de alfabetização, buscando a aproximação da criança com o livro de literatura infantil e o incentivo ao hábito da leitura em uma turma na qual a maioria das crianças ainda não lê com fluência. Diante disso, elaboramos uma proposta de oficina de leitura e de contação de histórias com fantoches, confeccionados pelas próprias crianças. Como embasamento teórico para a reflexão das atividades com leitura e reconto/contação de história buscou-se uma adequação à perspectiva de letramento de literário defendida por Rildo Cosson e Tereza Colomer. A proposta da oficina que teve como objetivo incentivar e desenvolver o prazer pela leitura, desenvolveu estratégias de compreensão do texto, por meio de atividades significativas e motivadoras, que envolveu ativamente as crianças em todos os momentos, desde a leitura da história ao reconto pelas crianças com os dedoches.

Palavras-chave: Oficina literária. Educação infantil. Contação de histórias.

1.3.4- AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A APRENDIZAGEM DE ALUNOS NÃO ALFABETIZADOS NA IDADE CERTA

Neilma da Silva Bispo – Professora da Escola Municipal Heribaldo Dantas

Este trabalho objetiva analisar as contribuições da contação de histórias para o processo de ensino e aprendizagem de alunos não alfabetizados na idade certa, e para o fortalecimento dos laços afetivos entre colegas, como também com a professora. É fato que, no nosso país, muitos estudantes concluem o ciclo destinado à alfabetização, sem estarem plenamente alfabetizados. Isso pode comprometer gravemente o futuro desses estudantes, além de favorecer seu isolamento e enfraquecer sua estima. As histórias despertam emoções, estimulam a imaginação e representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, afetivos e educativos. Neste sentido, é importante que essa ferramenta seja utilizada na sala de aula para o desenvolvimento dos alunos, motivando-os a se tornar leitores, no sentido amplo da palavra. Este trabalho está sendo desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com uma turma de alunos com idade entre 10 e 13 anos, de um projeto de intervenção em alfabetização, numa escola da rede municipal da cidade de Itabuna, no estado da Bahia. Para sustentar este artigo, toma-se por base Kleiman (2001), Cosson (2016), Bamberger (2000), Solé (1998), Smith (1999), Braga (2009), Ferrarezi e Carvalho

(2017), Coelho (2002), Pennac (1993), Busatto (2004), dentre outros. Contar histórias não é uma tarefa simples, especialmente para os alunos com idade avançada, a contação de histórias exige técnicas, habilidades e disposição. Assim, apresentar reflexões sobre as contribuições da contação de histórias para o ensino e aprendizagem convida a pensar numa educação mais humana e significativa, pautada nas vivências e experiências estéticas entrelaçadas às práticas orais.

Palavras-chave: Alfabetização. Contação de Histórias. Ensino-Aprendizagem.

1.3.5- CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E OS ESTÍMULOS DA ALFABETIZAÇÃO

Laila Resende Lara – Graduanda UFLA

Luana Cristina Aparecida Santiago – Graduanda UFLA

Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

A contação de história é algo comum na modernidade, visto que, refere-se ao ato de narrar histórias. O presente texto, trata-se da importância da contação de história e sua contribuição na Alfabetização de crianças entre 6 e 11 anos, apesar de muitas vezes ser uma conduta pouco utilizada, por efeitos causados pela impaciência de ouvir o outro e simplesmente porque são raras as pessoas que sabem narrar devidamente, de maneira espontânea, não permitindo ao receptor interesse por aquilo que ouve. Diante disso, o objetivo deste, é observar como funciona esta prática desenvolvida em instituições de educação básica da cidade de Lavras, permitindo aos discentes e docentes uma “viagem” ao mundo encantado dos livros e para além deles, permitindo a descoberta da recriação enquanto ouve as narrações. Para tanto, partiremos do pressuposto da contação de história por meio de apresentação teatral, já realizada em

algumas escolas da região, que nos permitiu uma grande interação com o público alvo e a percepção de como reagem quando é apresentado algo que muitas vezes é considerado inovador, além de mostrar aos docentes que eles podem usar em suas contações a diversidade artística, como o teatro, a dança, o canto, entre outros, abusando da imaginação. Neste contexto, seguiremos os ideais de Walter Benjamin (1935) e Cleomari Busatto (2005) que dizem a respeito das narrações e como o narrador deve se apossar destes princípios para o desenvolvimento da criatividade de seus discentes e de si próprio. Mediante as observações feitas até o momento, foi possível notar o interesse das crianças para com a apresentação teatral, passando a ideia de que os resultados da atividade permitem interação com os objetos levados e participação ativa dos ouvintes.

Palavras-chave: Contação de história. Crianças. Alfabetização.

1.4- EIXO 4 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE"

1.4.1-A LEITURA LITERÁRIA E A MATERIALIDADE PRESENTE NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM DEDOCHES

Ludmila Magalhães Naves – Mestranda UFLA

Rita Cassia de Oliveira – Mestranda UFLA

Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação – UFLA

A partir da concepção da linguagem como forma de interação e expressão nas relações humanas, destaca-se a imagem como uma manifestação concreta do não-verbal. Tomando a atividade de leitura de imagens como um ato intenso de produção de sentidos, considera-se o ato de ler como uma forma de expressão e interação social. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência da formação continuada a partir da criação de dedoches como um recurso para produção e narração de histórias que contribui para o envolvimento dos sujeitos no momento de contação de histórias. Para a investigação utiliza-se a metodologia de análise documental e toma-se como base teórica os estudos de Goulemot, Koch e Elias sobre leitura, Ramos, Giroto e Souza sobre imagem, materialidade e literatura infantil, autores que nos permitem observar os meios e instrumentos empregados na constituição dos elementos que irão compor o momento literário. A construção do material se deu a partir de um curso de extensão realizado na Universidade Federal de Lavras, intitulado Leitura literária e contação de histórias com dedoches, em que cada cursista criou manualmente seu próprio kit de dedoches. O curso trabalhou a identificação das potencialidades do uso e criação de materiais que enriquecessem a técnica de contação de histórias intercalando conteúdo teórico e aulas práticas. Conclui-se que o ato de contação de histórias combinado à criação de dedoches permitem que imagem e palavras, contador e ouvinte, autor e leitor dialoguem entre si, o que possibilita um maior envolvimento entre o adulto, a criança e a história, compreendendo, portanto, que a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos.

Palavras-chave: Leitura Literária. Linguagem verbal e não-verbal. Formação docente.

1.4.2- FORMAÇÃO DOCENTE: HORA DE DIFERENCIAR O LER E O COMENTAR

Claudia Leite Brandão – Doutoranda UNESP - Presidente Prudente/SP
Márcia Prevedello – Professora formadora SEDUC/CEFAPRO/MT
Renata Junqueira de Souza – Professora Universitária UNESP - Presidente Prudente/SP

A leitura e a contação de histórias se constituem como práticas capazes de criar possibilidades para a formação leitora. Dessa maneira, é fundamental que professoras/es compreendam o desenvolvimento de cada ato, seja o de ler ou de contar. Há que se considerar que docentes são os principais mediadores, sendo responsáveis por despertar o interesse das/os alunas/os para se adentrarem e permanecerem em situações de leitura. Sintonizado com esse apontamento, este trabalho tem como objetivo apresentar/discutir as concepções que os docentes têm acerca das atividades de leitura, seja na leitura e contação. Para isso, por meio da abordagem qualitativa, na perspectiva de estudo de caso, pesquisamos a formação intitulada Ler ou Contar: É hora de diferenciar realizada no ano de 2018, com as/os professoras/es do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, de Primavera do Leste, Mato Grosso. Para tanto, tomamos como referencial teórico os/as seguintes autores/as: Cândido (1995), Giroto e Souza (2010), Solé (1998), Abramovich (1997), entre outros/as. Os encontros formativos tiveram como princípio promover conhecimentos teóricos e práticos sobre atividades de leitura e contação, pois consideramos que as/os mediadoras/es devem conhecer e vivenciar estas práticas, fato caracterizado por Abramovich (1997) quando expõe que para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz e que para ler também não se pode fazer de qualquer jeito. Nesta direção, os resultados corroboram com a pesquisa organizada por Moriconi (2017) quando expõe a importância do processo formativo propiciar que os docentes experimentem as abordagens propostas na formação, reflitam sobre essa experimentação, troquem suas impressões com o grupo e assim possam consolidar os conceitos e práticas aprendidos.

Palavras-chave: Formação docente. Leitura. Contação de histórias.

1.4.3- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UM PROJETO DE INCENTIVO À LEITURA

Eliane Pereira Machado Soares – Professora Universitária UNIFESSPA
Marluce Cunha Rodovalho Caetano – Professora da Rede Pública Municipal de Ensino
- Marabá-PA
Cleudimar Lima Silva – Professora da Rede Pública Municipal de Ensino - Marabá-PA
Francisca Cláudia Borges Fernandes - Pós-Graduanda

Neste trabalho, apresentamos o papel da contação de histórias, em um projeto de incentivo à leitura, o Programa Marabá Leitora, desenvolvido desde 2015, pela SEMED (Secretaria Municipal de Educação) da cidade Marabá, Estado do Pará, em parceria com a Unifesspa (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará). Trata-se de uma política pública local que tem como princípio provocar um novo olhar para as salas de leitura das escolas públicas do

município, de forma que venham a contribuir para a dinamização da vida escolar, tornando-se centros de estudos, pesquisa e lazer, tendo em vista a formação de leitores. O objetivo é o de assegurar o acesso à leitura e a sua fruição estética pela comunidade escolar, bem como implementar ações de promoção de leitura, e criação literária; contribuir para a formação de comunidades além da escola; ampliar a importância da leitura no imaginário coletivo; promover ações de formação de professores mediadores de leitura que atuam como responsáveis pelas salas de leituras. A concepção teórica que norteia o trabalho se baseia em diversos autores que discutem a importância da leitura como um fenômeno social, em especial, no contexto escolar, e o papel da contação de histórias como uma estratégia de incentivo à leitura, dentre tais autores destacamos Kleiman (2012), Candido (2004) Britto (2003); Pietri (2007); Bajard (2005), Matos (2005), Girardello (2008), Machado (2015), Sisto (2001). A metodologia para o desenvolvimento do projeto se dá pela formação continuada dos professores da sala de leitura, em encontros mensais, a partir dos quais são desenvolvidos projetos nas escolas, nos quais a contação de história tem um papel de fundamental importância, como estratégia para a formação de leitores. Com isso, pelos projetos desenvolvidos e sujeitos envolvidos, constatamos que o projeto tem contribuído para a formação de leitores na rede escolar da cidade de Marabá.

Palavras-chave: Programa Marabá Leitora. Leitura. Formação de leitores. Contação de histórias.

1.4.4- RECONTANDO OS CLÁSSICOS INFANTIS POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcelo Henrique dos Santos – Professor da Escola Municipal Professora Helena Reis

O presente estudo fez parte de uma sequência didática desenvolvida na Escola Municipal Professora Helena Reis – CAIC II, na cidade de Varginha/ MG, durante o ano de 2018 e teve como culminância o Projeto Escola Leitora, em que o objetivo é o de criar o hábito da leitura nos alunos. E, como frequentemente a Educação Física fica fora do contexto das práticas de leitura no cotidiano escolar, a proposta surgiu da provocação de colocar ou introduzir nas aulas, com as turmas dos primeiros e segundos anos do ensino fundamental I, momentos de leituras deleite em que pudessem, posteriormente, serem vivenciadas através de atividades lúdicas recreativas, nas quais poderíamos recontar os clássicos infantis sobre uma nova ótica. As atividades eram, inicialmente, divididas em três momentos diferentes, nos quais: no primeiro momento algum aluno faria a leitura escolhida por ele; a seguir, passávamos a identificar os personagens do livro e sua atuação na história e na terceira e última etapa construíamos uma brincadeira. Essa sequência didática teve duração de aproximadamente três meses, sendo que esta necessidade surgiu devido a grande quantidade de livros explorados durante este processo. O que se pode perceber na construção deste caminho educacional é que a educação física tem potencial significativo no contexto educacional, e que os alunos quando conseguem vivenciar, na prática, muito do conteúdo contextualizado por meio da leitura contada ou lida, são influenciados de forma positiva no seu interesse pelo mundo dos livros, pelos contos infantis e por todo universo educacional.

Palavras-chave: Brincadeira. Leitura Deleite. Reconto.

1.4.5- LETRAMENTO NO ÂMBITO ACADÊMICO

Aline Fernandes Melo – Professora Universitária
Ludmila de Oliveira Amaral Ferreira – Mestranda UFLA
Daniela Simone Azevedo – Mestranda UFLA

Este trabalho tem por objetivo geral apresentar a criação de um curso de extensão elaborado com o intuito de contribuir para o processo de letramento acadêmico. Nessa perspectiva pretendeu-se ampliar o acesso a leitura e proporcionar momentos de práticas de escrita e trocas de experiências que possam contribuir para melhor formação do professor. A ideia de trabalhar com a temática: práticas de letramento em âmbito acadêmico - se deu após observar, como tutora e professora, as manifestações de letramento apresentadas na disciplina Metodologia de Pesquisa I, de estudantes de um curso de Pedagogia na modalidade a distância. Essas manifestações estão representadas, neste trabalho, por recortes de uma atividade específica, a qual nos levou a refletir sobre questões de leitura, escrita e produção autoral. A atividade inicial do curso se deu por meio da escrita do memorial de formação, por considerar que contar a própria história é uma forma motivadora para levar o discente a escrever. As atividades do percurso da extensão são voltadas para elaborações textuais que mesclam avaliações de outros textos acadêmicos, e também reescrita do texto inicial, após diversas leituras, criando possibilidades do discente inter-relacionar os textos estudados no curso às suas vivências, o que nos permitirá, no momento da revisão, observar se e como a leitura influencia na escrita, as nuances da linguagem formal, assim como a produção acadêmica guiada pelo conhecimento sobre como não cometer plágio. O referencial teórico que nos guia é Rojo, com os estudos sobre multiletramentos, Marx, Gramsci e Freire sobre a práxis e Dolz, Schneuwly e Bronckart sobre os gêneros textuais. A metodologia utilizada é pesquisa documental e a análise textual discursiva. Os resultados preliminares sinalizam que o curso, com práticas de leitura e escrita textual formal, tem proporcionado sinais de evolução nas atividades acadêmicas de leitura e escrita.

Palavras-chave: Práticas de Letramento. Formação. Leitura. Escrita.

1.4.6- CONTAR HISTÓRIAS COMO UMA ESTRATÉGIA FORMATIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues – Professora Universitária UFPA
Suani Trindade Correa – Mestranda UFPA
Valdete Oliveira Leal – Mestranda UFPA

O trabalho objetiva mostrar a Contação de histórias (SISTO, 2007), como estratégia formativa a partir da diversidade literária (ZILBERMAN, 2005). Os sujeitos da pesquisa foram licenciandos da UFPA que atuarão nos Anos Iniciais, no período de 2017 e 2018. Utilizou-se a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), com discussões teórico-metodológicas do Teatro na primeira fase da investigação e com a Análise da conversação e da interação verbal na segunda fase. Os dados iniciais têm evidenciado que ainda na Formação docente (PIMENTA, 2014; BARBOSA, 2013) há a necessidade de se ampliar o repertório de histórias e investir no

trabalho com a performance (ZUMTHOR, 2000) na Mediação da leitura (OLIVEIRA & MENEZES, 2013), pois os licenciandos foram inseridos em possíveis contextos de atuação e perceberam que a Contação de histórias (SANTOS, 2016) favorece o trabalho com a oralidade, a escrita, a memorização, a interação e com a imaginação de modo a ampliar as experiências leitoras dos alunos. As duas fases de investigação proporcionaram às formadoras percepções de diferentes ângulos do que se precisa ser potencializado no trabalho com licenciandos que atuarão nos Anos Iniciais. As parcerias estabelecidas com os docentes da Educação Básica criaram um ambiente propício para se discutir e estudar mais a respeito da leitura e da escrita, sem desconsiderar a Literatura enquanto arte, manifestação da vida e de projeção das experiências para além dos contextos de formação. É esta trajetória que tem servido para se discutir ainda na Formação inicial aspectos que atravessam o trabalho docente que valorize contexto regionais e seus diálogos com o global.

Palavras-chave: Formação. Experiências. Leitura literária.

1.5- EIXO 5 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA MÍDIA DIGITAL"

1.5.1- DESENVOLVENDO A CRIATIVIDADE E O PRAZER PELA LEITURA POR MEIO DO APLICATIVO "INVENTECA"

Natany Avelar Silva – Mestranda UFLA
Rita Cássia Oliveira – Mestranda UFLA

O presente relato de experiência teve por finalidade analisar as contribuições de recursos tecnológicos nos momentos de criações de história, para isso, foi realizada uma ação didática com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no sul de Minas Gerais. A dúvida que motivou o trabalho foi a seguinte: Que contribuições aplicativos para smartphones e tablets podem trazer para incentivar o gosto e o hábito pela leitura e criação de histórias? Devido aos avanços tecnológicos presentes na sociedade contemporânea, os métodos tradicionais vem perdendo espaço para práticas cada vez mais inovadoras e diferenciadas no âmbito escolar. As crianças são afetadas pelo uso da tecnologia e veem nela possibilidades de ir além da leitura no papel impresso. É importante que o docente, também, utilize os recursos tecnológicos a favor do processo de ensino-aprendizagem, uma vez, que tais artefatos já fazem parte do cotidiano dos discentes. A autoria, a autonomia e o compartilhamento, possíveis por meio da tecnologia, em ações didáticas, fazem com que os discentes envolvam-se de maneira ativa e participativa, demonstrando interesse nas aulas. Para a realização da ação didática em questão, utilizamos o aplicativo denominado "Inventeca" que possibilita que as crianças criem suas próprias histórias em gravação de áudio, por meio da leitura e interpretação das imagens que veem. A criatividade é uma capacidade que deve ser trabalhada intensivamente desde a Educação Infantil, quando se deseja formar crianças leitoras e escritoras proficientes. Os dados obtidos por meio da ação exposta buscam elucidar e ilustrar possibilidades tecnológicas que podem enriquecer o trabalho literário docente.

Palavras-chave: Leitura. Criatividade. Tecnologia.

1.5.2-FANFICS E RECONTAÇÃO DE ESTÓRIAS: PALAVRA OUTRA E PALAVRA PRÓPRIA NO FAZER ESTÉTICO

Natália Rodrigues Silva do Nascimento – Graduanda
Laís Gonçalves Silva – Graduanda

A era das novas tecnologias e dos novos meios de comunicação faz surgir gêneros discursivos inovadores, os quais circulam nas mídias digitais e possuem as especificidades requisitadas por esses ambientes, que, por sua vez, interferem nos estilos de linguagem, no conteúdo temático e na composição desses gêneros. Exemplo desses novos gêneros discursivos são as fanfics (termo reduzido para fanfiction – ficção de fã), que são narrativas construídas por fãs a partir de filmes, livros, animes, mangás, quadrinhos, ou ainda baseadas em integrantes de bandas ou em atores famosos, que circulam em ambientes como blogs ou sites específicos de hospedagem desses textos. Por serem construídas pelos fãs a partir de narrativas que já existem, as fanfics são exemplo do que Bakhtin (2011) nomeia “palavras alheias” que se tornam “palavras próprias”, ou seja, discursos outros que, formados por discursos precedentes, passam a conter, também, o projeto de sentido almejado pelo fã/autor. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é analisar como ocorrem as relações dialógicas entre os discursos alheios e os discursos próprios no gênero fanfic e a constituição do sujeito fã/autor desses enunciados. Para a consecução desse objetivo, pretende-se cotejar a teoria concebida pelos pensadores do Círculo de Bakhtin (Bakhtin 2011; Volóchinov, 2017) com a análise de corpus formado por narrativas publicadas em sites que hospedam fanfics e as obras que deram origem a esses textos. Os resultados apontam que são estabelecidas relações dialógicas entre a palavra alheia, que circula na obra original, e a palavra própria, que circula nas fanfics, formando a palavra alheia minha, a qual constitui o sujeito fã/escritor, a partir das relações dialógicas que se estabelecem, por sua vez, entre o gênero literário tradicional e o novo gênero fanfic.

Palavras-chave: Gênero literário. Gênero Fanfic. Estórias

1.5.3- LEITURA DIGITAL: UM CONTATO DIRETO COM TEXTOS MULTIMODAIS

Thaís de Castro Casagrande – Graduanda UFLA

Este trabalho é fruto de estudos realizados com o apoio do Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita – NELLE/UFLA. Considerando a ação da leitura como uma atividade plenamente humana, pode-se citar que ao nos depararmos com objetos, pessoas, sons ou imagens, somos capazes de estabelecer relações que nos permitem chegar ao ato de compreensão e significação. Alguns teóricos da área da linguística afirmam que a leitura não, necessariamente, deve estar vinculada a textos verbais, já que um de seus objetivos centra-se em utilizá-la como uma maneira de produção de sentidos, portanto, não importando o suporte do texto utilizado. Outros estudos também dão ênfase que essa ação relaciona-se com o processo de aprendizagem, e conseqüentemente, ocasiona a apreensão de informações,

levando ao conhecimento. Diante disso, este trabalho visa, portanto, compreender o conceito de leitura digital e como o texto se configura nas mais variadas plataformas, compondo a multimodalidade. Ou seja, buscamos respostas às problematizações que dizem respeito à ação da leitura em espaço digital. Nosso referencial teórico centra-se nos estudos e pensamentos de pesquisadores da área da linguística e sociolinguística com ênfase em leitura literária e mídia digital. Podemos citar como base teórica os estudos de Castells e Lévy sobre a cultura digital, Soares e Rojo sobre letramento digital e textos multimodais, Santaella sobre leitura digital, dentre outros autores que consideram a prática da leitura como objeto de análise. A partir destes estudos foi possível perceber que a leitura é uma ação indispensável para a formação integral do indivíduo, já que por meio dela existem possibilidades de desenvolvimento de diversas habilidades e competências, dentre elas, destaca-se a autonomia.

Palavras-chave: Leitura. Produção de sentidos. Letramento digital. Textos multimodais.

1.5.4- A LEITURA DO HIPERTEXTO: UMA ANÁLISE DE A (S) AVENTURA (S) DE ARTHUR

Gabriella Marques Siquara Silva – Graduanda UFLA

Isabela Vieira Lima – Graduanda UFLA

Helena Maria Ferreira – Departamento de Estudos da Linguagem UFLA

O avanço da tecnologia tem transformado a maneira com que nos relacionamos com o mundo, introduzindo novos meios de comunicação e transfigurando as relações sociais. A palavra tecnologia não está estritamente ligada a máquinas e equipamentos sofisticados, mesmo porque as tecnologias existiam antes mesmo do surgimento da eletricidade. A constante transformação das atividades que relacionam-se com o domínio da atividade humana, demandam o surgimento de novas habilidades dos consumidores dessas novas ferramentas, reconfigurando os modos de agir sobre o mundo, em uma era marcada pela eclosão de novas formas midiáticas. Os processos de leitura e escrita também sofreram alterações, adquiriram novos suportes e meios de produção, e, em especial a leitura, novos métodos para sua realização. O hipertexto é a produção coletiva do texto, um processo de coprodução de sentidos, que modifica a conexão leitor-escritor e torna dinâmica a atividade de leitura. É uma tecnologia de leitura, que para a compreensão do sentido requisita um olhar sobre o todo significativo, não somente para as palavras presentes. O leitor é capacitado a escolher o caminho mais adequado as suas intenções e o conteúdo a ser lido, compondo seu conhecimento segundo as escolhas que realiza. O presente trabalho tem por objetivo analisar os efeitos de sentido presentes no hiperconto digital “A(s) história(s) de Arthur” de Marcos Celírio dos Santos, e como as escolhas do leitor podem identificar a relação que ele estabelece com os personagens do conto. Para o referencial teórico foram utilizados autores como Araújo (2011), Magnabosco (2009), Marchusci (2001) e Xavier (2005). A partir do trabalho empreendido, foi possível constatar que a leitura de hipercontos promove um desenvolvimento do posicionamento crítico-ideológico perante a leitura, o conto “A(s) história(s) de Arthur” permite uma reflexão sobre temas cotidianos como bullying e gordofobia.

Palavras-chave: Hipertexto, tecnologia, leitura.

1.5.5- MÍDIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO MULTIMODAL NA ALFABETIZAÇÃO DO LEITOR

Aline Gabrielle Correia da Costa - Graduanda – UFLA
Mauriceia Silva de Paula Vieira – Departamento de Estudos da Linguagem UFLA

Com a ascensão das novas tecnologias, o processo de leitura, compreensão e produção de sentidos não contempla apenas o texto verbal, mas também os mais diversos recursos imagéticos e visuais dotados de sentidos, o que implica diretamente sobre as novas concepções de letramentos. Ademais, um texto é um “evento construído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não-linguísticos no seu processamento” (Marcuschi, 2008, p.80). Nesse sentido, a contação de histórias, que é uma prática que se relaciona diretamente à imaginação e contempla inúmeras habilidades cognitivas, tem se direcionado também para os meios digitais e midiáticos. Para refletir sobre essa relação entre tecnologias e o ato de contar histórias, foi escolhido um filme de animação curta metragem produzido pelo estúdio de animação Pixar. Busca-se discutir as potencialidades dessa obra enquanto texto multimodal, tendo em vista a prática dos multiletramentos na construção do sujeito leitor. Para a consecução do objetivo proposto, pautou-se uma pesquisa de cunho teórico baseada em autores como Dionísio (2014), Kress e Van Leeuwen (1996), Lemke (2010), Marcuschi (2008), Rojo (2009), entre outros, que discutem questões sobre os recursos multimodais e sua amplitude, a multiplicidade semiótica da constituição de textos, a tecnologia atrelada às questões de leitura, e os multiletramentos. Além disso, foi empreendida uma análise dos elementos constitutivos presentes na obra midiática, com vistas a discutir quais são as contribuições dos recursos semióticos para a construção de sentidos. A partir do trabalho empreendido foi possível constatar que a utilização de tecnologias na contação de histórias inserida nos meios digitais, principalmente na forma de animações gráficas com ou sem texto verbal, se constitui como uma estratégia para o letramento multimodal. A análise apontou para as potencialidades do formato curta metragem no que diz respeito à sensibilização do sujeito leitor e no desenvolvimento das competências linguística, textual e discursiva na contemporaneidade.

Palavras-chave: Contação de histórias. Multiletramentos. Tecnologia.

1.6- EIXO 6 - "CONTADORES DE HISTÓRIAS, NARRATIVAS E PRÁTICAS ORAIS"

1.6.1- OS ENCANTOS DOS CASOS DE UMA AVÓ

Juliana Paula de Oliveira Gomes – Mestranda UFLA

Este relato de tem por objetivo refletir sobre a influência das histórias orais, narradas pela minha avó ao meu pai quando ia visitá-la. Pautando-me, principalmente, nos estudos de Marcia Strazzacappa (2013) e entendendo a importância da linguagem na formação do sujeito

e em todas as suas relações sociais, este texto tem como finalidade estudar sobre as histórias narradas às crianças. Para subsidiar a reflexão teórica a pesquisa apoia-se nos estudos de Vygotsky (2001, 2007, 2008), sobre o processo de formação e relação entre a linguagem e o pensamento, na concepção e linguagem de Bakhtin (2006), como processo enunciativo e interativo. Compreendendo que as narrativas orais e atividade do contador de histórias contribuem diretamente para a formação do imaginário da criança e nas relações do pensamento e da linguagem. Apresento neste texto, os contos apresentados pela bisavó e também os comentários do neto sobre as impressões marcantes dessa relação de contação de histórias. Para tal reflexão sobre as práticas orais, apresenta-se as transcrições dos casos e os comentários sobre a memória criada a partir da narração de histórias.

Palavras-chave: Linguagem. Narrativas orais. Contação de histórias.

1.6.2- AS HISTÓRIAS CANTADAS NA EXPRESSÃO DA LINGUAGEM CORPORAL DA CRIANÇA

Melina Carvalho Botelho – Mestranda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

O presente estudo teve por objetivo investigar a relação entre a contação de histórias no desenvolvimento da linguagem corporal das crianças no balé. Trata-se de uma pesquisa qualitativa iniciando, de caráter pesquisa-ação com uma análise da desenvoltura da linguagem corporal nas alunas praticantes de aulas de balé. Sendo assim questiona-se como a contação de história pode ajudar na memorização das sequências de balé? Como a linguagem corporal pode se desenvolver através de histórias cantadas? Até que ponto as atividades de histórias cantadas nas sequências de balé podem influenciar na elaboração e desenvolvimento da linguagem corporal como meio de interação e expressão social? Para delimitação do corpus de análise, foram escolhidas algumas das sequências de dança criadas pela professora para as alunas menores. Após a gravação dos vídeos, foram feitas as transcrições das sequências, descrevendo como são cantadas em forma de histórias para as crianças, com o objetivo de memorizar as sequências e de realizar os passos sozinhas, de forma autônoma. Esta pesquisa embasa-se em estudos de Vygotsky e Wallon a respeito da interação social e da afetividade, mediada pela contação de histórias na dança. Por fim, conclui-se que as histórias cantadas estimulam e proporcionam as alunas maior entendimento da execução dos passos de balé. Nota-se que ao propor sequências cantadas as alunas apresentam mais facilidade na memorização das sequências e sentem mais interesse na execução das mesmas. Ao contar histórias para as alunas, tocamos nos sentimentos, emoções delas. Assim, o conhecimento será satisfatório.

Palavras-chave: Histórias Cantadas. Balé. Linguagem corporal.

1.6.3- CONTAR, OUVIR E CONTEXTUALIZAR: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO DE ARTES CÊNICAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Esta pesquisa trata de duas práticas cênicas em Contação de Histórias desenvolvidas nas aulas de Teatro na rede pública de ensino do Rio de Janeiro na Escola Municipal Jorge Gonçalves Farinha (bairro de Santa Cruz) e no Ciep Hildebrando de Araújo Góes (bairro da Pedra de Guaratiba). O processo estético- pedagógico foi estruturado a partir da abordagem triangular pensada pela pesquisadora Ana Mae Barbosa, na qual sugere a utilização de três eixos interdependentes para a construção do conhecimento em artes: leitura crítica, contextualização e produção artística. O desenvolvimento do eixo “leitura crítica” foi conduzido a partir de exercícios e jogos teatrais que visam despertar o corpo, a escuta e a observação para o trabalho com narrativas orais. O eixo “contextualização” foi realizado a partir de debates, reflexões e leituras sobre a tradição oral, bem como a localização geográfica e cultural dos contos trabalhados. A “produção artística” foi praticada a partir da elaboração de sessões de Contação de Histórias realizadas pelos alunos. O repertório de contos explorado em sala de aula durante a tessitura do trabalho contempla narrativas orais da cultura africana e afro-brasileiras. Também foram utilizadas narrativas urbanas oriundas das comunidades do Rolas, Cesarão e Vila Paciência, ambas localizadas no bairro de Santa Cruz no Rio de Janeiro. O trabalho acadêmico também se debruça em investigar o percurso da figura do(a) contador(a) de histórias através dos tempos e sua relevância na sociedade contemporânea. Em diálogo com pedagogos, sociólogos tradicionalistas e contadores de histórias, a pesquisa aponta o espaço da linguagem da Contação de Histórias na educação, bem como a importância de sua permanência no ambiente escolar, sobretudo na escola pública.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Ensino de Artes Cênicas. Educação pública. Narrativas orais.

1.6.4- CONTADORES DE HISTÓRIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Valéria Silva – Professora da Emei Augusta Maria de Freitas

O universo das histórias é: arte, sonhos, magia, inúmeras possibilidades de transcender o real. Este artigo refere-se à temática da contação de histórias desenvolvida em minha dissertação de mestrado. Uma pesquisa de cunho qualitativo realizada com quatro professoras da rede municipal de ensino da cidade de Uberlândia- MG que utilizam em suas práticas cotidianas a contação de histórias. As docentes atuam no segmento da educação infantil e divulgam estas experiências nas redes sociais. As investigações objetivaram conhecer a concepção de contação de histórias destas professoras, analisar como selecionam e que obras levam para as escolas, e por fim; identificar interfaces entre a prática das narrativas e a realidade dos alunos. A pesquisa ocorreu por um trabalho de campo nas instituições onde as docentes atuam. A metodologia utilizada foi a interpretativa que possibilitou uma articulação e interação entre pesquisador e entrevistadas, uma alternativa de pensar a realidade como dinâmica e em constante transformação, pela abordagem hermenêutica pude compreender os fatos em estudo em sua totalidade apreendendo as formas de expressão do humano para além de uma interpretação semântica. Os instrumentos utilizados foram: grupo focal, análise documental e entrevista. Pude dialogar com autores que agregaram a pesquisa sentido e significado. A exemplo disso busquei subsídios em: Machado (2004), Zilberman (2003), Cademartori

(1987), Minayo (2010), Todorov (2012). A investigação gerou descobertas e apontou que as professoras acreditam no potencial contido nas histórias, atendem as necessidades e realidade dos alunos por meio destas práticas. Todavia a pesquisa evidenciou que em algumas circunstâncias as docentes cometem equívocos na abordagem com as narrativas, quando a literatura se distancia do seu papel de fluidez, arte, simbolismo, subjetividade, dentre outros e atende aos critérios dos eixos de trabalho que são orientações didáticas da Secretaria de Educação. Torna-se preponderante socializar estas experiências com vistas a melhorias no nosso fazer docente intencionada por novas investigações.

Palavras-chave: Contação de histórias. Contexto educacional. Professoras. Educação infantil.

1.6.5- O SONORO NA LITERATURA E O GRUPO MIGUILIM DE CORDISBURGO

Maria Elisa Pereira de Almeida – Doutoranda no PPG-Artes UFMG

Considerando que, conforme Paul Zumthor (2014), a recepção do texto poético convoca todos os sentidos, estimulando sensorialmente mesmo o seu leitor em leitura silenciosa, e que, de acordo com Paul Valéry (1999), a poesia enquanto arte obriga a linguagem a interessar de imediato ao ouvido, já que traz em si uma carga de “substância sonora”, objetiva-se mostrar que a literatura (ou texto poético) guarda uma relação íntima com o universo da oralidade. Para tanto, tomando como exemplo a prosa poética do escritor mineiro Guimarães Rosa, procede-se à metodologia de apontar alguns trechos de seus textos que elucidam a concepção do escritor acerca da linguagem poética e do valor que o mesmo confere ao aspecto da forma da palavra em sua obra: trechos do livro Sagarana (2012); da correspondência de Rosa com a sua tradutora para o inglês, Harriet de Oníz (1964) e para o cônsul amigo William de Melo (2003); e do diálogo que manteve com o crítico literário Günther Lorenz (1995). Desse modo, observa-se que Rosa deu claras mostras de comungar com Valéry seu ponto de vista, dando clara importância à forma – aspecto sonoro e rítmico – na composição de sua obra. Como conclusão, apresenta-se como bem apropriada a manifestação artística da narração oral dos textos rosianos, com o destaque ao trabalho do Grupo Miguilim de Contadores de Estórias de Cordisburgo, Minas Gerais, grupo que está no seu 22º ano de existência (10ª geração), formado por adolescentes que recebem formação especializada para narrarem de cor trechos da obra do escritor no Museu Casa Guimarães Rosa, preservando o texto verbatim.

Palavras-chave: Sonoridade. Literatura. Grupo Miguilim.

1.6.6- A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DO HISTORAR-TE EM MARABÁ

Francisca Claudia Borges Fernandes – Pós-Graduanda UNIFESSPA
Gabriela Pereira da Silva - Pós-Graduanda UNIFESSPA
Shirley Lopes Magalhães – Professora da Escola Municipal Julieta Gomes Leitão
Eliane Pereira Machado Soares – Coordenadora do Grupo Historiar-te

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da performance e da memória, a partir de narrativas orais recontadas pela Companhia Historiar-te, do município de Marabá, no estado do Pará, criada em 2015, como parte do Projeto de Extensão: “Leitura e escrita na Amazônia: Modos de ser e de fazer”, coordenado pela Prof^a. Dra. Eliane Pereira Machado. Desde então, a iniciativa é composta por alunos da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa, colaboradores externos, professores e músicos que realizam performances, mediações e contações de histórias. O grupo tem como repertório as obras de autores da Amazônia com temática amazônica e as narrativas orais da região, privilegiando o estilo fantástico. Essa escolha de repertório se deu com diversos objetivos dentre os quais: valorizar a literatura com seus saberes e o imaginário amazônico, bem como a oralidade presente na literatura escrita. A base teórica, em linhas gerais, trata da questão da literatura oral; os gêneros desse tipo de literatura; o papel do narrador conforme Benjamin (1987); a questão da literatura oral, com Cascudo (1978-2002); os gêneros desse tipo de literatura, de acordo com Todorov (2017); as lendas e mitos presentes no imaginário popular; os arquétipos e memórias amazônicas, segundo Loureiro (1995), assim como a questão da poética, da oralidade e dos elementos performáticos apresentado por Paul Zumthor (1993), de que se vale o contador no momento em que conta seus causos considerando o tripé: texto, corpo e voz, seus elementos fundamentais. Ainda, destaca-se o papel da memória enquanto resultado do entrelaçamento das experiências cotidianas e a importância do lugar nas práticas de ouvir e contar histórias; além disso, faz-se leituras dos autores de ficção da Amazônia, como dito acima. Como resultado, o grupo faz espetáculos em lugares públicos e privados, por meio da contação de histórias, nos últimos 4 anos, sobretudo em ambientes escolares.

Palavras-chave: Narrador. Oralidade. Memória. Imaginário amazônico.

1.6.7- ESTUDO DE CASO SOBRE A METODOLOGIA DOS CURSOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Melina de Brito dos Santos – Mestranda em Ciência da Informação
Nádia da Silva Alexandre – Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação

O contador de histórias é uma "pessoa que se dedica a contar histórias e em algumas regiões do mundo" (CUNHA, 2008, p. 104-105). A arte de contar histórias é milenar e, atualmente, muito utilizada com crianças em escolas e bibliotecas infantis, onde sua finalidade baseasse no ensino-aprendizado além, é claro, da diversão. O contador de histórias é um agente informacional que busca por meio da narração o senso crítico do público alvo, onde sua principal competência é manter o lúdico vivo na contação de histórias. Para tal coisa, é necessário o conhecimento, o uso de técnicas orais e corporais (SOUZA; BERNARDINO, 2011) e, sobretudo, o uso da criatividade. Neste artigo, busca-se traçar um estudo de caso sobre a metodologia empregada na formação de contadores de histórias de diferentes áreas do conhecimento com o comparativo com a Biblioteconomia. Com base nas experiências adquiridas na oficina “A arte de contar histórias em bibliotecas”, realizada na Biblioteca Central da Unirio pelas bibliotecárias Regiane Silva e Tatyane Valdeze, e o curso "Aprendendo a contar histórias" ministrado pela artista Elisa Ottoni, realizado no Parque das Ruínas em Santa Teresa. Essas vivências possibilitarão dar um norte para realizar as

observações e as comparações nas formas e como as aulas foram conduzidas, além de identificar quais os tipos de instrumentos que os ministrantes se basearam em suas aulas. A pesquisa, se dará pelo questionamento das competências e a interdisciplinaridade dentro da metodologia empregada na formação dos contadores de histórias, assim como a experiência vivenciada dentro da perspectiva biblioteconômica na formação de contadores de histórias.

Palavras-chave: Contação de História. Biblioteconomia. Ensino-Aprendizagem.

1.6.8- O USO DAS CANTIGAS DE RODA COMO FORMA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Melina de Brito dos Santos – Mestranda em Ciência da Informação
Lorrane de Souza Saluzi – Bacharelado em Biblioteconomia

A prática milenar da contação de histórias "é uma narração oral [...] de contos e histórias" (CUNHA, 2008, p.104), porém o objetivo do contador de histórias é, na maioria das vezes, transmitir uma mensagem. Atualmente é muito utilizado com crianças em escolas e bibliotecas infantis, onde sua finalidade baseasse no ensino- aprendizado e na diversão. As cantigas de roda são canções populares que possuem variadas facetas dentro do contexto cultural e "tiveram seu papel educativo, servindo a um propósito" (SILVA; CASTRO, 2016). As músicas e coreografias das cantigas de roda são transmitidas oralmente e as letras das músicas são simples e refletem o universo infantil, e também são utilizadas para entretenimento de crianças de várias idades. Neste artigo, de caráter teórico-exploratório, busca-se comprovar o uso das cantigas como forma de cotação de histórias. Pretende-se demonstrar que a cantiga de roda é uma história cantada, que pode coexistir na estória. A cantiga de roda permite que os envolvidos recebam a mensagem e repassem de forma oral e interpretativa, fixando seu conteúdo. Para relacionar e esclarecer os conceitos escolhidos, serão utilizados as seguintes cantigas: Não atire o pau no gato; Ciranda cirandinha; Peixe vivo; Alecrim; O cravo e a rosa; Baratinha diz que tem. A motivação para o artigo, baseia-se no fato de que existe uma escassez de literatura sobre o uso das cantigas de roda como forma de contação de histórias, além de ambos serem importantes instrumentos de ensino-aprendizagem voltados, em sua maioria, para o público infantil e necessita ser pesquisado.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Cantigas de roda. Ensino-Aprendizagem.

1.6.9- TEATRO DE FANTOCHES E A POSSIBILIDADE DO DESPERTAR DA IMAGINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INTEGRAL INTEGRADA

Bárbara Cristina Heitor Silva – Professora na Educação Básica
Vanderleia das Dores Liberato – Supervisora na Educação Básica
Lucas Anibal Faria Seabra – Professor da Educação Básica

Em todos os espaços onde a educação ocorre, sejam eles formais ou informais, a leitura assume papel importante no despertar da imaginação de seus leitores. Igualmente relevante se torna possibilitar que esses leitores se expressem e elaborem novas histórias resultantes de suas vivências e de suas leituras prévias. A educação integral integrada é um projeto onde estudantes de diferentes etapas escolares participam de oficinas com temáticas variadas no contra-turno escolar. Deste modo, o presente trabalho buscou refletir sobre as narrativas criadas por estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental participante da oficina Leitura e Produção Textual, a partir de um teatro de fantoches. Os estudantes foram acompanhados em suas criações e apresentações, a qual foi avaliada na perspectiva da avaliação mediadora. As anotações resultantes desse processo avaliativo passaram por uma análise de conteúdo de cunho qualitativo a fim de perceber as relações estabelecidas no processo das oralidades desses estudantes. As peças foram elaboradas livremente pelos estudantes, que em grupo tiveram a liberdade de imaginar e criar. A partir das observações foi possível perceber o quanto as diversas práticas de leitura estabelecidas durante a oficina contribuíram para as construções das peças. Percebemos também que o teatro de fantoches contribuiu para que os estudantes se sentissem mais seguros em suas colocações tanto por estarem em grupo quanto por serem os próprios construtores da narrativa. Sendo assim, nesse trabalho consideramos que a oralidade a partir do teatro de fantoches contribui para a formação dos estudantes e desperta o interesse dos mesmos uma vez que lhes foi proporcionado espaço de criação livre, valorizando assim os saberes de cada membro do grupo. Para embasar nossas reflexões, autores como LIBANEO (2002); REIS (2009); HOFFMANN (2000),

Palavras-chave: Fantoches. Reconto. Criatividade. Oralidade.

1.6.10- MULHERES QUE ENSABOAM PALAVRAS: SESSÃO DE CONTOS ORIUNDOS DA TRADIÇÃO ORAL

Maria Elzilene Moreira Nóbrega e Oliveira, Mestranda – Mestrado Interdisciplinar em
Histórias e Letras. Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão
Central/UECE

Tâmara Maria Bezerra Costa Coelho – Mestranda em Educação Intercultural -
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa - PT

Keila Andrade Haiashida – Professora Universitária, Orientadora,
FECLESC/UECE

A estética do espetáculo narrativo Mulheres que Ensaboam Palavras foi idealizada a partir da observação dos grupos de lavadeiras tradicionais. Comumente, enquanto executam seu trabalho, essas mulheres cantam cantigas e contam contos umas às outras. Um ofício simbólico que banha roupas e palavras em rios e igarapés. A oralidade é uma marca desse encontro laboral feminino, que luta contra a tirania do sol e abrandando sua ira entoando elementos da tradição oral popular. O espetáculo é desenvolvido pelo grupo de pesquisas, estudos e partilhas com narrativas: Costureiras de Histórias (Fortaleza/Ceará). O grupo é formado por mulheres que, a partir de recolhas pessoais em comunidades narrativas e pesquisas em publicações nascidas a partir da literatura de tradição oral, montaram uma proposta de narração cênica, que remete o apreciador ao contexto dessa prática de oralidade, ainda presente em diversos recantos do Brasil. O objetivo deste trabalho é partilhar a

concepção de criação da proposta, o processo de recolha e pesquisa das narrativas, bem como, a preparação de cada um dos textos no processo contínuo de preparação do espetáculo. Para tanto, a construção deste trabalho empregou como procedimentos metodológicos a abordagem qualitativa, através de um estudo de caso. São referencias para esta escrita, os textos de Câmara Cascudo (2006), Ecléa Bosi (1994), Regina Machado (2015) e Gislayne Matos (2009). As considerações finais nos revelam que, tanto as histórias quanto as cantigas, são integrantes do repertório da tradição popular, são textos e cantigas de todos e de ninguém, patrimônio imaterial que cruzaram o tempo e o espaço para se fazerem presentes no imaginário do povo.

Palavras-chave: Narração. Tradição. Oralidade.

1.6.11- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA PRÁTICA NO CELLIJ

Beatriz Alves de Moura – Graduada

Claudia leite Brandão, Pós-Graduada

Renata Junqueira de Souza – Professora Universitária

O presente trabalho tem como objetivo refletir brevemente sobre a riqueza do contar histórias, além de apresentar algumas técnicas de contação e relatar as percepções das ações desenvolvidas no Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (CELLIJ), localizado na UNESP de Presidente Prudente. Dentre os estudiosos utilizados para o embasamento teórico, tem-se os estudos de Coelho (2001), Girardello (2011), Sousa e Giroto (2010) e Solé (1998). O grupo de autores, situa-se envolvido em atividades práticas e teóricas, a partir de vivencias como, por exemplo, de contar histórias nas atividades do “Hora do Conto”, uma ação de incentivo a leitura, que envolvem bolsistas e voluntários dos projetos do CELLIJ. O CELLIJ, em sua relevância para a sociedade e comunidade, como espaço de formação, de pesquisa e de estudos, tem como um de seus principais objetivos, promover o incentivo e a mediação da leitura para a formação de leitores. Os interesses dos autores deste trabalho se cruzam, no que tange discutir brevemente tais temáticas, justamente pelo fato de manterem um contato direto com estudos que dizem respeito ao universo da contação de história, da leitura, da literatura e da mediação de leitura. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cuja coleta de dados se deu, pelos instrumentos da observação e registro das intervenções realizadas. Os resultados apontam para uma interação das crianças para com as histórias, evidenciando a importância do preparo e do uso de técnicas para contar histórias. Desse modo como professores, pesquisadores, contadores de histórias e defensores do incentivo à leitura, acreditamos que o ato de ler pode ser disseminado como fonte de prazer, podendo ser mediado pela contação de histórias.

Palavras-chave: Contar Histórias. Técnicas de Contação de Histórias. Mediação de Leitura.

1.6.12- ORALIDADE, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E AS DEMANDAS DOS ANOS INICIAIS

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues – Professora Universitária UFPA

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo principal analisar as potencialidades do trabalho com a Contação de histórias articulando narrativas e práticas orais (KLEIMAN, 2006) relevantes ao processo de apropriação da língua materna com foco na oralidade (MARCUSCHI, 2004). Assim, optou-se por trabalhar com uma equipe de licenciandos de um curso pautado na perspectiva interdisciplinar. Os alunos dos anos iniciais tinham assessoramento dos voluntários semanalmente e as orientações realizadas se pautavam em realizar a Mediação de leitura levando em consideração livros da literatura amazônica, africana e indígena e clássica. As Contações de história (SANTOS, 2016) revezavam com a leitura performática. Na etapa que se destinava ao trabalho com a oralidade, os licenciandos procuravam relacionar as histórias ao cotidiano das crianças, sem deixar de lado a ampliação das discussões, do vocabulário, do trabalho com os gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) e de estímulo a que eles também contassem histórias. Esta fase foi uma das mais relevantes da pesquisa, posto que os alunos da Educação Básica muito falavam em sala, mas esta era em prol de dinâmicas que não convergiam ações de formação no processo de alfabetização. Por conta disso, ampliar o vocabulário, dicção, postura corporal diante do texto e dos sentidos criados a partir dele precisavam também ser redimensionados em prol dos avanços em diferentes situações comunicativas que favorecessem discussões mais específicas das tratadas nos livros usados nas coletâneas, como dos diálogos possíveis com o processo de alfabetização. Isso se justificou pelo tipo de formação desejada para um alfabetizador. Além disso, mesmo que a escrita se mostre mais legitimada na sociedade, a oralidade é a que mais atravessa os nossos cotidianos.

Palavras-chave: Alfabetização. Oralidade. Contação de histórias.

1.6.13- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA

Elaine das Graças Frade – Departamento de Educação UFLA

O presente trabalho tem como temática o desenvolvimento de atividade de contação de histórias (CH) como estratégia para compor a proposta de trabalho da disciplina de Metodologia do Ensino de História e Geografia (MEHG) do curso de Pedagogia da UFLA. Para o trabalho com a disciplina de MEHG foi proposta a Pedagogia de Projetos, segundo Fazenda (1995). Como objetivo central deste estudo propõe-se a descrever a experiência realizada no 4º per do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Lavras (UFLA), no ano de 2018 e analisar a experiência formativa, em atividade realizada durante a disciplina de MHEG, para compreender os pressupostos que fundamentam esta abordagem metodológica. Como método de pesquisa utilizou-se de pesquisa qualitativa com revisão de literatura, relato de experiência em estudo de caso e dados extraídos do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) utilizado na disciplina como ferramenta de interação e registros. A atividade fez parte do Projeto Interdisciplinar: Multiplicidades Culturais dos Biomas Brasileiros, desenvolvido ao longo do semestre, no qual a CH compunha o repertório de estratégias metodológicas que foram trabalhadas na disciplina. Foi possibilitado durante a atividade, que os/as estudantes, organizados/as em duplas escolhessem uma lenda indígena, africana, afrobrasileira ou ainda

contos, lendas, mitos que fizessem parte do universo cultural do bioma trabalhado no projeto. Após a pesquisa e definição da história de ser contada, os/as estudantes apresentaram a CH em aulas previamente preparadas para a atividade. Como fundamentação teórica foram utilizados os textos de Caniato (1989), Bussato (2003), Pucci e Almeida (2014) e as referências curriculares para a Educação Básica. Ao final, foi realizado um debate a respeito do uso da CH na educação básica com o propósito de ampliar a reflexão a respeito da CH. Por fim, pode-se observar que o trabalho contribuiu para o trabalho com o desenvolvimento da oralidade por meio das CH e proporcionou um conhecimento ao desvelar histórias e contos indígenas e afrobrasileiros que não faziam parte do conhecimento das/os estudantes envolvidos na atividade.

Palavras-chave: Cultura. Lendas Indígenas. Lendas Africanas. Formação inicial de professores. Metodologias de ensino.

1.6.14- SARAU DE GARAGEM DA D.WILMA: A HISTÓRIA E A VIDA SE ENCONTRAM

Elaine das Graças Frade – Departamento de Educação UFLA

O presente trabalho tem como objeto o registro do percurso da história de criação do Sarau de Garagem da D.Wilma (SGDW), como atividade vivencial que se encontra em sua décima primeira edição. A contação de história compõe as atividades do SGDW, que ao longo desses três anos em momentos distintos introduziu a prática da CH como resgate da cultura e como atividade de encantamento e reencontro. Objetiva-se relatar a vivência no SGDW incluindo a história da sua criação, o formato de organização, o público atingido pelo Sarau e ainda as reflexões advindas desta experiência. A ideia do primeiro Sarau surgiu no ano de 2016, para comemoração do aniversário da D. Wilma, que na época estava para completar 78 anos. O pedido de realização de sua festa de aniversário por meio de um Sarau foi feito a uma de suas filhas. D. Wilma tem seis filhos, treze netos e é casada há 60 anos com o Sr. Antônio, o casal reside em Varginha. Desde o ano de 2006 foram realizadas onze edições desse evento e no ano de 2017 na comemoração do aniversário de 80 anos da D. Wilma, o Sarau realizou uma festa a fantasia que homenageou os cantores e cantoras da música popular brasileira. Como proposta metodológica será utilizada a pesquisa qualitativa, com relato de experiência e levantamento de dados coletados em livro de assinaturas do SGDW, bem como fotos disponibilizadas em redes sociais com registros das edições realizadas. Como dinâmica do SGDW são organizadas as atividades e cada música, cantiga, história, dança ou outras atividades culturais são contextualizadas por meio de sua história e uma programação previamente pensada é impressa e distribuída para os participantes. Existem momentos que se tornaram tradicionais um deles é a poesia decorada pelos participantes do último Sarau e também é feito um prato típico para ser degustado e toda a história de elaboração da receita e a origem do prato são contadas. Acredita-se que atividades como essas oportunizam aos participantes o contato com as diversas manifestações culturais e ainda ampliam as possibilidades de convívio e renovação das relações de amizade.

Palavras-chave: Cultura. Formação humana. Artes.

1.6.15- HISTÓRIA ORAL, RODA DE CONVERSA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: MEDIAÇÕES POSSÍVEIS PARA A HISTÓRIA - O CASO DA HISTÓRIA DO MUSEU BI MOREIRA DA UFLA

Ângelo Constâncio Rodrigues, Professor Dr. UFLA, Coordenador GIEPHE
Estela Aparecida Oliveira Vieira, Professora Dr. UFLA, Membro do GIEPHE
Sabrina Maria Botelho Silval, Pedagoga UFLA, Bolsista de Extensão, Membro GIEPHE

Resumo: Em 2018 o Museu Bi Moreira da UFLA completa 35 anos. Sendo um baluarte da memória institucional desta universidade, sua história foi objeto de atenção de palestra no interior do grupo interdisciplinar de estudos e pesquisa em história da educação/GIEPHE, proferida pela profa. Vanda Amâncio Bezzera Mendes/Dona Vandinha. O presente trabalho tem o objetivo de trazer à discussão acadêmica, de como práticas metodológicas de pesquisa, específicas de algumas áreas de conhecimento não necessariamente da História, podem dialogar perfeitamente com este campo da ciência. Tendo por pressuposto que a literatura situa tais metodologias em campos distintos de conhecimento, que vão das áreas da saúde, das letras ao próprio campo da história, nosso quadro teórico metodológico busca empreender um diálogo conceitual. Uma vez que, com estilo próprio e marcante, Dona Vandinha apresentou aos presentes, a história do museu no mais perfeito estilo “roda de conversa”, “contação de histórias” e “história oral”. Considera-se em essência, que um grupo de estudos busca potencializar a trajetória acadêmica de seus alunos. O conjunto de todo este diálogo em vista da receptividade da palestra nos permite trazer o conselho de March Bloch de que “evitemos retirar de nossa ciência [a História] a sua parte de poesia”.

Palavras-chave: História Oral - Roda de Conversa - Contação de histórias - Mediação.

1.6.16- O (DES)INTERESSE POR ESCUTAR HISTÓRIAS: A MAGIA DO CONTADOR CAUSA IMPACTO NA VIDA DAS CRIANÇAS?

Soraya Souza, Professora Doutora da Pós-Graduação UNIVAP/SJC-SP
Ana Archangelo, Professora Doutora e Pesquisadora FE/UNICAMP- SP
Lilian Cardoso de Mendonça, Mestre em Educação
Paulo Coelho Dias, Professor

Este trabalho tem como objetivo discutir os impasses escolares apresentados no Projeto Pibid (Programa Interinstitucional de Bolsa de Iniciação à Docência)/CAPES, referentes a “contação de histórias” e foi desenvolvido numa escola municipal de Campinas-SP. Abordaremos uma situação que nos interrogou no desenvolvimento da investigação realizada mediante a análise dos relatórios produzidos ao longo de quatro anos de projeto, porque as crianças apresentam um desinteresse de escutar histórias? A metodologia utilizada fundamenta-se na transferência e na escuta da psicanálise freudiana e dialoga com a filosofia de Walter Benjamin, no que tange, a construção das narrativas e das experiências compartilháveis. Participaram do projeto aproximadamente 300 alunos, de dez salas, de 1º a 5º anos, que usufruíram, semanalmente, durante duas horas, do “momento da contação”.

Apoiado no pensamento de Benjamin, a experiência de contar histórias é mais uma das artes em via de extinção, fazer falar um passado sem memórias, um sujeito de histórias fragmentadas, multifacetado, que não se manifesta mais através da experiência, mais dos traços, daquilo que resta desta experiência coletiva e ou individual. Os resultados obtidos foram a ausência de nexos de significação entre a magia do contador e o impacto das histórias na vida das crianças. E verificamos ainda, que o impacto se apresenta na relação transferencial do contador com as crianças, é uma atividade de escuta onde o contador e a criança necessitam silenciar para elaborar os conteúdos psíquicos, é o momento da construção da narrativa e do narrador no espaço escolar.

Palavras-chave: contação de histórias; formação docente; psicanálise; narrativa; escola.

1.6.17- CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE CORDEL PARA A FORMAÇÃO DO PÚBLICO-LEITOR INFANTIL

Guilherme Augusto de Freitas, Estudante de pós-graduação, Aluno do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ (Promel)

Este trabalho visa explicitar e discutir as contribuições literárias, artísticas, culturais e educacionais que são fornecidas pela obra da escritora, poeta e cordelista brasileira Jarid Arraes. O corpus da pesquisa será constituído pelo livro intitulado "Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis", o qual revisita a História do Brasil pelo viés da luta e do engajamento de mulheres negras, excluídas da historiografia brasileira em virtude dos critérios patriarcais e racistas que determinaram, por um longo período, a escolha dos heróis nacionais, em sua maioria homens e brancos. A partir disso, caberá elucidar a relevância do gênero literatura de cordel para a formação de um público-leitor infantil. Em outras palavras, o intuito é demonstrar o caráter lúdico dos cordéis, uma vez que as rimas, o ritmo e a composição métrica de um modo geral auxiliam no processo de aprendizagem dos recursos estilísticos da língua portuguesa. Além disso, será evidenciada também a dimensão ética da poesia de cordel, pois se encarrega de educar as crianças sob uma perspectiva humanitária, incentivando o respeito às mulheres e a valorização de seu legado estético, político e histórico. Tendo em vista esse desenvolvimento intelectual e formação cidadã, o foco das investigações estará direcionado para as estreitas relações estabelecidas entre os cordéis e a oralidade, ou seja, os textos da obra supracitada são escritos para serem lidos em voz alta e contados para crianças. O apelo à oralidade atesta a tradição dos contadores de histórias em verso, bem como aponta novas possibilidades metodológicas para o pedagogo e os educadores em geral. O artigo estará fundamentado nos postulados teóricos de Luiz Antonio Marcuschi (2003), Ana Maria Galvão (2003) e Paulo Freire (1982).

Palavras-chave: mulheres negras; literatura de cordel; público-leitor infantil; contadores de histórias; formação cidadã.

2- SESSÃO COORDENADA

2.1- SESSÃO COORDENADA 1

Coordenador da Sessão: Amanda Valiengo –

Professora Universitária, Doutora, UFSJ

Eixo Temático 1 - Contação de histórias e leitura literária

2.1.1- SOBRE A LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: POSSIBILIDADES DE REFLEXÃO PARA A PLENA FORMAÇÃO HUMANA NA INFÂNCIA

Mariana Sampaio Elieuzza Aparecida de Lima - Universidade Estadual Paulista –
Unesp/Marília- SP

Amanda Valiengo - Universidade Federal de São João del Rei-MG

Trata-se de texto composto a partir de aspectos de pesquisa de mestrado finalizada em 2016, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC/Unesp, Marília/SP, que partiu da seguinte problemática: os momentos de leitura e contação de histórias propostos em turmas de Educação Infantil apresentam aspectos indicadores que os aproximam daquilo que denominamos como atividades capazes de promoção de aprendizagens propulsoras de um pleno desenvolvimento cultural nos anos iniciais da vida? O objetivo foi compreender se há indícios de que os momentos de leitura e de contação de histórias se constituem como atividades capazes de motivar aprendizagens promotoras de desenvolvimento humano, em turmas de crianças da Educação Infantil, a partir de princípios e teses da Teoria Histórico-Cultural. A pesquisa envolveu levantamento bibliográfico e investigação em campo (entrevista semiestruturada, sessões de observação e análise de documentos tais como os semanários), com quatro professoras de Escolas Municipais de Educação Infantil, sobre práticas pedagógicas de leitura e contação. A hipótese do estudo é que os momentos de leitura e de contação de histórias planejados de maneira consciente são essenciais para a aprendizagem da criança e promovem seu pleno desenvolvimento humano. Nesta exposição, destacamos como resultados dos estudos realizados a aparente ausência de planejamento e organização das propostas de leitura e de contação de histórias, revelando práticas engessadas ao cumprimento de conteúdos curriculares, sem considerar a criança como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem. A ausência de situações de contação de histórias, planejadas, desenvolvidas e avaliadas de modo intencional e consciente não proporciona às crianças a oportunidades de exercerem seu papel de participantes ativos e de se apropriarem de conhecimentos que enriquecem sua formação humana.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Leitura e contação de histórias. Teoria Histórico-Cultural.

2.1.2- ERA UMA VEZ... UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Ana Paula da Silva Moraes Ferreira - Universidade Federal de São João del Rei
Rosilene Maria da Silva Gaio - Universidade Federal de São João del Rei

O presente trabalho tem como objetivo central conhecer o Ofício de Contador de História tendo como sujeito da pesquisa uma contadora de história da Biblioteca Municipal Batista Caetano D’Almeida, da cidade de São João del-Rei, que também é Professora da rede municipal de ensino da mesma cidade. Foram realizados estudos teóricos acerca das origens e definições da Literatura “Infantil” e do Ofício de contador de Histórias através dos tempos. As reflexões e discussões se basearam na sustentação teórica e nas pesquisas realizadas por Arroyo, (2000); Coelho, (2013); Gouveia, (2007); Sisto (2012). A pesquisa qualitativa utilizou a observação e entrevista semiestruturada como instrumentos metodológicos, que permitiram um contato direto com o sujeito da pesquisa e os mais diversos ambientes de contação de história. Verificou-se que o ofício da contadora ocorre por meio da escolha das histórias que são contadas, os recursos utilizados, a interação e reação dos ouvintes e que para a contadora, as histórias precisam ser solidificadas e preparadas. A história desperta no ouvinte sentimentos diversos, que podem emocionar, fazer rir ou chorar. Durante a entrevista, a professora disse que conta histórias para crianças pequenas, adolescentes, adultos e idosos. Uma história, como ela mesma diz, é gerada dentro de si, como se estivesse grávida da história, dos personagens e que quando a história está pronta para nascer ela é cuidada como um filho, com muita dedicação, carinho e cuidado. Concluiu-se que o ofício de contar é algo natural do ser humano, pois não uma só humanidade que viva sem fabular, como afirma Candido, mas que para os contadores de histórias literárias esse ofício é construído, preparado, elaborado “gestado” e exteriorizado a partir de diferentes procedimentos, estudos, vivência inerentes a tal atividade.

Palavras-chave: Ofício de contadora de histórias; Biblioteca Municipal; Contação de histórias.

2.1.3- EM DEFESA DA PLENITUDE DA ATIVIDADE DE LEITURA E DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM TURMAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elieuzza Aparecida de Lima - Universidade Federal de São João del Rei
Ariadni da Silva de Oliveira - Universidade Federal de São João del Rei
Amanda Valiengo - Universidade Federal de São João del Rei

Esta exposição articula trabalhos de docência universitária e aspectos de iniciação científica empreendidos na Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, *Campus* de Marília, SP. Partindo da defesa de que, por meio da Literatura Infantil, é possível uma educação potencializadora da formação e do desenvolvimento de capacidades humanas em níveis sofisticados, bem como a promoção do pleno desenvolvimento da criança, propomos as reflexões contidas neste texto. Com base nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, trazemos à discussão resultados de investigação de iniciação científica cujo objetivo principal foi identificar e analisar quais são as percepções e práticas de professores da Educação Infantil sobre as atitudes leitoras de crianças de 4 e 5 anos. Além de aspectos desse estudo, coadunamos esforços para refletir sobre um recurso didático-pedagógico elaborado para

enriquecer e diversificar as possibilidades de atividade de leitura e contação de histórias em turmas de Educação Infantil conhecido como *Caixas que Contam Histórias*. Esses trabalhos tiveram abordagem qualitativa: especialmente a pesquisa de iniciação científica envolveu revisão bibliográfica sobre a temática investigada e, em campo, entrevistas semiestruturadas e observação da prática pedagógicas de quatro professoras de turmas de crianças de 4 e 5 anos. Como resultados dos estudos, discussões e análises nessas atividades de docência e de iniciação científica, ressaltam-se o papel do professor como mediador nos momentos de leitura e contação de histórias e a premência de organização intencional de materiais, espaços, tempos e relações em que as crianças possam ampliar suas referências culturais, o que envolve refletir, dentre outras possibilidades e escolhas didático-pedagógicas, sobre a Literatura Infantil materializada nas *Caixas que Contam Histórias*.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Leitura e contação de histórias. Caixas que Contam Histórias.

2.1.4- PENSAR A LITERATURA INFANTIL E A CULTURA DA INFÂNCIA A PARTIR DA “CAIXA QUE CONTA HISTÓRIAS”

Daiane de Fátima Resende - Universidade Federal de São João del Rei
Valdinéia Aparecida Alves - Universidade Federal de São João del Rei

Esta pesquisa tem como objetivo refletir acerca das “caixas que contam histórias” como um recurso didático-pedagógico e da produção de contos para e pelas crianças para uma humanização, tanto por meio da audição de contação de histórias como no protagonismo para feitura e contação de histórias por meio da confecção e utilização das “caixas”. Partimos do pressuposto de que a criança é um ser ativo e participativo socialmente, por meio do contato com a cultura humana existente. Com esse olhar sobre a criança é que se desenvolvem, neste trabalho, reflexões sobre a literatura infantil, produzida por adultos para crianças e pelas próprias crianças. Entendendo a escola como espaço de difusão e produção cultural, o professor como mediador que aproxima a criança, a cultura e a contação de histórias como prática educativa que leva a literatura até criança desde a mais tenra idade. O referencial teórico utilizado foram os estudos de Sarmiento (2002), Corsaro (2011), Zilberman (2002), Arroyo (2011), Magnani (2001), Jolibert (2008). Como opção metodológica, analisamos qualitativamente um material intitulado “A caixa que conta histórias: trabalhando com contos”, desenvolvido com uma turma de terceira série, em uma escola pública de São Paulo. Neste trabalho, sob a mediação da professora, dentro do espaço escolar, a literatura infantil é apresentada às crianças por meio da “contação” de contos e posteriormente a escrita dos contos é feita e materializada na “caixa” pelas próprias. Os resultados evidenciam que as crianças são capazes de se apropriarem, recriarem e produzirem novos textos, diferentes dos textos dos adultos que são socializados com outras crianças e podem ser entendidos como parte da cultura própria da infância e que as “caixas” se constituem como recurso facilitador da contação de histórias.

Palavras-chave: Literatura Infantil; criança; cultura.

2.1.5- FILOSOFIA PARA CRIANÇAS POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO E RESPEITO COM A VOZ DA CRIANÇA

Âmali Pessôa Guiomar Francisca - Universidade Federal de São João del Rei
Amanda Valiengo - Universidade Federal de São João del Rei

O presente trabalho tem como objetivo a reflexão acerca da possibilidade de utilizar a contação de história como estratégia de respeito ao envolvimento e protagonismo da criança, em um trabalho com a Filosofia para Crianças realizado na disciplina de Estágio na Educação Infantil. Com base nas produções dos dados gerados no relatório de estágio, analisamos no nosso grupo de pesquisa o processo de vivências da filosofia com crianças e o lugar ocupado pela criança em tal processo. As bases teóricas estão calcadas na sociologia da infância e na proposta da filosofia para crianças de Walter Omar Kohan. A criança é um sujeito ativo, capaz, produtor e com voz para dizer sobre seus processos, embora seja constantemente silenciada pela sociedade. A partir dessas discussões, relatamos e analisamos uma série de atividades realizadas durante o estágio em turma de Educação Infantil com faixa etária de cinco anos de idade, por meio da contação de cinco diferentes histórias, por meio de cinco etapas, propostas por Kohan: atividade prévia a mediação da literatura, mediação, pelo professor, de um texto literário (que foi realizada por meio da contação de histórias), problematização, discussão filosófica e atividade posterior à discussão. Após a realização dessas etapas e das respectivas análises, concluímos que a contação de histórias pode envolver as crianças na literatura, possibilita abertura para a escuta e diálogo. O trabalho com a filosofia para crianças retira a criança do silenciamento pois ela é convidada a se colocar a partir da escuta da história contada, sem um julgamento do adulto.

Palavras-chave: Criança protagonista; literatura infantil; Filosofia para crianças.

2.2- SESSÃO COORDENADA 2

Coordenador da Sessão: José Antônio Araújo Andrade -
Professor, Doutor, Departamento de Ciências Exatas, UFLA
Eixo Temático 1 - Contação de histórias e leitura literária

2.2.1- A VERDADEIRA HISTÓRIA DE CHAPEUZINHO VERMELHO

Amanda Pádua Castro Moreira – Instituto Presbiteriano Gammon
Ana Luiza Carvalho Toledo – Instituto Presbiteriano Gammon
Ellen Maira de Alcântara Laudares – Universidade Federal de Lavras
José Antônio Araújo Andrade – Universidade Federal de Lavras

Observando a necessidade de aprimoramento das competências leitora e escritora, o presente trabalho orienta a busca de ações que explorem o aperfeiçoamento da oralidade e do desenvolvimento do prazer em escrever e conhecer diversos gêneros textuais tendo como objetivo desenvolver a competência leitora e a oralidade através do reconto promovendo a reflexão sobre a ortografia através da reescrita, conhecendo, identificando e produzindo gêneros textuais como: carta, receita, notícia e bilhete. O projeto da disciplina de Língua Portuguesa baseou-se na obra “*A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho*”, de Agnese Baruzzi e Sandro Natalini. As ações que permearam este projeto buscaram, a todo instante, envolver o aluno em um clima de ludicidade e encantamento pela literatura, através de ações como o reconto do clássico da literatura mundial “Chapeuzinho Vermelho”, da reescrita de texto com foco na correta ortografia, do conhecimento e desenvolvimento da escrita de determinados gêneros textuais, e embaixo das lindas árvores do Instituto Presbiteriano Gammon será realizado um grande piquenique com os avós, reafirmando o compromisso da instituição com a parceria Família-Escola. Fundamentou-se teoricamente em autores que discutem a importância da contação de histórias como Cunha (2003) e Coelho (2003) que argumentam sobre a literatura infantil na teoria e na prática, entre outros autores que apresentam apontamentos relevantes sobre o tema. Os resultados obtidos salientam a influência da contação de histórias para a aprendizagem dos alunos de maneira interdisciplinar e para a fixação da história, bem como possibilita motivação por parte do reconto, como uma ação que exercita a criatividade e a associação entre o real e o imaginário.

Palavras-chave: Literatura infantil. Gêneros textuais. Oralidade.

2.2.2- “VOCÊ É DAQUELES QUE PENSAM OU QUE DESPEJAM?” ATRELANDO A LITERATURA INFANTIL AO ENSINO DE MATEMÁTICA

Francislaine Ávila de Souza – Universidade Federal de Lavras
Ellen Maira de Alcântara Laudares – Universidade Federal de Lavras
José Antônio Araújo Andrade – Universidade Federal de Lavras

As contações de histórias provocam o imaginário, despertam a curiosidade e ajudam a desvendar questões que fazem parte do universo infantil. Neste sentido, há que se considerar

que a literatura infantil contribui com a aprendizagem em diferentes campos do conhecimento. Partindo destes pressupostos o objetivo deste trabalho foi perceber como a contação de histórias pode ser considerada um elemento de mediação no desenvolvimento das noções de conceitos matemáticos, possibilitando assim a aprendizagem significativa, devido às interações entre as crianças, a partir da produção e da negociação de significados mobilizados por essa prática. Nessa perspectiva realizou-se a contação da história *A vizinha antipática que sabia Matemática*, da autora Eliana Martins, para crianças do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, com faixa etária entre dez e onze anos de idade. Posteriormente, foi realizada a reescrita da história pelas crianças, em grupos, que se deu da seguinte maneira: inicialmente através da escrita do reconto, propondo novos desafios matemáticos; em seguida foi feito o compartilhamento das histórias com a turma e a professora e, por fim, os alunos receberam o Manual do Sábio Matemático, brinde recebido pelo personagem por ter compreendido que para entender a Matemática é preciso ter paciência. Para embasar a reflexão teórica, apoia-se nos estudos de Nacarato e Lopes (2006), Café (2000), Neuenfeudt (2006), bem como outros autores que tratam da temática: literatura infantil, educação matemática, e contação de histórias. Como resultado, observou-se que a contação de histórias tem potencialidades de provocar nas crianças uma necessidade e um motivo para entrarem em atividade e, de forma lúdica, desenvolverem o pensamento matemático.

2.2.3- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O DESENVOLVIMENTO DAS NOÇÕES MATEMÁTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Francislaine Ávila de Souza – Universidade Federal de Lavras
Ellen Maira de Alcântara Laudares – Universidade Federal de Lavras
José Antônio Araújo Andrade – Universidade Federal de Lavras

A contação de histórias pode ser considerada como meio de propagação e estímulo à memória, pois por meio dela as histórias são repassadas de geração em geração. Assim, narrar histórias possibilita que as crianças investiguem os mais variados acontecimentos acerca do mundo imaginário ou mesmo de seu próprio cotidiano, atribuindo-lhes assim, novos sentidos, que por sua vez são interpretados de formas diferentes, alternando-se de leitor para leitor, uma vez que cada um deles recorre aos fatos vividos ou que lhes fora, de certa forma, narrados. Este trabalho tem por objetivo apresentar a prática de contação de histórias sob duas perspectivas: da contação e criação de histórias. Este trabalho foi empreendido com crianças do 2º período da Educação Infantil, de uma escola pública localizada no interior de Minas Gerais, e o reconto se deu por meio do registro fotográfico de situações geradas pela manipulação de formas geométricas, tendo como motivação o livro *As Três Partes*, do autor Edson Luiz Kozminski. Tal escolha justifica-se pela intenção de se atrelar a contação de histórias ao ensino de Matemática, visando difundir a leitura literária e as noções matemáticas, desde a tenra idade, ressaltando a importância da interdisciplinaridade entre todos os campos de conhecimento. Desta forma embasou-se teoricamente em Nacarato e Lopes (2006), Café (2000), Neuenfeudt (2006), Silva (2016) e demais autores que discutem sobre a literatura infantil atrelada ao ensino de Matemática e a contação de histórias. Os resultados enfatizaram que o ato de contar histórias às crianças contribui potencialmente para o desenvolvimento do pensamento dos estudantes por meio da produção e negociação de significados.

Palavras-chave: Educação Infantil. Ensino de Matemática. Ludicidade.

2.2.4- PROJETO DE LITERATURA DOS 3.ºS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS, BASEADO NA OBRA “FLICTS”, DE ZIRALDO.

Amanda Pádua Castro Moreira – Instituto Presbiteriano Gammon
Ana Luiza Carvalho Toledo – Instituto Presbiteriano Gammon
Ellen Maira de Alcântara Laudares – Universidade Federal de Lavras
José Antônio Araújo Andrade – Universidade Federal de Lavras

A partir de discussões e debates em sala de aula, verificamos a necessidade de se trabalhar temas que envolvam a percepção “do outro”, bem como as diversas virtudes que podem ser adotadas em nossas ações diárias. E, para aguçarmos as nossas percepções e aprofundarmos a reflexão a cerca desta temática, foi proposto um trabalho, com base na leitura da obra “*Flicts*”, de Ziraldo obra que traz a história de uma cor, muito rara e muito triste, que queria encontrar seu lugar no mundo. Este projeto teve por objetivo desenvolver a competência leitora promovendo a reflexão sobre os dilemas sociais da atualidade, estabelecendo a assimilação entre o que é abordado e o que é praticado e potencializando a competência criativa do aluno pela busca do seu protagonismo na sociedade. Para tal o projeto foi dividida em seis momentos nos quais foram apresentados o livro e a dinâmica do projeto, realizada a leitura da obra e, posteriormente realizou-se rodas de discussão sobre as obras urbanas e a diferenciação do que é arte e o que é depredação do patrimônio público ou privado juntamente com uma entrevista com um profissional do Grafite e por fim o muro da escola foi pintado com as os desenhos dos alunos, baseados nas boas ações e nos sentimentos que devem permear a vida em sociedade, como a tolerância, solidariedade, paciência, respeito, sabedoria e disciplina. Como resultado observou-se a importância da narrativa oral para a abordagem de diversos sentimentos e virtudes proporcionando uma integração entre a contação de histórias e a compreensão do outro.

Palavras-chave: Contação de histórias. Competência criativa. Leitura.

2.2.5- JARDIM DIVERSOS

Amanda Pádua Castro Moreira – Instituto Presbiteriano Gammon
Ana Luiza Carvalho Toledo – Instituto Presbiteriano Gammon
Ellen Maira de Alcântara Laudares – Universidade Federal de Lavras
José Antônio Araújo Andrade – Universidade Federal de Lavras

O plantio do “amor à literatura” junto ao plantio de espécies vegetais em nosso “Jardim da Poesia”, ultrapassou as aulas de Literatura e veio se juntar ao cuidado com a nossa escola, unindo a produção de poemas, conhecimento de obras clássicas de poetas brasileiros, às declamações públicas dos nossos alunos para outras turmas, além de ações publicitárias de cuidados com a nossa praça e dos outros espaços da escola. O projeto “Jardim DiVersos” dos 3.ºs Anos do Ensino Fundamental/2017 do Instituto Presbiteriano Gammon, propôs ações interdisciplinares partindo do projeto do livro de literatura “Jardim de Versos”, de Louis

Stevenson. As ações tiveram como principal objetivo de transpor a sala de aula e trazer à realidade o cuidado e preservação da escola em que estudam, o seu cultivar, não apenas paisagístico, mas também o cultivo de valores em sociedade e cidadania. As disciplinas envolvidas foram: Geografia, História, Ciências, Língua Portuguesa, Matemática e, com ênfase no cuidado com locais ao redor da Biblioteca, e seus jardins no entorno, e na valorização dos espaços de uso coletivo, a Filosofia, refletindo sobre valores diversos, tão almejados em nossas discussões em sala de aula. No espaço de nosso jardim e em espaços aos arredores, os 3.ºs Anos, tiveram a possibilidade de cultivar, junto da orientação da paisagista do Instituto Presbiteriano Gammon, jardins de flores e, como o nome do projeto diz: versos. Cada canteiro recebeu, além de suas mudas, versos produzidos pelos alunos e por grandes poetas da literatura brasileira. Como resultados observou-se que a diversidade não esteve presente apenas no cultivo paisagístico e literário, mas também nas reflexões filosóficas sobre o cuidado com os espaços de uso coletivo, em que outras turmas do Ensino Fundamental foram envolvidas para pequenas exposições sobre como deve-se cuidar dos jardins e dos espaços da escola.

Palavras-chave: Contação de histórias. Interdisciplinaridade. Literatura infantil.

2.3- SESSÃO COORDENADA 3

Coordenador da Sessão: Rosemary Lapa de Oliveira - Pós-doutoranda, Universidade do Estado da Bahia, Professora do Curso de Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do estado da Bahia.

Eixo Temático 4 - Contação de histórias, leitura literária na formação docente

2.3.1- DIÁLOGOS ENTRE CONTAR HISTÓRIAS E DOCÊNCIA

Rosemary Lapa de Oliveira - Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Mary de Andrade Arapiraca - Universidade Federal da Bahia, UNEB

O estágio pós doutoral, desenvolvido na forma do curso de extensão Diálogos entre contar histórias e docência, buscou aprofundamento nos estudos da prática de contar história na perspectiva da formação continuada de sujeitos envolvidos na educação de criança, jovens, adultos ou idosos em espaços educativos formais e não formais. Foi oferecido em 40 horas, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, sob orientação de Professora Doutora Mary de Andrade Arapiraca. O principal objetivo do estudo-pesquisa-formação foi contribuir com as discussões levantadas na Pedagogia e na Psicologia sobre o papel da contação de histórias na formação cidadã, notadamente das crianças, mas não só esses sujeitos foram alcançados. Alguns outros objetivos foram: provocar ações pedagógicas no campo da

leitura, apresentando recursos de contação de histórias como disparadoras e centro da ação docente, visando a mediação do sujeito leitor em seu processo de constituição de leitor e estudar a necessidade da formação para a contação de histórias. Este projeto apoia-se nos estudos sobre a psicanálise da leitura e escrita; da pedagogia e da literatura infantil, além de ancoragem teórica referente ao contar histórias. Foi realizada pesquisa colaborativa, em que construímos juntos conhecimentos e desenvolvimento profissional com dez encontros no formato de ciclos de estudos reflexivos e dialogados sobre a arte de contar histórias, primando pela prática, através de oficinas, inclusive com produção de histórias. Ao final dos encontros, cinquenta pessoas entre professores, psicólogos e agentes culturais apresentaram suas performances na contação de histórias com os sujeitos da educação com os quais interagem. A pesquisa resultou em publicação de livro com as aprendizagens desenvolvidas.

2.3.2- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E MEMORIAL DE LEITURA

Andréa Betânia Silva - Universidade do estado da Bahia, UNEB

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da relevância da contação de histórias na formação leitora a partir da análise de Memoriais de Leitura produzidos por discentes do primeiro semestre do curso de Pedagogia. Tendo em vista o caráter autobiográfico revelado nos textos acima referenciados, entende-se que compreender a trajetória de Leitura de sujeitos recém-inseridos no contexto universitário colabora para uma compreensão mais ampla das experiências que formam esses indivíduos. Em se tratando de percurso leitor, evidencia-se o papel desempenhado por diversas instituições com as quais esse sujeito dialoga e que colaboram para sua formação, tais como a escola, a família e a igreja. As marcas que surgem ao longo dos textos indicam o professor como personagem central no desenvolvimento da leitura e da escrita. Nesse mesmo sentido, a família surge como contribuição relevante, tendo em vista que os incentivos muitas vezes presentes no ambiente familiar reverberam nas relações que esse sujeito vai estabelecendo com a linguagem. A contação de histórias surge aqui como estratégia importante na mediação que se estabelece entre o texto e o leitor, seja no âmbito escolar ou no âmbito familiar. Entretanto, muitos alunos dizem não ter tido contato com a literatura fora da escola quando o livro e demais artigos impressos não se faziam presentes, invisibilizando os textos que circulavam oralmente, as narrativas contadas pelos mais velhos, os causos que eclodiam nos mais diversos contextos, evidenciando uma suposta supremacia da escrita em detrimento da oralidade, o que serve de mote para a discussão aqui apresentada.

2.3.3- NARRATIVAS, CANÇÕES E LEITURAS

Silvio R. S. Carvalho - Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica, construída pelo autor e desenvolvida como projeto de extensão no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, com a denominação de Ateliês de narrativas biográficas pelas canções populares. Voltada para processos de autoformação e de inserção de vozes, a referida proposta tem como ponto de partida as canções que marcaram as vidas dos sujeitos participantes, bem como as suas narrativas autobiográficas. Cantar, contar e ler formam a

tríade que sustenta, metodologicamente, o trabalho dos ateliês. Apresentada como experiência autoformativa, apóia-se, teoricamente, em três pilares principais: a tradição freiriana de que ler o mundo é produzir sentido a tudo que cerca o sujeito, bem como a tudo o que lhe constitui; o entendimento de que a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, conforme pregam os estudos (auto)biográficas, mais especificamente os desenvolvidos por Christine Delory-Momberger; a potência da canção em capturar, orientar, determinar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes, assumindo o status de dispositivo, conforme definição de Giorgio Agamben, e, assim, produzindo processos de subjetivações. Os objetivos dos ateliês são, entre outros, possibilitar leituras e escritas de si, contribuir para a produção de novos processos de subjetivações e marcar “uma abertura ética, interpretativa e crítica, com relação à vida como um valor”. Sendo espaço de fala, escuta, partilha e ressignificação, os ateliês visam garantir ao sujeito que faz a narrativa da sua vida, através das canções que lhe marcaram, a apropriação da sua história, bem como permitir-lhe o poder-saber de reinscrever sua história em novas perspectivas.

2.3.4- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E CANÇÕES POPULARES

Mariana Caribé - Universidade do Estado da Bahia – UNEB

A contação de histórias apresenta, na maioria das vezes, versos a serem contados, quando não toda a história a ser contada. Assim, o objetivo aqui exposto é apresentar proposta de orientação metodológica no sentido de formar pedagogos para a contação e cantação de histórias do cancionário popular. A proposta se pauta em atividades de componente obrigatório do curso de Pedagogia, desenvolvida desde 2015. A mediação das ações volta-se para uma proposta interativa e dialógica de construção de instrumentos de acompanhamento da contação de história, explorando a sua musicalidade. A referida proposta tem como ponto de partida contos populares brasileiros. Cantar, contar e pesquisar são ações que sustentam metodologicamente o componente em questão. Apresentada como experiência autoformativa, apoia-se, teoricamente, em três pilares principais: a tradição freiriana de que ler o mundo é produzir sentido a tudo que cerca o sujeito, bem como a tudo o que lhe constitui; o entendimento de que a narração é o lugar no qual o indivíduo se encontra, conforme pregam os estudos de Bettelheim e a potência da canção em capturar e modelar as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes, produzindo processos de subjetivações. Os objetivos de tal formação possibilitam leituras e escritas de si, contribuindo para a produção de novos processos de subjetivações. Sendo assim, o componente se torna espaço de fala, escuta, partilha e ressignificação, garantindo ao sujeito que faz a narrativa da sua vida, através das canções que lhe marcaram, a apropriação da sua história, bem como permitir-lhe o poder-saber de reinscrever sua história em novas perspectivas.

Palavras-chave: Musicalidade. Contação de histórias. Canções populares.

2.3.5- ATELIÊ DE NARRAÇÃO ORAL “DOIS PASSARINHOS”: A EXPERIÊNCIA DA FORMAÇÃO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS NO CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UEFS

Luisa Gomes Portugal – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Luciene Souza Santos – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

O Ateliê de Narração Oral “Dois Passarinhos” é responsável pela formação de contadores de histórias ainda na infância. Trata-se de uma experiência empreendida com estudantes do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEB) que tem entre 7 e 10 anos e cursam o 3º ou 4º ano do Ensino Fundamental I. As crianças têm formação uma vez por semana, sempre no turno oposto às suas aulas e além de desenvolverem práticas performáticas, estudam conteúdos como memória de afetos e estrutura da narrativa para memorização dos contos. O formato escolhido para os encontros foram as oficinas formativas que integram teoria e prática numa proporção adequada e mobilizam as crianças a constituírem um repertório que ao final de cada semestre é apresentado na Brinquedoteca. Como o projeto se articula com a Brinquedoteca as rodas de histórias recebem crianças da comunidade interna e externa para vivenciarem o que denominamos formação de plateia. As crianças que contam histórias se constituem como disseminadores da cultura popular, do interesse pelo mundo literário e apresentam a outras tantas crianças um repertório ligado ao cancionário brincante da infância, repleto de cantigas e histórias. A formação é mediada por uma contadora de histórias que também é professora do CEB e por um bolsista de extensão responsável por trabalhar a voz cantada, presente nas histórias escolhidas pelo próprio grupo.

Palavras-chave: Formação de Contadores de Histórias. Ateliê de Narração Oral. Formação de Plateia. Cultura Popular.

2.3.6- OBSERVATÓRIO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS ETNOFORMATIVOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A FORMAÇÃO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS NA UEFS

Luciene Souza Santos – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Maria Cláudia Silva do Carmo – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

O Programa “Observatório de Contação de História em Espaços Etnoformativos ” é uma proposta de extensão, do Grupo de Pesquisa FORMARSER, que visa formar contadores de histórias residentes da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS que possam desdobrar a arte de contar histórias, na formação de outros interessados, tanto na ação artística quanto na formação e nos estudos teóricos sobre o tema. Para isso, empreende dois Projetos: GRUPO RESIDENTE DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DA UEFS- FEIRA DE SANTANA – BAHIA: Trata-se da formação de um grupo de contadores de histórias formado por estudantes da graduação e membros da comunidade interna e externa da UEFS, que já fizeram o curso de extensão na área ou a disciplina optativa EDU 925 Formação de Contadores de Histórias: Conta Comigo! e o ATELIÊ DE NARRAÇÃO ORAL - DOIS PASSARINHOS: que cuida da formação de um grupo de contadores mirins (faixa etária dos 07 aos 12 anos), oriundos do Centro de Educação Básica da UEFS (CEB), que articulados a Brinquedoteca

promovem rodas de contação de histórias nesse espaço e em outros espaços etnoformativos. As crianças que contam histórias se constituem como disseminadores da formação de plateia, da cultura popular e do interesse ao mundo literário. Espera-se com essas atividades que os envolvidos nessas ações ampliem conhecimentos necessários para o crescimento pessoal e, no caso dos adultos, também profissional, por meio da palavra oral e da aprendizagem colaborativa, conceito oriundo das tecnologias que tão bem se articula com essa arte milenar.

Palavras-chave: Formação de Contadores de Histórias. Ateliê de Narração Oral. Grupo Residente de Contadores de Histórias. Espaços Etnoformativos.

2.4 - SESSÃO COORDENADA 4

Coordenador da Sessão: Helena Maria Ferreira - Professora
Departamento de Estudos da Linguagem, UFLA

Eixo Temático 5 - Contação de histórias e leitura literária na mídia digital

2.4.1- O USO DE TECNOLOGIAS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira – Universidade Federal de Lavras

Todos os materiais feitos pelo homem para facilitar a sua vida, garantir a sua sobrevivência e contribuir para o desenvolvimento da sociedade são chamados de tecnologias. Dessa forma, as tecnologias digitais tão comuns no cotidiano atual são, na verdade, parte da evolução do conhecimento humano que desenvolveu ferramentas e instrumentos como pedra, fogo, papel etc. Tão antigo quanto o desenvolvimento dessas tecnologias é a tradição oral de contar histórias, já que foi por meio de narrativas que a humanidade transmitiu conhecimento e se desenvolveu. A fim de unir esses dois temas, propõe-se esta sessão, que objetiva discutir o uso de diferentes tecnologias na contação de histórias. Nesse sentido, faz-se, ainda, outro recorte, já que essa contação é voltada para as práticas de ensino de língua portuguesa. Esta sessão reúne, então, tanto gêneros multimodais, como vídeos e animações, quanto diferentes relatos: ora que utilizam realidade aumentada, ora instrumentos musicais, seja para ensinar sobre leitura para crianças, seja voltado para a educação especial, seja para refletir sobre práticas sociais como as relacionadas à situação da mulher na sociedade. Reunindo essas diferentes perspectivas, é possível fazer uma discussão sobre como variadas tecnologias contribuem para o ensino da língua portuguesa na escola.

2.4.2- ANÁLISE DA TRANSMUTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM DOIS FILMES SHREK

Laís Gonçalves Silva - Universidade Federal de Lavras
Natália Rodrigues Silva do Nascimento - Universidade Federal de Lavras

Com o passar do tempo, podemos observar que houve mudanças quanto à elaboração dos contos de fadas destinados ao público infantil. Nota-se que o empoderamento feminino nas narrações se tornou uma temática frequente, contribuindo para a construção de valores relacionados à liberdade conquistada pelas mulheres, para fazerem suas escolhas, a fim de que esses posicionamentos sejam respeitados e legitimados em sociedade. E os contos de fada do passado foram atualizados, sendo até transformados em animações. Esse é o caso da série de filmes *Shrek*, criado por William Steig e pela DreamWorks Animation e que conta as aventuras de um ogro, tendo a participação de personagens dos contos de fada clássicos. Nessa perspectiva, o nosso trabalho buscou comparar e analisar a transmutação entre dois filmes do mesmo segmento cinematográfico: *Shrek*, lançado em 2001, e *Shrek para sempre*, que teve sua estreia em 2010, sendo o último da série, até o momento. O objetivo dessa análise é, por meio da comparação entre os filmes, identificar elementos análogos e distintos escolhidos pelos criadores da produção. Os filmes em questão foram selecionados como objeto de estudo a fim de problematizar e identificar as mudanças diacrônicas presentes nas narrações. Essa abordagem se justifica pela necessidade de ampliar os estudos sobre os papéis femininos e sua representatividade em histórias infantis para serem trabalhadas na educação básica. O suporte para o desenvolvimento desta pesquisa está ancorado nos estudos de Bakhtin e nas teorias de análise crítica do discurso, que contribuem significativamente para a problematização mencionada. Logo, por meio deste trabalho será possível contribuir para as discussões sobre a representatividade da figura feminina em animações infantis, voltando o olhar para os efeitos de sentido decorrentes dessa produção cinematográfica.

2.4.3- O LEÃO APAIXONADO: O TRABALHO COM FÁBULAS EM UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL

Giuliane Aparecida Petronilho - Universidade Federal de Lavras

O presente trabalho apresenta o resultado parcial de uma pesquisa em andamento e tem como objetivo propor uma reflexão sobre a importância de uma leitura multimodal para a formação dos alunos, no contexto escolar. Para isso, utilizaremos o gênero textual fábula, propondo uma análise para a história “O leão apaixonado”, de Esopo, um fabulista grego do século VI a.C. O gênero escolhido trata-se de uma narrativa que tem o intuito de dar lições de moral sobre situações que ocorrem no cotidiano, utilizando-se de personagens que, na maioria das vezes, são animais. Realizar este trabalho, em sala de aula, por meio de uma perspectiva multimodal permitiu aos alunos novas possibilidades de leitura, uma vez que não será considerada apenas a linguagem verbal, mas, também, as imagens, os sons e os gestos, ou seja, a linguagem não verbal presente no vídeo. A história escolhida traz uma reflexão sobre as ações que cometemos quando estamos apaixonados, as quais fazem com que, muitas vezes, deixemos de ser quem somos por causa da pessoa amada e, agindo dessa forma, acabamos mal. Trabalhar com os recursos multimodais na escola torna as atividades de leitura de gêneros como a fábula mais atrativas, principalmente para as crianças. Cada vez mais, os gêneros multimodais ganham mais importância, uma vez que o conceito de leitura se amplia, extrapolando a linguagem verbal e englobando fatores extralinguísticos. Para Petermann (2005, p.2), “os elementos não verbais estão tão presentes nos textos quanto os verbais e representam diferentes significações que, muitas vezes, os leitores são incapazes de interpretar.” E, já que estamos inseridos em uma sociedade multiletrada, é de suma

importância que os alunos sejam conscientizados para esses diferentes tipos de leitura que podem ser realizados no dia a dia.

2.4.4- UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE GÊNERO TEXTUAL PROVÉRBIO POR MEIO DA TECNOLOGIA DE REALIDADE AUMENTADA

Isis Brito Alves Pedro Henrique Cardoso - Universidade Federal de Lavras

O presente trabalho tem por objetivo relatar uma atividade desenvolvida com o gênero textual provérbio, por meio da tecnologia de realidade aumentada. Como fundamentação teórica dessa pesquisa, debruçou-se sobre os estudos já desenvolvidos por Marcuschi (2002), Antunes (2003), Discini (2006), Xatara e Succi (2008), Santos (2013), Ferreira e Vieira (2013), Côrtes (2008), entre outros. Nessa perspectiva, analisou-se, em um primeiro momento, o gênero textual provérbio e suas contribuições para as aulas de Língua Portuguesa, contemplando, além dos usos e das funcionalidades desse gênero, uma reflexão sobre como o trabalho com os provérbios pode auxiliar de forma benéfica as aulas. Para isso, busca-se articular questões inerentes às práticas de contação de histórias, como: interpretação de texto, habilidades de leitura e escrita, utilização de recursos multimodais e discursos implícitos desse gênero. O provérbio é uma sentença de caráter popular que é repassada de geração em geração, mantendo, na maioria das vezes, sua forma arcaica, o que torna esse gênero um grande meio para a língua ser estudada e repassada, independentemente da época em questão. Partindo desse pressuposto, analisou-se o uso da tecnologia de realidade aumentada a favor dessa atividade, vinculando, assim, um gênero textual que, apesar de todas as suas potencialidades em sala de aula, é pouco utilizado, com a tecnologia que está no cotidiano dos discentes. Após a sua aplicação, foi possível concluir que a tecnologia de realidade aumentada juntamente com o gênero textual provérbio contribuiu de forma significativa para a plena compreensão do gênero, por parte do aluno. Essa junção fez com que a interpretação dos provérbios fosse complementada por meio das imagens selecionadas, ocasionando um pensamento mais crítico nos alunos, por meio de uma leitura multimodal.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Provérbios. Realidade aumentada.

2.4.5- UM NOVO OLHAR SOBRE A PAUSA PROTOCOLADA E DA TECNOLOGIA DE REALIDADE VIRTUAL COMO ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Nayara Claudia Ribeiro - Universidade Federal de Lavras
Pedro Henrique Cardoso - Universidade Federal de Lavras

O presente trabalho foca na pausa protocolada contemplando o recurso da realidade virtual como um alicerce para o desenvolvimento das habilidades de leitura e da interpretação de textos dos alunos da educação especial. Assim, partindo do pressuposto de que a leitura e a escrita, como práticas sociais, passaram por modificações no decorrer dos anos, possibilitando que o ensino de Língua Portuguesa abrangesse novas formas de produção e interpretação dos diversos gêneros textuais, a presente pesquisa aborda a inserção de recursos multissemióticos

como estratégias para o ensino-aprendizado às crianças especiais. Parte-se do princípio de que, devido ao constante desenvolvimento das TIC, é fundamental propor reflexões voltadas às adaptações e aos redimensionamentos sofridos pelos gêneros textuais, no que se diz respeito à leitura e à produção de textos. É sabido que, com as ferramentas tecnológicas, os textos foram enriquecidos e são agora multimodais, constituídos por elementos semióticos que estão para além da escrita, como sons, cores, imagens etc. Acredita-se, dessa forma, que os novos métodos de utilizar a leitura e a escrita sejam fundamentais e louváveis ao ensino e à aprendizagem dos alunos da educação especial. Na esteira desse processo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em Solé (1996), Dell Isola (2001), Cardoso (2006) e Rojo (2012). Em seguida, foram feitas duas atividades que são a adaptação de um trabalho anterior com alunos da APAE de Lavras-MG. É válido ressaltar que as atividades foram elaboradas de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos. Nesse sentido, as duas atividades foram realizadas de três formas diferentes. A análise dos dados permitiu constatar que o uso da tecnologia de realidade virtual junto à estratégia da pausa protocolada pode ressignificar as atividades de leitura e, também, que há uma grande necessidade de adaptar atividades ao nível de desenvolvimento de cada aluno oriundo de sua patologia.

Palavras-chave: Pausa protocolada. Realidade virtual. Leitura.

2.4.6- CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, MÚSICA E FORMAÇÃO DE LEITORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Jaciluz Dias Helena Ferreira - Universidade Federal de Juiz de Fora

A humanidade se constituiu ouvindo histórias, já que, nos primórdios, o conhecimento era transmitido por meio de narrativas orais. Os livros, contudo, não diminuíram a importância de se contar histórias; pelo contrário, tornaram-se aliados da contação, já que permitem o registro das narrações, além de possibilitarem o uso de figuras que ilustram o que está sendo contado. Objetivamos descrever a experiência ocorrida em uma escola municipal da cidade de Juiz de Fora – MG, com alunos do 2º ao 5º anos do Ensino Fundamental. Na contação, que fez parte da Semana Literária da escola, foram contadas duas histórias: *O Sapo Heitor*, de Patricia Kenney e Richard McFadden, e *A menina arco-íris*, de Marina Colasanti. Além dos livros, que ilustraram o que estava sendo narrado, foram utilizados instrumentos musicais, para acompanhar algumas canções utilizadas para tornar a contação mais lúdica. A partir deste relato, discutimos, ao longo do texto, alguns aspectos: a importância da literatura infantil (COELHO, 2000), da contação de histórias (TAHAN, 1961) e dessas para as práticas educativas (ABRAMOVICH, 1991); a contribuição da contação para a formação de leitores e para o desenvolvimento de habilidades de leitura (ANTUNES, 2003); o uso da música como aliada à educação (SERNAJOTO; SCHRANCK, 2017); e a importância de uma formação docente que contribua para se formar professores aptos a serem bons contadores de histórias (BUSATTO, 2007). Para delinear esta pesquisa, utilizamos como metodologias, além de um levantamento bibliográfico sobre o tema, a pesquisa-ação, já que a contação foi realizada por uma das autoras deste trabalho. Após este relato sobre uma contação, chega-se a considerações que salientam algumas inquietações sobre a relação dos alunos com a leitura na escola.

Palavras-chave: Contação de histórias. Música. Ensino Fundamental. Relato de experiência.

2.5- SESSÃO COORDENADA 5

Coordenador da Sessão: Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos, Professora do DEL e orientadora

Eixo Temático: 5 - Contação de histórias e leitura literária na mídia digital

2.5.1- SIMPOSIO: LEITURA E LETRAMENTO MULTIMODAL: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Universidade Federal de Lavras UFLA

Este simpósio congrega propostas que se articulam em torno da temática leitura e letramento multimodal. As pesquisas desenvolvidas articulam a pesquisa teórica à análise de dados com vistas a compreender a articulação entre letramento multimodal e desenvolvimento da proficiência leitora. Apresentam, ainda, análises de propostas de ensino, tais como, sequências didáticas, projetos de ensino e projeto de leitura, pautados em textos que articulam diferentes modos de representação da linguagem. Os temas letramento multimodal e a multimodalidade estão presentes em pesquisas que discutem leitura e escrita, como práticas sociais situadas, uma vez que tais atividades requerem o conhecimento e a interpretação de marcas visuais, espaço, cor, fonte ou estilo, imagem e, cada vez mais, outros modos de representação e comunicação, como já apontado por Kenner (2004 apud JEWITT, 2005, p. 315). O letramento multimodal relaciona-se, portanto, ao desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção escrita de gêneros textuais que se articulam por meio da combinação de diferentes modos de representação semiótica – imagem, cor, som, textura, tipografia, palavras, movimento - que contribuem para a veiculação de sentidos. A exploração de um ou de outro modo de representação depende do uso e da avaliação que os participantes fazem desses modos, já que os signos são motivados culturalmente. Assim, o objetivo primordial desse simpósio é articular discussões teóricas e práticas que contribuam para reflexões sobre a prática docente e para pesquisas sobre a multimodalidade, na dimensão dos multiletramentos e calcadas em uma concepção interacional da linguagem.

2.5.2- MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA: ANÁLISE DE DIFERENTES RECURSOS MULTIMODAIS COMO POTENCIALIDADES NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Universidade Federal de Lavras UFLA

Este trabalho analisa três versões da história “Menina bonita do laço de fita”, obra de Ana Maria Machado. Busca-se discutir sobre as potencialidades e os limites que os diferentes modos de representação da linguagem apresentam, a fim de se refletir, não só sobre o processo

de contação de histórias, mas também sobre a formação de leitores na contemporaneidade. Como pano de fundo para a reflexão, os conceitos de letramento multimodal e de letramento literário dialogam produtivamente. O letramento multimodal está relacionado ao desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção escrita de gêneros textuais diversificados que se articulam por meio da combinação de diferentes modos de representação semiótica – imagem, cor, som, textura, tipografia, palavras, movimento - que contribuem para a veiculação de sentidos. A exploração de um ou de outro modo de representação depende do uso e da avaliação que os participantes fazem desses modos, já que os signos são motivados culturalmente. Por sua vez, a promoção do letramento literário significa possibilitar que os aprendizes se apropriem efetivamente da condição de leitores capazes de experimentar a fruição que caracteriza o contato com a literatura. Enquanto representação da experiência humana, a literatura, “nos permite entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 2004, p. 16). Portanto, ao articular duas dimensões fundamentais relacionadas à formação do leitor, busca-se contribuir com as discussões relacionadas aos multiletramentos e aos usos sociais da linguagem.

Palavras-chave: Multiletramentos; Multimodalidade; Contação de histórias

2.5.3- GÊNERO MULTIMODAL CHARGE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS MULTILETRAMENTOS.

Jeniffer Aparecida Pereira da Silva - Universidade Federal de Lavras UFLA

Os gêneros textuais modificaram-se na medida em que a evolução tecnológica tornou-se uma realidade do contexto atual. Diferentes recursos estão em constante desenvolvimento para a construção dos mais diversos gêneros e esses textos que abarcam diferentes linguagens em sua estrutura são considerados gêneros multimodais. Existem, atualmente, muitas pesquisas que corroboram para a ideia de que todos os gêneros apresentam características multimodais em sua construção. Os gêneros multimodais mesclam diferentes linguagens com o intuito de atingir determinados objetivos de seus produtores e, sendo assim, utilizam recursos como sons, imagens, cores, movimentos etc. Todos esses recursos possibilitam que os produtores utilizem estratégias variadas para a construção do gênero. Um dos gêneros que pode ser discutido a partir de uma perspectiva multimodal é o gênero charge. O gênero charge possui como objetivo abordar assuntos do cotidiano atual da sociedade por meio da crítica e está presente na seção de opinião de jornais e revistas impressos e online. A charge apresenta em sua composição estrutural recursos multimodais como as cores, posicionamentos de elementos na superfície, assim como apresenta recursos linguísticos como a utilização de operadores argumentativos entre outros. Nesse sentido, o gênero charge torna-se relevante para a análise de como a charge é constituída estruturalmente por meio de diferentes recursos. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é analisar as estratégias multimodais e as estratégias argumentativas presentes no gênero charge impressa e charge online. O trabalho pautou-se em uma pesquisa teórica pautada em autores como Kress e Van Leeuwen (2006), Jewitt (2005), Dionísio (2005), Romualdo (2000), Cavalcanti (2008) e, posteriormente foi realizada uma análise de quatro charges impressas e uma charge online com o intuito de verificar as estratégias presentes no gênero. A pesquisa justifica-se pela necessidade de analisar os mais variados gêneros multimodais. Justifica-se, ainda, pela relevância que os

gêneros multimodais possuem na formação de leitores estejam em diálogo com os constantes multiletramentos presentes em sociedade.

Palavras-chave: Charge; Multimodalidade; Multiletramentos; Argumentação.

2.5.4- LETRAMENTO MULTIMODAL E TECNOLOGIAS: A (RE)CONFIGURAÇÃO DE TEXTOS DO DOMÍNIO PUBLICITÁRIO.

Paula Silva Abreu - Universidade Federal de Lavras UFLA

O uso e a renovação cada vez mais crescentes do ciberespaço proporcionam transformações não só com relação à estrutura dos gêneros textuais discursivos, mas também com relação aos próprios meios e modos de circulação desses textos, levando-se em consideração que a língua é um artefato cultural e social e, por conta disso, acompanha as transformações das sociedades. Nesse sentido, o ambiente virtual – sobretudo as redes sociais como *YouTube*, *Instagram* e *Facebook* – tornam-se ferramentas fundamentais de divulgação de diferentes textos, incluindo-se os gêneros pertencentes ao discurso publicitário. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivos (i) refletir sobre os impactos que as novas tecnologias exercem sobre os gêneros da esfera publicitária, levando-se em consideração tanto as mudanças na estrutura composicional dos textos quanto o contexto de divulgação, recepção e circulação desses gêneros e (ii) analisar, por meio de comparações, diferentes textos publicitários veiculados em suportes e ambientes diversos de modo que se possa apontar fatos que exemplifiquem o ponto de vista proposto. Como base para a pesquisa empreendida, tem-se um quadro teórico composto por autores como Araújo (2013), Bakhtin (2003), Discini (2005), Ribeiro (2002), entre outros que falam sobre os gêneros textuais discursivos, sobre o discurso publicitário, sobre a concepção de contexto e sobre a visão das novas tecnologias como motivadoras de mudanças nas formas de comunicação e de interação pela linguagem. Além disso, trabalha-se um corpus de análise composto por diferentes tipos de textos do discurso publicitário que veiculados em *outdoors*, através de *pop-up* ou *e-mail*, revistas impressas e *online*, etc. proporcionam uma percepção das diferentes formas que textos publicitários podem assumir a partir de contextos variados. O trabalho justifica-se pela necessidade de aprofundamento de pesquisas voltadas para o impacto de novas tecnologias na construção das interações humanas pela linguagem e na formação de leitores.

Palavras-chave: Publicidade. Formação de leitores. Letramento multimodal.

2.5.5- O HUMOR EM NARRATIVAS: ANÁLISE DE MECANISMOS LINGÜÍSTICOS NO GÊNERO TIRINHA.

Maria Eduarda Silva Rufino - Universidade Federal de Lavras UFLA

O humor é reconhecido diariamente em nosso cotidiano e ele se instaura tanto nos meios orais quanto escritos. Em relação aos textos escritos é comum nos depararmos com humor em gêneros como histórias em quadrinhos, tirinhas, crônicas e piadas. O estudo do tema perpassou por grandes pesquisadores e hoje é considerado um objeto de estudo para as mais diversas

áreas do conhecimento. Um dos primeiros pesquisadores sobre o humor foi Freud em “ O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905) e, apesar de fazer uma análise voltada para a área psicanalítica, o autor argumenta que a questão dos recursos linguísticos é um importante instrumento para a construção da comicidade, pois apesar de serem muitas vezes consideradas relativamente simples e de fácil entendimento, é somente através de tais recursos que o chiste pode ganhar a forma que caracteriza o gênero. Ainda de acordo com o autor e pontuado por Barcellos (2004) o humor tem como função fazer uma aproximação embasada no poder do riso entre o ouvinte/leitor e o enunciador/autor, por meio expressões que buscam hostilizar outrem, fazendo com que ela nutra um sentimento de simpatia, além de ser uma forma de ser aceito socialmente e “formas de escapar da repressão e do controle” (POSSENTI, 2010, p.136). Travaglia (1990) contesta também a relação entre o humor e questões sociais, que segundo ele vai além do simples fato de rir, mas se torna um método de mostrar o funcionamento social. Partindo para um estudo mais recente, para Possenti (2010) o humor tem seu próprio sistema de funcionamento, dotado de regras; o humor não tem a função de moralizar ou de ensinar, mas ainda que usando mecanismos como exagerar, caracterizar, estereotipar, ridicularizar, busca, à sua própria maneira, apresentar pessoas e fatos “segundo seus valores e ideologias.” A partir dessas considerações, este trabalho objetiva investigar as estratégias que contribuem para a construção do efeito de humor no gênero tirinha. Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho está alicerçado em uma pesquisa teórica e, na análise de tirinhas partindo de pressupostos sobre questões do letramento multimodal nesse gênero em específico. A relevância deste trabalho se justifica por possibilitar o trabalho do professor não somente numa perspectiva o humor pelo humor, mas uma análise nos diversos recursos multissemióticos que busca ampliar as habilidades de leitura e compreensão.

Palavras-chave: Humor. Gêneros textuais. Mecanismos linguísticos.

2.5.6- LETRAMENTO MULTIMODAL E PUBLICIDADE: AS CONTRIBUIÇÕES DOS RECURSOS MULTISSEMIÓTICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PROFICIÊNCIA LEITORA

Aline Gabrielle Correia da Costa - Universidade Federal de Lavras UFLA

Partindo do pressuposto de que a leitura e a compreensão de textos são processos cognitivos, e que os textos se estruturam por meio de mais de um modo semiótico e não apenas pelo modo verbal, considera-se a relevância do estudo e análise de recursos que estão cada vez mais presentes em gêneros textuais que circulam nos mais diferentes suportes. Esses recursos podem ser cores, enquadres, símbolos, saliência, representações, movimentos, etc., que se combinam a fim de contribuírem para que leitores construam sentidos para os textos lidos. Segundo KRESS e VAN LEEUWEN (2006), assim como a linguagem verbal, a linguagem visual é dotada de uma sintaxe própria, em que os elementos possuem suas estruturas próprias e se organizam para comunicar de modo coerente. Torna-se, então, notável que a compreensão de textos multimodais possibilita ao leitor a ampliação de suas capacidades de leitura. Neste viés, este trabalho se propõe a discutir pressupostos teóricos que elencam e discutem a relevância do letramento multimodal e dos significados visuais, como as contribuições da Semiótica Social a partir dos pressupostos na Gramática do Design Visual de KRESS e VAN LEEUWEN (2006). Além disso, propõem-se analisar, sob a perspectiva da GDV, textos de

domínio publicitário, de modo a compreender os significados multissemióticos presentes nesses textos. Os resultados obtidos a partir do estudo empreendido apontam para a importância cada vez mais evidente do letramento multimodal, uma vez que os modos composicionais analisados nos textos se vinculam aos demais mecanismos linguístico-textuais e contribuem para a construção de sentidos, e assim, para a formação de leitores mais proficientes.

Palavras-chave: Multimodalidade. Anúncio publicitário. Leitura.

2.6- SESSÃO COORDENADA 6

Coordenador da Sessão: Guilherme Trielli Ribeiro - Professor universitário, Universidade Federal de Minas Gerais

Eixo Temático 6 - Contadores de histórias, narrativas e práticas orais

2.6.1- PROCESSOS CRIATIVOS INTERARTES NA PERFORMANCE DE NARRADORES ORAIS

Guilherme Trielli Ribeiro - FaE/UFMG

Através da análise de performances de contação de histórias ou, mais especificamente, das interações entre narradores orais e músicos, procuro refletir sobre como são criadas as sequências acústicas das performances. Interessa-me o modo como se processa a simbiose entre o discurso musical e o discurso poético ou, em outras palavras, como a improvisação livre e a narração de histórias se entrelaçam de modo dialógico e inventivo, propiciando os processos de produção de sentido durante a performance. Tal simbiose será descrita e interpretada à luz dos conceitos de movência (ZUMTHOR), oralitura (MARTINS) e presença (GUMBRECHT).

2.6.2- A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA

Marta Pinheiro Passos - Arte e Tecnologia - CEFET-MG

Dialogando com a pesquisa sobre os novos contadores de histórias, de Maria de Lourdes Patrini, proponho uma reflexão sobre práticas contemporâneas de contação de histórias realizadas em centros urbanos, tanto em escolas como em espaços públicos, investigando a relação, presente em muitas dessas práticas, entre oralidade e cultura escrita. Para a caracterização dos “novos contadores” e análise de suas práticas, parto do conceito de narrador, de Walter Benjamin, e utilizo como fundamentação teórica o conceito de performance de Zumthor, com o destaque para a gestualidade e a vocalidade.

2.6.3- PROCESSOS CRIATIVOS INTERARTES NA PERFORMANCE DE NARRADORES ORAIS

Mateus de Moraes Servilha - FaE/UFMG

Através de um diálogo entre a “ontologia subtrativa do sujeito”, proposta por Vladimir Safatle, e os conceitos de “espaço desacostumado”, de Jader Janer Lopes, e “espaço aberto”, de Doreen Massey, propomos uma reflexão acerca das potências afetivas da contação de histórias na produção de sentidos socioespaciais para a “experimentação espacial” e a abertura do sujeito ao diálogo com a outridade.

2.6.4- O CORPO E A VOZ: CULTURA ACÚSTICA NA EDUCAÇÃO INDÍGENA XAKRIABÁ

Vanessa Lorena Anastácio Mestre em Educação - UEMG

Partindo da análise das performances de dois contadores de histórias Xakriabá, busco tecer considerações sobre como a expressão poética destas vozes ressoam na educação deste povo indígena. Compreendendo suas práticas como aulas-performances, proponho estabelecer um diálogo entre os conceitos de memória (tal como aparece na obra *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert), performance (ZUMTHO), cultura acústica (LOPES) e dialogismo (BAKHTIN).

2.6.5- A INTENÇÃO DA NARRATIVA IMAGÉTICA E A EXPANSÃO DE COGNIÇÕES EM TEMPO REAL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Vinícius D. Moreira, Designer Artista Visual - UEMG

Filmes, fotos, desenhos e rabiscos em dispositivos de retroprojeter, projetor multimídia e refletor de luz enquanto performance imagética que envolve um alto grau de improvisação, explora formas, composição, intensidade de luz, vibrações, desfocagem, instabilidade, sons e narração de histórias. Penso estes ingredientes poéticos como meios de produção de sensações de naturezas diversas pelo estímulo da projeção visual, íntima, instável e singular, em diálogo com os estudos de Patrícia Moran, em audiovisual em tempo real, e Márcio H. Mota, em espaços e imaginários deslocáveis, entre outros pesquisadores, artistas e educadores autônomos.

3- PÔSTER

3.1- EIXO 1 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA"

3.1.1- CLUBE DA LEITURA: A LEITURA LITERÁRIA COMO APARATO PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Edineia Gonçalves do Nascimento – Escola Estadual Cinira Carvalho

Sabemos que a leitura é o modo que utilizamos para interagir com o ambiente em que estamos localizados e para a nosso entendimento de mundo. O presente trabalho vem sendo desenvolvido com os/as alunos/as do 2º ano do Ensino Fundamental do Ciclo Inicial de Alfabetização da Escola Estadual “Cinira Carvalho” em Lavras – Minas Gerais. Durante o ano letivo de 2018 os/as alunos estão levando vários livros infantis para casa, sendo esta iniciativa uma tentativa para incentivo a leitura. Toda semana dois alunos/as levam os livros para casa, realizam a leitura juntamente com a família, fazem o registro em um caderno específico que acompanha os livros. Na devolutiva do livro, os/as alunos/as recontam a história que foi lida em casa e no caderno que levam para casa estão colados os roteiros para fazer as atividades referentes as histórias lidas. Eles devem destacar no roteiro o nome do livro, o autor, a editora, os personagens principais, a parte que mais gostou da história e para encerrar devem fazer uma ilustração do livro. No Clube da Leitura estão sendo retomados os clássicos infantis como A Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho, Soldadinho de Chumbo, Cinderela, Rapunzel, etc. Foram escolhidos com objetivo de resgatar as histórias antigas e ao mesmo tempo servir como de ponto de partida para ampliação da competência leitora dos/as alunos/as, pois por intermédio da prática literária diversificada e da troca de ideias na roda literária os/as alunos/as são impulsionados a repensar sobre as histórias e desenvolver o imaginário.

3.1.2- A VERSÃO DAS CRIANÇAS: (RE) CONTANDO LEITURAS DE MUNDO E LEITURAS DA PALAVRA

Franciane Sousa Ladeira Aires, Mestranda – UFLA
Bárbara Marta Silva – E. M. Maestro Adhemar Campos Filho

A literatura exerce papel fundamental na vida escolar do educando e em suas vivências, pois possibilita a leitura do mundo e da palavra como experiência marcantes que desenvolvem a criticidade, a cognição, a autonomia e a transformação social. O trabalho tem como objetivo apresentar atividades que envolvem a literatura e a leitura literária na formação escolar, bem como destacam as contribuições do reconto e da criatividade das crianças. Fundamentadas sob a inspiração do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e pelos conceitos de Paulo Freire, as atividades foram desenvolvidas com crianças de duas turmas de 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Prados/MG. A primeira atividade

realizada constituiu-se pela análise da fábula “A cigarra e as formigas” e suas diversificadas versões, para que as crianças pudessem posicionar-se criticamente, além de proporcionar uma reflexão sobre a própria contextura. Por conseguinte, o texto literário “João e o pé de feijão” foi escolhido, democraticamente, pelas crianças a fim de que, em grupos, pudessem produzir o reconto da obra. Sendo assim, pela dinâmica de um ambiente de interação e de liberdade, os educandos fizeram as modificações que desejaram, tais como, a criação de novos personagens, o acréscimo de novos fatos, além da confecção do cenário e/ou dos fantoches e, por fim, a encenação do reconto. A oportunidade de recontar histórias motiva às crianças a progredirem a capacidade de refletir, de expressar, de posicionar e de produzir o conhecimento. Logo, a atuação e a versão do educando criam novas (re)leituras de mundo e de palavras, de modo que são oportunizados saberes coerentes com o universo cultural, social e imagético da criança.

Palavra-chave: Literatura literária. Formação docente. Contação de histórias.

3.1.3- RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROJETO MALA DE LEITURA DA UFMG

Juliana dos Santos Rocha – Mestranda UFMG

Rosana Aparecida Alves Reis – UFMG

Luciana Prazeres Silva – UFMG

Sofia Fajersztajn de Almeida – Graduanda – UFMG

O Mala de Leitura é um dos projetos de extensão mais antigos da UFMG e, ao longo de mais de duas décadas, atingiu um número expressivo de crianças, jovens e adultos, em suas diferentes frentes de trabalho. Com malas de viagens decoradas, levamos em seu interior livros de nosso acervo, lemos uma história, de acordo com a faixa etária dos ouvintes, para instituições parceiras do Projeto: creches, escolas de educação infantil e ensino fundamental, organizações não governamentais. Após a leitura do livro escolhido, a mala repleta de livros é aberta e os seus ouvintes são convidados a explorar as potencialidades de cada livro e a dialogar sobre ele. Atualmente, cerca de 400 crianças e adolescentes recebem uma integrante do projeto com uma mala decorada que realiza a leitura e/ou contação de histórias, em algumas instituições com frequência quinzenal e em outras, com frequência mensal. Além disso, temos uma parceria com a Rádio UFMG Educativa, no qual os integrantes do projeto leem pequenas histórias que vão ao ar diariamente às 9h45 no Programa Veredas de Histórias, desde 2007. A partir dessa parceria já foram gravados quatro CDs com histórias contadas por docentes e alunos do Centro Pedagógico. No momento, nossa equipe é formada por oito professoras, duas bibliotecárias e uma aluna da UFMG que é bolsista do projeto. Ao longo dos anos, nosso trabalho, tem demonstrado que o projeto ocupa um lugar expressivo na promoção da literatura, contribuindo com o letramento literário do público atendido e ainda tem favorecido a formação da própria equipe, que procura conhecer novas obras e histórias frequentemente. Além disso, temos notado grandes impactos na vida escolar dos alunos que participam e/ou participaram do projeto, bem como de seus professores.

Palavras-chave: Projeto Mala de Leitura. Leitura literária. Contação de histórias.

3.1.4- A LITERATURA LITERÁRIA COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Rosana Ferreira – Graduanda UFLA

O presente artigo demonstra a importância de se trabalhar o texto literário em sala de aula, não somente para complementar o estudo da língua portuguesa e sua gramática, mas, também para proporcionar ao aluno os conhecimentos sobre todas as nuances que uma leitura traz consigo. Parte-se do pressuposto de que ao trabalhar um texto literário o aluno passa a perceber todas as possibilidades que esse texto viabilizará, possibilidades estas que serão: o sentimento, a imaginação, o entendimento e o questionamento sobre as mais diversas questões sobre a sua realidade. Para isso, assumiu-se uma pesquisa com foco qualitativo, tendo como procedimento metodológico a análise dos objetivos que norteiam os projetos de leitura. O objetivo é demonstrar algumas perspectivas de tornar a leitura literária em sala de aula mais eficaz e atraente aos alunos, proporcionando a interação entre texto e leitor e consequente transformação de sua vida. Como fundamentação teórica apoia-se no conceito de literatura literária de Cosson (2016) que defende a leitura como ferramenta para o desenvolvimento do sujeito leitor e apresenta alternativas de construções de projetos de literatura literária e círculos de leitura no contexto escolar, pois entende que esse ambiente é o principal responsável na formação do leitor. Concluímos que os projetos de leitura aproximam as crianças da literatura, favorecendo processo de reflexão que a ação leitora proporciona, atuando como importante agente no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização.

Palavras-chave: Leitura literária; Projetos de Leitura; Ambiente Formador.

3.2- EIXO 2 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E EDUCAÇÃO INFANTIL"

3.2.1- POESIA POPULAR NA LITERATURA DE CORDEL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristiane Sousa Santos – Escola Municipal Judite Alencar Marinho

Pensando na construção do conhecimento através das experiências é interessante que na Educação Infantil, a criança tenha contato com a cultura da região em que vive, aprendendo a valorizar e conservar sua história. Uma maneira de apresentar essa cultura é através da literatura de Cordel, que faz parte da poesia popular e tem transmitido de geração e geração a história do povo nordestino. Nesta perspectiva, o projeto Descobrimos a história de Feira de Santana através da poesia popular na Literatura de Cordel, aplicado em uma turma do Grupo 05, turno vespertino, da Pré – Escola Municipal Judite Alencar Marinho, teve como objetivo ensinar a literatura de Cordel para crianças na Educação Infantil, de maneira que elas aprendam sobre a cultura local e a poesia popular. Essa experiência teve início com atividades que permitissem familiarizar as crianças com a linguagem do cordel. Para isso foram utilizados recursos como fantoches, vídeos, que pudessem atrair a atenção das crianças, pois a literatura de cordel, nem sempre traz imagens em suas histórias. Partindo desta introdução,

as crianças foram descobrindo, através de histórias dos cordelistas locais, iniciando com Jurivaldo Alves da Silva, cordelista feirense, que no seu Cordel Cidade Princesa, relata como surgiu o Município de Feira de Santana. O estudo desse cordel, propiciou as crianças um envolvimento com seu cotidiano, pois paralelo ao cordel também foram apresentadas imagens do surgimento da Cidade de Feira de Santana até imagens atuais, permitindo que as crianças se reconhecessem naquele ambiente recordando os lugares. As crianças também, exercitaram a imaginação, pensando como seriam os personagens narrados na história “O Enlace de Dom Ratão com Dona baratinha”, do cordelista Franklin Maxado – o Nordestino, permitindo uma reflexão sobre a história e desenvolvendo a criatividade através do desenho dos personagens. Para despertar o gosto pela leitura e escrita, o projeto contou com a participação da supervisora do PIBID, a professora Luciene Dias, que promoveu junto com a professora da turma Cristiane, uma conversa com o autor. A proposta foi de lançar um cordel, de autoria da supervisora Luciene Dias, para que através deste evento as crianças interagissem fazendo perguntas para a autora. Trata-se de um cordel que conta a história dos 30 anos da Escola Judite Alencar, e que teve como ilustração da capa desenhos da turma do grupo 05, na qual o projeto foi aplicado. Com isso, as crianças tiveram contato com a história da sua cidade, a cultura local, através da literatura de Cordel.

Palavras-chave: Experiência. Literatura. Histórias.

3.2.2- LEITURA LITERÁRIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Danuza Roberta Pereira Lima – Professora NEDI / UFLA

Este trabalho considera as práticas de leitura literária na primeira infância como sendo essenciais no processo de letramento e apreensão do mundo por parte da criança. Diante disso, esse relato tem por objetivo apresentar e refletir acerca de uma experiência com a leitura literária desenvolvida em uma turma de crianças com cinco anos de idade em uma Unidade Municipal de Educação infantil, no município de Contagem estado de Minas Gerais. Esse texto tem o objetivo de responder à seguinte questão: de que forma a leitura literária na educação infantil, pode contribuir na leitura de mundo realizada pela criança? E também demonstrar qual a influência da literatura no processo de letramento infantil na pré-escola. Para isso, nosso trabalho será fundamentado na concepção de letramento defendido por Soares (1996) em que a autora afirma que letramento é o estado ou condição que um grupo social ou indivíduo adquire como consequência da apropriação da escrita. Esse relato também será embasado na discussão acerca do letramento literário na primeira infância defendida por Baptista, Noronha e Cruz (2013). As autoras partem “[...] do pressuposto de que a leitura do mundo é também mediada pela leitura da palavra oferecida, dentre outras formas, pelo contato com a literatura [...]” (BAPTISTA; NORONHA; CRUZ, 2013, p. 11). A experiência que será relatada aconteceu a partir da leitura de um livro chamado: o mistério da lua, escrito por Sônia Junqueira. A autora traz, nesse livro, diversos e criativos palpites dados pelas crianças para explicar o fato da lua ter aparecido bem “magrinha” e “fininha” no céu de uma determinada cidade. Mediante a roda de leitura, as crianças se envolveram com a história e demonstraram curiosidades em relação ao assunto tratado, propondo diversas atividades sobre a temática e construindo uma aprendizagem significativa e participativa.

Palavras-chave: Educação infantil. Letramento. Leitura literária. Contação de histórias

3.2.3- LETRAMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UM ESTUDO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Érica da Costa Terra – Graduanda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Ao considerarmos que o letramento é o uso social da leitura e da escrita, referindo-se à capacidade do sujeito de interpretação, de produzir sentidos que se dá por meio de sinais e símbolos na sociedade, entendemos que um adulto ou criança que ainda não sabe ler ou escrever possui graus de letramento, por conhecer as funções da leitura e escrita no meio em que vive e por muitas vezes saber interpretar os sinais a sua volta. Neste sentido, com o intuito de compreender os temas leitura e letramento na educação infantil, o presente estudo tem como propósito apresentar um levantamento das produções científicas que abrangem questões sobre letramento, leitura e escrita na primeira infância. Diante disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir de um levantamento das produções científicas como dissertações e teses defendidas nos últimos 10 anos que discutem a temática da leitura e da escrita na educação infantil. A pesquisa realizará um estudo na plataforma de Dissertações e Teses da Capes. Para um estudo mais amplo sobre a temática, nos apoiaremos também nas obras de Queirós (1998), Manguel (1997), Freire (2001), Goulemot (2001), e Koch e Elias (2007), para descrever uma concepção de leitura, relacionando a leitura, o texto e o sentido que as mesmas produzem nas pessoas. A partir do levantamento realizado, foi possível observar quais as discussões teóricas que predominam nos trabalhos acadêmicos, com ênfase no processo de leitura na dimensão social e na formação do leitor pelas relações de mediação.

Palavras-chave: Leitura. Letramento. Educação Infantil. Formação do leitor.

3.2.4- O “BEM” E O “MAU” NA LITERATURA INFANTIL: UMA BREVE ANÁLISE DAS PERSONAGENS QUE ENCANTAM AS CRIANÇAS

Gislaine Consuelo dos Santos Acevedo – Professora Educação infantil

O presente trabalho trata de resgatar elementos acerca do reconhecimento da criança na história, do surgimento de uma literatura voltada para a infância e responder por que, apesar de existir uma gama de livros destinados ao público infantil, há um peculiar fascínio e preferência das crianças por livros que apresentam contos em que a figura do mal é representada pelo lobo ou por uma bruxa. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica. O principal objetivo é compreender como se dá a interpretação do bem e do mal pelas crianças através da literatura infantil, compreendendo especificamente a partir de qual momento histórico a criança passa a ser vista em suas especificidades, evidenciando como surge a literatura infantil e a partir de então, demonstrando qual a importância da literatura infantil e como se dá o fascínio infantil pelas figuras do bem e do mal presentes nos contos.É

imprescindível uma mudança de olhar sobre a criança e sobre a literatura infantil. Compreender o seu fascínio pela figura de personagens consideradas más pode ajudar a responder questões e interrogações humanas presentes desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contadores de Histórias.

3.2.5- HISTÓRIAS PARA OS BEBÊS; LEITURAS E ENCANTAMENTOS

Kamylla dos Santos Rocha – Professora do CECI Bercário DEDIC/ Unicamp

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a temática da leitura para bebês no espaço de educação coletiva: a creche. É certo que a leitura para bebês vem ganhando centralidade nos planejamentos e projetos das professoras de educação infantil. Assim, através do memorial de carreira e também de fotos do cotidiano, que revelam e explicitam as práticas de contar histórias em nossa creche; a discussão acontecerá nesse diálogo: prática-reflexão. Em nossas práticas propomos leituras e contações de histórias em diferentes espaços e ambientes: na “bebêteca”, na varanda, embaixo de uma árvore, na sala de descanso, com fantoches, com legumes, com as famílias, etc; estas são formas de apresentar e proporcionar contextos diversificados de contato com universos culturais, além de cultivar a curiosidade, mente criativa e inventiva, e instigar o imaginário dos bebês. A professora que conta a história tem o aval de contar e re-contar a história a seu modo, também colocando a sua inventividade. A metodologia do referido trabalho reside na etnografia, observação participante, com um grupo de 10 bebês de 06 a 09 meses de idade, com uma das professoras da turma, e com as famílias. Como resultados parciais, temos fotografias mostrando o encantamento, exploração, manipulação e apropriação dos livros e materiais utilizados pelos bebês ao longo do percurso.

Palavras-chave: Leituras. Educação Infantil. Formação leitora.

3.2.6- ADAPTAÇÃO DA HISTÓRIA DE CHAPEUZINHO VERMELHO PARA FALAR SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Lucimara Bueno de Oliveira – Professora da E. M. Paulo Lourenço Menicucci
Rita Augusta Trindade Pereira – Professora da E. M. Paulo Lourenço Menicucci
Alana Máximo Buscácio – Professora do Município de Lavras

Partindo do pressuposto que a escola é um espaço de interação para promover educação de qualidade, saúde, formação de valores e hábitos saudáveis, as professoras da Educação Infantil na Escola Municipal Paulo Lourenço Menicucci - em Lavras/ MG, resolveram abordar a temática referente à alimentação saudável de uma maneira diferente, lúdica e criativa. Tendo em vista que o ato de contar e ouvir histórias agrada todas as idades podendo ser consideradas importantes ferramentas para a imaginação, possibilitando uma melhor compreensão do mundo, as professoras das turmas de 1ª e 2ª Etapa, resolveram apresentar o conteúdo através da contação de histórias onde fizeram uma adaptação do clássico A Chapeuzinho Vermelho.

Para realizar a intervenção junto às crianças, uma das educadoras, diante de um momento mágico e extremamente lúdico, interpretou a personagem principal e contou uma nova versão desta história introduzindo a questão dos alimentos saudáveis. Relatamos que receberíamos uma visita especial e para isso cada criança deveria encaminhar para a escola uma fruta da qual mais gostava. Através de um momento de muita diversão e aprendizado ao ar livre, realizamos toda intervenção junto às crianças contando histórias e enfatizando sobre a importância das frutas em nossa alimentação. Para finalizar, a personagem ensinou a fazer uma deliciosa salada de frutas de maneira a evitar o desperdício. As crianças montaram suas próprias saladas, experimentando diferentes sabores, texturas, observando as cores e características de cada fruta, e ao final, após a degustação, cada criança relatou o que mais gostou. Sendo assim, pode-se dizer que o principal objetivo foi oportunizar, explorar e despertar nas crianças a importância de manter hábitos saudáveis de maneira descontraída e recheada de aprendizado. Percebemos que houve grande envolvimento das famílias, entusiasmo e participação na construção e conscientização referente aos alimentos e melhoria na saúde dos envolvidos.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Educação Infantil. Hábitos Saudáveis.

3.2.7- OLHARES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Naara Lúcia Fátima Isidoro – Graduanda UFLA
Keila Montes Pereira – Graduanda UFLA

O presente trabalho tem como principal intuito apresentar e discutir acerca da contribuição da contação de histórias para o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. No período atual em que vivemos, a mídia e as novas tecnologias digitais tornam-se cada vez mais presentes em nosso cotidiano, logo, estão cada vez mais acessíveis às crianças. À vista disso, os livros estão sendo substituídos por vias digitais, sendo então, desafiador para todos motivarem as crianças a lerem, e conseqüentemente, tomarem gosto pela leitura, independentemente da idade. Contudo, é fundamental a ação de contar histórias no âmbito escolar, pois enriquece a práxis docente e ao mesmo tempo promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas tanto para os discentes quanto para o docente. Segundo Vygotsky todo indivíduo adquire seus conhecimentos no plano externo, como na relação social, para depois converter-se em um órgão da individualidade da criança. Sendo assim, o processo educacional se fortalece gradativamente, pois para Vygotsky os educadores acabam se tornando diariamente um elo no processo da educação escolar, visto que, educam gerações por meio da palavra. Nessa perspectiva, Coelho (2000), menciona faixas etárias de leitores de acordo com o desenvolvimento das crianças, relatando seu amadurecimento como primordial para a modificação de etapas. Abramovich (1997, p. 23), traz este momento de contação de histórias como importante para o desenvolvimento de várias áreas, sendo um momento de grande importância na infância, que deve ser valorizado e levado a sério. Desse modo, propomos a intervenção pedagógica a partir da literatura infantil, com a contação de histórias. Logo, com as pesquisas realizadas, temos intenção de motivar os pais, responsáveis, professores e todos os demais envolvidos com a infância, a verem nas práticas de leitura literária e de contação de histórias, um meio de desenvolvimento positivo e imprescindível para as crianças.

Palavras-chave: ensino, aprendizagem, contação de histórias.

3.2.8- EXPERIÊNCIAS SOBRE O CUIDAR E EDUCAR VIVENCIADAS EM ATIVIDADES DE LEITURA COM CRIANÇAS DE 2 ANOS

Paula Renata Lima Alvarenga – Graduada UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA
Vânia Lima Laurente – Professora do Colégio Losango de Lavras

O processo de educação percorre um caminho cheio de desafios, mas também traz vários reconhecimentos do quanto é importante para a formação dos estudantes. A educação Infantil é uma etapa da educação básica em que as crianças vivenciam, constantemente, as descobertas do mundo que as cercam, trata-se de uma fase que deve ser vivida com muito respeito e amor, tanto pelas crianças, quanto pelos os docentes. Neste sentido, ressaltando que o cuidar e o educar têm um papel fundamental para as crianças, principalmente as crianças pequenas de 0 á 6 anos. A escola deve ser uma extensão do lar, ambiente aconchegante, tranquilo e lúdico, e esse processo de adaptação muito das vezes é feito de forma rápida pelos docentes e eles não entendem a especificidade de cada aluno, mas deve levar em consideração que cada criança tem seu tempo para se adaptar. E como educadores devemos propiciar um ambiente para que elas se sintam bem e a vontade, similar como em sua casa, o que pode ser possibilitado com o desenvolvimento de atividades de leitura literária. Deste modo, o presente trabalho refere-se a um relato de experiência de atividades de leitura com crianças de 2 anos da educação infantil, organizadas pela professora no cotidiano de uma turma de um colégio da rede particular de ensino de Lavras, MG. Para apoiar a reflexão teórica sobre o cuidar e o educar, que andam juntos nessa etapa, teremos como base os estudos de Paulo Freire (2001) e Heloisa Helena Oliveira de Azevedo (2007).

Palavras-chave: Cuidar. Educar. Leitura. Educação Infantil.

3.2.9- ESPAÇO PARA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA INFANTIL NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE LAVRAS

Sarah Cristina Costa Ferreira – Graduada UFLA
Laura Santos da Costa – Graduada UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Considera-se que as bibliotecas são espaços de promoção da leitura e de formação do leitor para tal, este trabalho tem por finalidade, contextualizar um estudo efetuado na Biblioteca Municipal de Lavras-MG. Tem-se como objetivo analisar e identificar o espaço reservado ao pequeno leitor, o acervo e os demais aspectos tangíveis, ou não, direcionados à literatura infantil, visando que a leitura é fundamental para desenvolver o processo cognitivo e as demais funções sociais compreendidas em nossa episteme. Diante disso, explana-se uma pesquisa de

campo sobre o levantamento de dados do espaço físico da biblioteca, por meio de imagens, entrevistas realizadas com as bibliotecárias e os demais usuários, tendo em vista que esse ambiente integra à comunidade ofertando conhecimento, autonomia e desenvolvimento cultural. Para discutir a relação entre leitor e leitura proposta por Chartier (2012), considerando-se verossímil a leitura como formadora do sujeito e não meramente um ato individual e silencioso. As primeiras observações da pesquisa indicam que esse local vem perdendo frequentadores, o que está relacionado ao horário de funcionamento da biblioteca que coincide aos horários escolares das crianças. Diante disso, para alcançar uma maior frequência do público infantil, a Biblioteca Municipal de Lavras vem criando ações por meio de divulgações sucedidas mediante eventos, tendo como exemplo “O dia do Livro” decorrido em abril de 2018, entre outras ações como projetos de divulgação da leitura e de ornamentação do espaço destinado à literatura infantil.

Palavras-chave: Biblioteca. Leitura na educação infantil. Literatura infantil.

3.3- EIXO 3 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEITURA LITERÁRIA E ALFABETIZAÇÃO"

3.3.1- LIVRO “O ANIVERSÁRIO DO SENHOR ALFABETO”: A LEITURA LITERÁRIA COMO PONTO DE PARTIDA PARA O DESENVOLVIMENTO DA APROPRIAÇÃO DE SISTEMA DE LEITURA E ESCRITA

Edineia Gonçalves do Nascimento – Professora da Escola Municipal Professor José Luiz de Mesquita

O presente trabalho insere-se na categoria relato de experiência e tem como objetivo narrar o trabalho desenvolvido com os/as alunos/as do 2º ano do Ensino Fundamental – Ciclo Inicial de Alfabetização da Escola Municipal Professor José Luiz de Mesquita em Lavras – Minas Gerais. A prática docente vem possibilitando ações didáticas envolta do Livro “O aniversário do Senhor Alfabeto. A partir da contação estão sendo desenvolvidas atividades relacionadas a história que se entrelaçam a outras atividades relacionadas a apropriação do sistema de leitura e escrita. Segundo Colombo (2009, pág. 73) “As primeiras leituras tanto realizadas pelas crianças, como as que são feitas a elas, marcam em suas memórias que perduram por anos. Se for perguntado a um adulto qual o último livro que ele leu, a resposta muitas vezes será de que ele não se lembra, mas se perguntado qual o livro que ele mais gostou, ou a história que mais gostava quando criança, com certeza ele terá uma resposta na ponta da língua”. Sendo assim, a prática leitora realizada a partir da constante retomada da história contribui para a ampliação da imaginação, a abstração de fatos narrados e o levantamento de hipóteses, além da melhoria da leitura e da escrita, uma vez que todas as atividades elaboradas baseiam-se nas habilidades e competências que os/as alunos necessitam consolidar no 2º ano do Ciclo Inicial de Alfabetização – Ensino Fundamental. Durante a execução do projeto cada aluno desenvolve suas atividades em um caderno específico e paralelamente está sendo organizado um portfólio com registros, fotos e análises importantes do Projeto.

Palavras-chave: relato de experiência, alfabetização, leitura.

3.3.2- O LÚDICO NO ENSINO: VIVENCIANDO A HISTÓRIA “DONA BARATINHA”

Juliana Soares de Lima Silva – Professora da E.M. Santa Luzia
Liliane Henrique Torres – Pedagogia DIREC-UFLA

A ludicidade encanta, estimula a criatividade, a imaginação e a curiosidade; prende a atenção das crianças e faz com que os conteúdos sejam assimilados de forma espontânea e prazerosa. Lançar mão de atividades lúdicas nos processos de ensino aprendizagem, principalmente por meio de histórias é inovar a prática pedagógica e uma forma de enriquecer e qualificar a aprendizagem. Durante o estágio realizado no Ensino Fundamental e Educação Infantil foi possível perceber que o currículo escolar é extenso, com muitos conteúdos, de forma que o lúdico às vezes fica um pouco esquecido. Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo verificar a importância da ludicidade e de atividades literárias lúdicas no processo de aprendizagem das crianças. Para tanto, foram consultados diversos autores: Vygotsky (1991, 2001), Rojas (2007), Kishimoto (2011, 2014), Andrade e Moreira (2008), entre outros. A partir das ideias dos mesmos, foram fundamentadas reflexões sobre o complexo processo de alfabetização e ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, o método de pesquisa foi a observação em campo, seguida da aplicação de uma ação prática com alunos(as) do 2º ano do Ensino Fundamental. Utilizou-se como ferramenta a história infantil “Dona Baratinha”, possibilitando por meio desta, estudar gêneros textuais, tais como convite e receita e realizar um teatro de fantoches. Como resultados obtidos, verificou-se que as atividades lúdicas e a contação de histórias viabilizam uma alfabetização mais plena e significativa. Ao vivenciar o envolvimento, alegria e disposição das crianças em realizar as atividades propostas, percebeu-se que as atividades atenderam de maneira satisfatória as expectativas e necessidades dos(as) alunos(as), uma vez que através da contação de história obtém-se diversão, interação, comunicação e aprendizagem, elementos esses que fazem parte da natureza e cultura da criança.

Palavras-chave: Alfabetização. Ludicidade. Teatro. Contação de histórias.

3.3.3- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E MEDITAÇÃO DE LEITURA: POTENCIALIZADORES DA ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA

Luis Paulo Carvalho Monteiro – Graduando IEMCI-UFGA
Ana Júlia Franco Gell – Graduanda IEMCI-UFGA
Dayse do Socorro Assunção Franco – Graduanda IEMCI-UFGA
Eizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo – Professora Universitária, IEMCI-UFGA

O texto objetiva evidenciar potencialidades da Contação de histórias e mediação de leitura no processo de ensino e aprendizagem da oralidade, leitura e escrita de crianças do ensino fundamental I. Traz resultados de atividades realizadas no primeiro semestre de 2018, com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual de Belém-Pará, como ação do projeto “Práticas pedagógicas interdisciplinares em Alfabetização e Letramento” - PIBEX (UFGA), subprojeto Encantartes: Contar, ler e escrever, ligado ao Núcleo de Práticas e Linguagens Docentes (IEMCI-UFGA). A contação de história enseja inter-relação entre

realidade e fantasia, gerando cumplicidade entre contadores e ouvintes (SCHERMACK, 2012), também produz espaços de encantamento, e desperta o interesse na leitura (MENEGASSI, 2004) e valorização à oralidade (MARCUSCHI, 1997, CRESCITELLI; REIS, 2014). Relata uma prática de contação da história do livro “O Que Eu Quero Ser Quando Crescer?” de Fred Albuquerque e ilustração de Du Albuquerque. A atividade ocorreu em dois momentos: no primeiro, a contação e depois a mediação de leitura, na qual os alunos foram orientados a recriar a história, partindo do seu ponto de vista, mostrando perspectivas, sonhos e desejos, através de uma atividade de escrita com apoio dos mediadores. Após isso, os alunos realizaram a leitura, expondo ideias e produzindo oralidades. Como resultados conclui-se que, com a prática de contação e mediação da leitura, houve avanços na criatividade e imaginação dos alunos, bem como evolução e autonomia nas escritas; na expressão de ideias na produção textual; também mudanças nos discursos com evocação de vocábulos das histórias, saindo do coloquial, com ampliação de vocabulário. Assim, reiteramos a importância do uso das ferramentas pedagógicas de leitura e Contação de histórias no processo de alfabetização, posto propiciarem aprendizagens prazerosas articuladas ao desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade.

Palavras-chave: Leitura e Escrita. Oralidade. Contação de histórias. Mediação.

3.3.4- ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Margaret Moreira – Professora
Liliane Henrique Torres – Pedagogia DIREC-UFLA

É fundamental despertar o gosto pela leitura, estimulando a atenção e o interesse das crianças, contribuindo para o sucesso escolar. Formar um(a) aluno(a) leitor(a) é um desafio que vai além das paredes da escola e a aproximação entre a equipe escolar e a família é um diferencial neste processo. Diante dos desafios encontrados em leitura e interpretação, este artigo traz reflexões sobre os principais meios encontrados por uma escola da rede municipal da cidade de Bambuí-MG afim de desenvolver em seus alunos e alunas o hábito da leitura prazerosa. Para tal esta pesquisa teve como embasamento teórico autores como, Freire (1989), Kleiman (2002), Mesquita (2006), Sabino (2008), entre outros. A proposta metodológica utilizada foi a observação de como a leitura tem sido trabalhada nesta escola, relatando algumas ações didático- pedagógicas realizadas: Projeto de Leitura “Era uma vez”, “Gibiteca” e “Caixinha Mágica”. Por meio destas ações, percebeu-se que a equipe escolar busca constantemente estratégias para desenvolver o interesse dos(as) alunos(as) pela leitura, a partir da interação entre os (as) mesmos(as) e a família. As observações mostram que uma proposta pedagógica bem organizada é capaz de mudar o perfil de seus(suas) alunos(as) desenvolvendo bons hábitos de leitura dentro e fora do ambiente escolar, motivando-os(as) juntamente com seus familiares a viajarem no mundo encantado da leitura. Acredita-se que a utilização das estratégias apresentadas são alternativas para desenvolver a capacidade dos alunos de atuarem como sujeitos construtores de conhecimentos e protagonistas de suas histórias de vida. Os resultados demonstram ainda que a escola pode fazer um diferencial na formação de alunos(as) leitores(as) a partir do incentivo, do envolvimento com a família e com a comunidade escolar, buscando assim novas formas de interação entre os mesmos.

Palavras-chave: Leitura. Formação. Histórias.

3.4- EIXO 4 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE"

3.4.1- FORMAÇÃO DOCENTE E A EXPERIÊNCIA DA ATIVIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Aline Iracy Rodrigues Silva – Graduanda UFLA

Este texto tratará sobre a formação docente e a experiência da atividade de contação de histórias, que tem por objetivo relacionar o processo de formação docente a uma experiência de contação de histórias com crianças de cinco e seis anos, alunos do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de uma cidade do Sul de Minas Gerais. Partimos do pressuposto de que a formação docente é um importante caminho para a busca da qualidade educacional nos oportunizando a compreensão da ação da prática literária de forma lúdica e imaginária, abrindo a discussão sobre como são usadas as contações de histórias como instrumento de resignificação para a aquisição de novos conhecimentos para estes futuros profissionais tornando-se uma fonte de orientação para a atividade educativa, além de uma forma significativa para docentes e discentes. Para isso, buscamos articular o relato de experiência a uma reflexão teórica sobre as orientações dispostas nos documentos oficiais como a Base Nacional Comum curricular, os Parâmetros Curriculares, além de contar com arcabouços teóricos de autores que falam sobre a formação docente e as leituras. Diante disso, este relato de experiência mostra como resultados parciais, que as atividades de leitura literária e de contação de histórias têm um importante papel na formação de discentes e docentes, pois, permitem repensar o papel do educador na mediação, ao mesmo tempo em que possibilita para a criança um repensar sobre as coisas e situações que as cercam, criando uma interlocução entre crianças, adultos, imaginação e formação de conceitos.

Palavras-chave: Formação docente. Contação de histórias. Experiência.

3.4.2- FORMAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO LEITORA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A ATIVIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Aline Iracy Rodrigues Silva – Graduanda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Este texto (Formação Docente e Formação Leitora: um relato de experiência sobre a atividade de contação de histórias), tem por objetivo refletir sobre o processo de formação docente e a

partir de uma experiência de contação de histórias com crianças de cinco e seis anos, alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de uma cidade do Sul de Minas Gerais. Partimos de dois pressupostos um de que a reflexão crítica da prática no processo de formação docente é um importante caminho para a busca da qualidade educacional, outro de que a compreensão da ação da prática de leitura literária e de contação de histórias de forma lúdica potencializa a ação imaginária. Neste sentido, este relato de experiência entende as atividades de contação de histórias como um espaço ou um momento de ressignificação para a aquisição de novos conhecimentos tanto para os alunos quanto para os professores, tornando-se uma fonte de orientação para a atividade educativa. Para isso, buscamos uma reflexão teórica sobre a temática da contação de histórias e da leitura literária para crianças em diálogo com as orientações dispostas nos documentos oficiais, como a Base Nacional Comum curricular, os Parâmetros Curriculares e o PPC da instituição escolar. A partir deste relato é possível compreender o quanto as atividades de leitura literária e de contação de histórias tem um impacto no processo de formação do pequeno leitor e percurso de formação do professor.

Palavras-chave: Formação docente. Formação leitora. Leituras literárias. Contação de história.

3.4.3- CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Bárbara Cristina Heitor Silva – Professor Educação Básica
Vanderleia das Dores Liberato – Supervisora Educação Básica
Lucas Anibal Faria Seabra – Professor Educação Básica

Formar professores bem preparados, tem sido uma das discussões mais frequentes quando se trata da educação básica em nosso país. De fato, todos os momentos de formação tem importante contribuição para uma atuação crítica e consciente, no entanto, a formação inicial é o ponto de partida e é ela capaz de despertar o interesse do estudante em buscar cada momento compreender o universo da docência em todos os seus aspectos. Disciplinas de didática e metodologias de ensino, são frequentes e recebem destaque nos currículos da licenciatura, mas nem sempre essas práticas vem acompanhadas de uma reflexão o que as torna descontextualizada. Torna-se então necessário que os cursos de formação proporcionem espaços para que os futuros docentes possam pensar, repensar e praticar metodologias diferenciadas, e que além disso possa avaliar e compartilhar suas construções com os colegas de profissão. A Contação de Histórias é reconhecida pela capacidade de despertar a imaginação dos estudantes e de acessar aqueles conhecimentos prévios que eles trazem e que contribuem muito para o processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o objetivo deste trabalho, é relatar uma experiência de uso da metodologia de Contação de História de uma forma construtiva durante a formação inicial. Durante uma atividade de simulação, os futuros docentes puderam pesquisar, preparar atividades, e conhecer uma série de metodologias de ensino para o ensino fundamental, e o presente trabalho relata uma prática para o ensino de ciências nas séries iniciais. Considera-se que essa experiência trouxe contribuições muito significativa no que tange a formação docente uma vez que possibilitou a aproximação dos mesmos da futura atuação na escola. Para embasar as discussões teóricas, autores como

DINIZ- PEREIRA (2007); ARROYO (2009); REIS (2009) foram utilizados.

Palavras-chave: Formação Inicial. Prática Docente. Ensino Fundamental.

3.4.4- O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS E O PROCESSO DE ENSINO DE APRENDIZAGEM

Laryssa Kelly Gomes – Estudante de Graduação UFPA
Sabrina Freitas da Costa – Professora da Educação Básica UFPA
Jesuline Mendes Damasceno – Estudante de Graduação UFPA
Isabel C. França dos S. Rodrigues – Doutora UFPA

A presente pesquisa está em desenvolvimento no projeto Práticas Interdisciplinares em alfabetização e letramento (PIBEX/2018) da Universidade Federal do Pará. O contexto de pesquisa é uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública da região metropolitana de Belém do Pará. O objetivo é analisar como a Mediação de leitura pautada na Contação de histórias favorece as aprendizagens dos alunos em fase de Alfabetização. A investigação se desenvolveu em diferentes etapas que envolveram estudos sobre contação de histórias, planejamento, ampliação do repertório, sessões de contação de histórias, acompanhamento e avaliação dos processos de aprendizagem das crianças. Para tanto, procurou-se dialogar com os estudos desenvolvidos por Santos (2016), Simões (2000), Gonçalves (2004), Tardif (2012), Soares (2016) e Zilberman (2005). Os resultados iniciais indicam que a contação de histórias desperta o envolvimento pela leitura; favorece a oralidade e sua articulação com a escrita e seus usos na sociedade; desafia os educandos na construção de sentidos; reconhece e amplia o contexto de aprendizagem dos alunos, tendo em vista que os encaminhamentos fornecidos pelo projeto desafiam alunos, professores e formadores da UFPA a um trabalho que inicie com a história, perpassa pelos gênero, potencialize a oralidade e a escrita, sem deixar de lado as experiências dos envolvidos. É nesse sentido que se cria um ambiente favorável ao trabalho com a alfabetização de maneira mais efetiva, pois os sentidos construídos se apoiam em repertório ampliado nas coletâneas que são distribuídos mensalmente na equipe que as utiliza em forma de rodízio. Um dos resultados que nos tem inspirado para os próximos passos é a inserção dos alunos dos \Anos Iniciais na Contação de histórias como narradores em potencial.

Palavra-chave: Contação de histórias. Alfabetização. Prática docente. Cultura.

3.4.5- LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O PROCESSO FORMATIVO DO PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luis Paulo Carvalho Monteiro – Graduando IEMCI-UFPA
Carmen Lucia Braga da Conceição – Graduando IEMCI-UFPA
Michele de Paula Guimarães de Souza Pinheiro – Graduando IEMCI-UFPA
Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo – Professor Universitário, IEMCI-UFPA Orientadora

Leitura e contação de história são práticas importantes na formação leitora das crianças e devem compor o repertório de saberes do professor em formação a fim de que este seja capaz de possibilitar a ampliação do conhecimento literário delas. Vale destacar que “o livro da criança que ainda não lê é a história contada” (ABRAMOVICH, 1997), e que contar, ler e ouvir histórias auxiliam no ensino e na aprendizagem (DOHME, 2003), despertando atenção, raciocínio, senso crítico, imaginação, criatividade, afetividade e valores. Este texto objetiva refletir sobre a formação docente nas práticas de ler e contar histórias na sala de aula dos anos iniciais, tendo em vista o processo de leitura das crianças. As experiências de leitura e contação de história ocorreram com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual de Belém- Pará no segundo semestre 2018, como parte do projeto “Práticas pedagógicas interdisciplinares em Alfabetização e Letramento” - PIBEX (UFPA), subprojeto EncantArtes: Contar, ler e escrever, vinculados ao Núcleo de Práticas e Linguagens Docentes (IEMCI-UFPA). Foram selecionados dois livros de lendas, mitos e tradições das tribos indígenas no contexto amazônico: “Ypati o curumim da selva” e “a onça protetora”; o primeiro de Ely Macuxi, ilustrado por Mauricio Negro; e o segundo de Shirley Djukurnã Krenak. Após as experiências, os licenciandos responderam a um questionário sobre a prática de leitura contação de histórias na formação inicial docente, a partir do que assinalaram as potencialidades no processo de ensino e aprendizagem das crianças. Destacaram que ao ler e contar histórias estreitaram vínculos afetivos com os alunos, propiciando melhor interação na contação; tiveram satisfação de oferecer aos alunos momentos de prazer, alegria, descontração, conhecimentos, imaginação; ampliaram e diversificaram a própria formação como leitores, recorrendo a aspectos da cultura regional.

Palavras chaves: Contação de histórias, formação docente, formação leitora.

3.4.6- A LEITURA LITERÁRIA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

Cecília Vieira do Nascimento – Professora do Centro Pedagógico da UFMG
Clenice Griffó – Professora do Centro Pedagógico da UFMG
Eliette Aleixo – Professora do Centro Pedagógico da UFMG
Patrícia Soares Barros Batista – Professora do Centro Pedagógico da UFMG

Este trabalho relata experiência de pesquisa recentemente iniciada por um grupo de pesquisadores do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Mala de Leitura, do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Este projeto vem se dedicando ao fomento da literatura, desde o ano de 1997. Recentemente iniciamos uma pesquisa que tem por objetivo compreender as estratégias de mediadoras para a formação de crianças leitoras. Pretendemos investigar e contrastar as estratégias utilizadas por mediadoras da leitura literária, professoras e educadoras da Educação Infantil, para a formação de crianças leitoras. Utilizaremos de questionários e entrevistas semiestruturadas para contrastar as estratégias construídas e utilizadas por dois grupos: o primeiro constituído por mediadoras integrantes do próprio projeto Mala de Leitura e o segundo formado por mediadoras que não integram e nem mesmo participam de ações de extensão do Projeto. Pretendemos assim, além de mapear e contrastar as estratégias utilizadas pelas mediadoras, compreender os processos de utilização dessas estratégias e seu impacto na formação das crianças como leitoras. Acreditamos que o acesso ao livro literário, organizado e sistematizado, desde os primeiros anos de escolarização,

tem se configurado como essencial na formação de leitores literários. Mas que estratégias as mediadoras criam e utilizam para a formação desses leitores? Como realizam este trabalho com crianças ainda tão pequenas? Que recursos utilizam para possibilitarem às crianças momentos de contato com o livro literário de forma a conquistar o olhar das crianças para o belo e o estético nos livros de literatura infantil? Estas são questões que perseguimos em nossas práticas de ensino e de extensão ao longo desses vinte anos do Projeto Mala de Leitura da UFMG.

Palavras-chaves: Leitura literária. Formação leitor. Mediadoras. Narrativas.

3.4.7- PRÁTICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

Michelle Cristina Vieira Santos – Professora da Rede Municipal de Itumbiara/GO
Juliano Guerra Rocha – Professor da Rede Municipal de Itumbiara/GO
Dione Carlos da Silva – Professor da Rede Municipal de Itumbiara/GO

A contação de histórias é uma atividade que encanta e desperta a curiosidade e interesse da criança pela leitura, e o grande desafio que enfrentamos hoje na escola é fazer com que os alunos se tornem leitores. Diante desse panorama a Secretaria Municipal da Educação de Itumbiara-GO vem desenvolvendo um projeto de formação e acompanhamento dos Dinamizadores das Bibliotecas Escolares das escolas da rede municipal. E, uma das ações desse projeto é a realização da contação de histórias por esses profissionais. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo apresentar e analisar as práticas de contação de histórias no contexto das bibliotecas escolares itumbiarense, evidenciando as estratégias utilizadas na formação de leitores. A metodologia que embasou a investigação foi uma pesquisa de campo, tomando como referência teórica, principalmente, Cavalcanti (2002) e Abramovich (1997). É possível compreender que a experiência realizada está sendo significativa e prazerosa não só para as crianças, mas está proporcionando reflexões e mudanças de comportamento leitor em toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Formação de leitores. Contação de histórias. Bibliotecas.

3.5- EIXO 5 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA LITERÁRIA NA MÍDIA DIGITAL

3.5.1- CAMINHOS DA LEITURA: DO IMPRESSO AO DIGITAL

Ana Elysa Bastos de Castro – Graduanda UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart – Departamento de Educação UFLA

Ao considerar que a leitura pode ser considerada o ponto determinante no processo de formação e integração social, entende-se que o incentivo ao letramento é parte desta construção, ou seja, compõe o processo de alfabetização, para que deste modo a criança possa desenvolver suas habilidades de leitura e escrita. Com o surgimento de novas tecnologias ocorreram modificações na relação entre o leitor e o texto, conforme altera-se o suporte do texto, seja no impresso ou na tela, muda-se o modo de realização das atividades de ler e escrever. Neste sentido, se as atividades de leitura e escrita passam por modificações, a ludicidade e a interatividade se mostram possibilidades para esse processo de aprendizagem da criança, pois auxilia na capacidade de reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, permitindo uma relação estreita entre o leitor e as diversas narrativas digitais. Partindo destas reflexões, este trabalho busca a compreensão do ato de ler em ambiente virtual como um aspecto significativo e processual, visto que pode ser considerado uma importante forma de comunicação, interação e de expressão da linguagem artística e criativa. Desta forma, este artigo propõe, então, uma reflexão teórica, problematizando as concepções de leitura do impresso e do digital, questões que envolvem os desafios de seu aprimoramento, bem como seu entendimento diante das diferentes estruturas de organização do texto. Para isso, neste texto apresentamos um levantamento das discussões teóricas a respeito da concepção de leitura, de letramento digital, de hipertexto, texto multimodal em relação aos suportes do texto, por meio de um estudo bibliográfico, bem como os caminhos percorridos da leitura do impresso para o digital. Para isto, partimos das premissas de Manguel (1996), Freire (1988), e Queirós (2012) sobre as concepções de leitura, Lévy (1993) sobre o hipertexto eletrônico e Coscarelli e Ribeiro (2007), Roxane (2016) que discutem sobre o sobre letramento digital e texto multimodal.

Palavras-chave: Leitura. Letramento digital. Hipertexto. Texto multimodal.

3.5.2- O LEÃO APAIXONADO: O TRABALHO COM FÁBULAS NUMA PERSPECTIVA MULTIMODAL

Giuliane Aparecida Petronilho – Graduada UFLA
Helena Maria Ferreira – Departamento de Estudos da Linguagem UFLA

O presente trabalho apresenta um resultado parcial de uma pesquisa em andamento e tem o objetivo de propor uma reflexão sobre a importância de uma leitura multimodal para a formação dos alunos, no contexto escolar. Para isso, será utilizado o gênero textual fábula propondo uma análise para a história “O leão apaixonado” de Esopo, um fabulista grego do século VI a.C. O gênero escolhido trata-se de uma narrativa que tem o intuito de dar lições de moral para situações que ocorrem no cotidiano, utilizando-se de personagens que na maioria das vezes são animais. Realizar este trabalho, em sala de aula, através de uma perspectiva multimodal permitirá aos alunos novas possibilidades de leitura, uma vez que não será considerado apenas o verbal, mas também as imagens, os sons e os gestos realizados durante o vídeo. A história escolhida traz uma reflexão sobre as ações que cometemos quando estamos apaixonados, ações essas que fazem com que muitas vezes deixemos de ser quem nós somos

por causa da pessoa amada e, agindo dessa forma acabamos mal. Trabalhar com os recursos multimodais, na escola, torna as atividades de leitura de gêneros como a fábula mais atraentes, principalmente para as crianças. Atualmente, os gêneros multimodais estão sendo muito valorizados, uma vez que o conceito de leitura está mais amplo, não mais se limita ao verbal, mas envolve fatores extralinguísticos. Para Petermann (2005, p.2) “Os elementos não- verbais estão tão presentes nos textos quanto os verbais e representam diferentes significações que, muitas vezes, os leitores são incapazes de interpretar.” E já que estamos inseridos em uma sociedade multiletrada, é de suma importância que os alunos sejam conscientizados para esses diferentes tipos de leitura que podem ser realizados no dia a dia.

Palavras-chave: Gênero textual fábula. Multimodalidade. Multiletramento.

3.5.3- O POTE VAZIO: UMA LEITURA MULTIMODAL DO GÊNERO FÁBULA

Giuliane Aparecida Petronilho – Graduanda UFLA
Helena Maria Ferreira – Departamento de Estudos da Linguagem UFLA

O trabalho aqui apresentado traz resultados parciais de uma pesquisa em fase inicial. Considerando que estamos inseridos em uma sociedade multiletrada, o objetivo desta pesquisa é verificar como trabalhar a leitura de textos multissemióticos em sala de aula, de maneira que possamos conscientizar os alunos para as diversas possibilidades de leituras. Ao referenciar Kress (2003), Michelle Soares Pinheiro (2016, p. 581) diz que “um texto multimodal é entendido como o resultado de uma ação social com qualquer instância de comunicação em qualquer modo ou combinação de modos. As imagens visuais, como a linguagem verbal e todos os modos semióticos, são socialmente construídas”. O texto multimodal selecionado é “O pote vazio” da escritora Demi, que se trata de uma fábula chinesa, que será trabalhada através de um vídeo, que não traz uma moral explícita, fora do corpo do texto, mas a moral encontra-se inserida dentro da própria história. A fábula escolhida traz uma lição de honestidade, mostra como o jovem personagem Ping foi capaz de conquistar seu sonho de ser imperador, de maneira justa. Para Lima e Rosa (2012, p.154) “as fábulas é um importante aliado, tanto para o plano pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita, como também em uma perspectiva sociológica”. A história “O pote vazio”, foi escolhida justamente pensando numa perspectiva para além do ensino do gênero textual, em sala de aula, mas pensando também na lição de honestidade que é tratada no texto, afinal, como educadores devemos nos preocupar em formar indivíduos não somente para o mercado de trabalho, mas formar cidadãos, capazes de agir de forma consciente e justa para alcançarem seus objetivos.

Palavras-chave: Multimodalidade. Fábula. Leitura.

3.5.4- A UTILIZAÇÃO DE TABLETS COMO MÉTODO PARA CONQUISTA DE NOVOS SABERES EM UMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marta Regina de Sousa – Professora da E.M. Paulo Lourenço Menicucci
Alana Máximo Buscácio – Professora da Rede Municipal de Lavras

Durante a maior parte da minha trajetória profissional como educadora, atuei no seguimento da educação infantil. No início do ano letivo de 2018 recebi uma proposta que considerei desafiadora: atuar como professora de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. Confesso que, em um primeiro momento fiquei preocupada, ansiosa e sem saber o que me esperava pela frente, mas acabei aceitando o desafio. Busquei estudar, me atualizar e discutir as possibilidades existentes para apresentar e trabalhar em sala de aula com turmas diferentes das outras que havia trabalhado anteriormente. Foi então que, em um momento de conversa, eu e Alana chegamos à conclusão de que, estando em plena Era Digital e Midiática, poderíamos nos atentar a utilização de TABLETs, que foram implementados como recurso oferecido nas escolas municipais de Lavras/MG, como método para chamar a atenção, despertar o interesse e a curiosidade em aprender e conquistar novos saberes através de um recurso tecnológico que poderia atrair crianças do ensino fundamental proporcionando momentos de diversão e aprendizagem significativa. Dessa maneira, através de pesquisa bibliográfica e em forma de relato de experiência, temos como objetivo apresentar, a partir de um projeto municipal – Lavras Lê, a ação didática desenvolvida por uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Paulo Lourenço Menicucci, que utilizou os TABLETs como ferramenta durante todo o processo, sendo suporte para as crianças contarem, criarem e apresentarem histórias. Até o presente momento, observamos que a utilização deste instrumento midiático e tecnológico tem surtido efeitos positivos e despertado maior interesse nas crianças com essa faixa etária para o desenvolver da leitura e escrita.

Palavras-chave: Aprendizagem. Contação de Histórias. Tecnologia.

3.5.5- A ARTE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM REDES SOCIAIS

Raquel Aparecida Silva Costa – Graduanda UFLA
Nayane Aparecida Souza Prado – Graduanda UFLA

A contação de histórias pode ser considerada uma das práticas mais antigas que se tem registro da humanidade. O ser humano conta histórias desde o descobrimento das habilidades de comunicação e com o desenvolvimento da fala a partir disso, buscavam promover momentos de união, confraternização, trocas de experiências, além de ajudar a passar o tempo e vencer o tédio. As histórias despertam a imaginação, as emoções e o interesse. Tendo em vista que as expectativas de ouvir uma história, contá-la e recontá-la é uma maneira de preservar as culturas, os valores e compartilhar o conhecimento, este estudo tem por objetivo realizar um levantamento dos vídeos de contação de histórias disponibilizados em redes sociais, com a finalidade de compreender como a arte narrativa se organiza para atrair a atenção do leitor. Para isso realizaremos uma pesquisa exploratória e descritiva, com foco qualitativo, a partir de um levantamento dos vídeos de contação de histórias, disponíveis gratuitamente em redes sociais do *you tube*, organizados por contadores de histórias. Com base nos estudos Walter Benjamin sobre o narrador e sobre as narrativas em mídias digitais de Santaella.

Palavras-chave: Contação de histórias. Narrativas digitais. Letramento digital. Leitura em ambiente digital.

3.6- EIXO 6 - "CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, NARRATIVAS E PRÁTICAS ORAIS"

3.6.1- ABAYOMI ENCANTADO- PEDAGOGIA INTERSECCIONAL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Ana Beatriz da Silva Domingues – Doutoranda em Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Abayomi Encantado é um encontro de duas mulheres, uma descendente da diáspora africana, outra dos povos originários brasileiros. Juntas investigam através das narrativas orais e da música, as origens que marcam as suas ancestralidades e trajetórias de vida. Desde 2015, suas experiências se fazem na troca e aprendizado a partir das comunidades tradicionais do município de Ubatuba-SP, local de forte articulação quilombola, indígena e caiçara. O contexto da Serra do Mar é portanto, fundamental para as narrativas compartilhadas a partir da oralidade, dos cantos e da música tocada. Mitos fundadores, causos, histórias pessoais, histórias escritas e sonhos misturam-se num balaio que é compartilhado por todos os olhos e ouvidos que as encontram. A força ancestral das mulheres brasileiras é onde ancora-se a construção viva e poética, resgatando práticas e memórias silenciadas. Este trabalho propõe ainda investigar como através da contação de histórias podemos construir perspectivas para a experiência de uma pedagogia interseccional. Para tanto, serão trazidos relatos de experiência de Abayomi Encantado em articulação às reflexões propostas pela pesquisadora estadunidense bell hooks, buscando em sua obra, referências pertinentes ao contexto histórico, político e social brasileiro. Nesse sentido, a pensadora elabora conceitos - a princípio simples - de compartilhamento horizontal de saberes, potencialização da marginalidade, troca de histórias de vida, entre outras abordagens como práticas pedagógicas feministas, anti-racistas e anti-capitalistas. Essas propostas, me parecem já estar presentes em muitas práticas de contadoras de histórias, em especial no caso apresentado aqui com Abayomi Encantado, sugerindo que o campo das narrativas orais já vem realizando experiências pedagógicas interseccionais, podendo ser de imensa valia para a ampla discussão da Educação no Brasil.

Palavras-chave: Pedagogia interseccional. Diáspora africana. Contação de histórias.

3.6.2- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DE MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA

Melina de Brito dos Santos – Mestranda em Ciência da Informação
Nathália Lima Romeiro – Mestranda da Ciência da Informação

A contação de histórias "é uma narração oral de contos e histórias" (CUNHA, 2008, p.104). A atividade cultural de contar histórias permite manter o lúdico vivo. A prática oral da contação tem por objetivo transmitir uma mensagem, neste viés permite manter uma história viva. O que nos leva a crer que a prática oral e a contação de história são parceiras para construção e permanência da memória. Neste sentido, temos o conceito de memória como

“elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (ROUSSO, 1998, p. 95), onde toda memória é considerada social. Nesse sentido a memória coletiva, se fundamenta nas redes de interação, redes estruturas e imbricadas em circuitos de comunicação. Para Pierre Nora (1993), a memória nas sociedades anteriores à contemporaneidade era uma memória espontânea, viva, realizada, experiência internalizada. Sendo assim, a memória é uma construção social que contribui na identidade individual, coletiva e nacional (MENESES, 2007). Este trabalho consiste em dissertar de forma teórica- exploratória sobre a contação de histórias como ferramenta de manutenção da memória. A motivação para o artigo, baseia-se no fato da pouca literatura existente vinculada a contação de histórias com a memória, na área da Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação.

Palavras-chave: Contação de História. Memória. Ensino-Aprendizagem.

3.6.3- O PROJETO “RODA DE CONVERSA” DO GIEPHE E SUAS MEDIAÇÕES COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Sabrina Maria Botelho Silva – Graduanda UFLA
Angelo Constâncio Rodrigues – Departamento de Educação UFLA
Estela Aparecida Oliveira Vieira – Departamento de Educação UFLA

Ao longo do primeiro semestre letivo de 2018 o grupo interdisciplinar de estudos e pesquisa em história da educação/GIEPHE (Grupo Interdisciplinar de Extensão e Pesquisa em História da Educação) promoveu uma série de palestras para um público de alunos/as, docentes e aficionados. Tal ação constituiu a base de um projeto de extensão intitulado “Roda de Conversa” O presente trabalho tem o **objetivo** de destacar um grupo de palestras, que vêm sendo proferidas no grupo de estudos e pesquisa em questão, que discorrem sobre temáticas que se relacionam como universo da história, tais como memória institucional, educação museal, história regional, dentre outras. Importa destacar aqui o “tipo” e “formato” de tais palestras se enquadra no escopo metodológico do que compreendemos com sendo “rodas de conversa”. Isto posto temos que o quadro **teórico metodológico** delineado nos indicou uma aproximação conceitual com o que se compreende como sendo a contação de histórias. E os **resultados** curiosamente nos indicaram que a despeito de uma suposta ligação inicial da contação de histórias com a própria história, esta metodologia foi absorvida majoritariamente por outras áreas de conhecimento – a da saúde e das letras a saber –. Fica-nos a lição de que se historicamente condicionamos a ciência à “caixas” fechadas, ela própria nos retorna, dizendo que ela não é assim!

Palavras-chave: Rodas de Conversa. Contação de histórias. Ciência.

3.6.4- A SOBREVIVÊNCIA DAS LENDAS NAS SUAS NARRATIVAS DOS CONTADORES DE HISTÓRIA DA ZONA RURAL DO ENTORNO DA CIDADE DE UBERLÂNDIA NO SÉCULO XXI

Maria Cristina Sagário – Doutoranda em Ciências da Educação

É sabido que, desde os seus primórdios o ser humano tem identificado nas suas narrativas, nas contações de histórias, um mecanismo que lhes desse respostas para tudo que a ele parecesse mágico. Por outro lado, ele, o ser humano, colocava também um pouco de magia em tudo aquilo que lhes era importante. Com isso, para exemplificar, os mitos e lendas, como o do Curupira – protetor das florestas - e o Caipora – protetor das caças – exerciam uma importância social na preservação do meio ambiente. Contudo, Walter Benjamin (2012), já no início do século passado, diante das mudanças sociais de seu tempo e, convicto do importante papel desempenhado pelos contadores de histórias e suas narrativas, expressava temor que estas mudanças viessem a influenciá-los negativamente, com isso, ele questionava: “Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam narrar algo direito? [...] Quem é ajudado, hoje, com um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 2012) E, um pouco mais adiante ele assevera que estas situações indicavam que “[...] a arte de narrar estava em vias de extinção” . Passado o tempo, verificamos que a arte de narrar não morreu, mas, em uma época em que as formas de conversação são muito influenciadas pelos novos meios de comunicação, como os celulares e os computadores, estariam as lendas que compõem o imaginário popular, ainda presentes nas narrativas e vivências das pessoas? Assim, motivada por este questionamento e pelas reflexões de Walter Benjamin, tendo a percepção de que as histórias são muito importantes para a vida das pessoas em sociedade, buscamos por meio desta pesquisa em andamento, tendo como ponto de partida são as escolas rurais e suas comunidades, uma reflexão mais apurada em relação a este assunto.

Palavras-chave: Narrativas. Walter Benjamin. Contadores de histórias.

3.6.5- ARTES, HISTÓRIAS, MÚSICAS, LUDICIDADE, AMOR, CULTURA: SOMOS O REMENDO MUSICAL

Alana Máximo Buscácio – Professora do Município de Lavras
Cynthia Mara Máximo Buscácio – Coordenadora da Educação Infantil na Secretaria
Municipal de Educação em Lavras
Eliza de Paula Meireles Silva – Professora de Musicalização
Hildebrando Luiz Pereira Silva – Professor de Musicalização

As várias possibilidades de artes nos encantam e juntá-las foi à maneira mais interessante e surpreendente que encontramos para sair remendendo cultura por aí. Mas afinal, quem somos? O que fazemos? De onde viemos? Para onde iremos? Com o intuito de revelar todos esses questionamentos e muitos outros, iremos por partes e daremos início ao nosso trabalho, através de um relato de experiência, contando como tudo começou. Sabendo da importância de semear cultura para colhermos olhares diferenciados neste processo de ensino aprendizagem, resolvemos (re)unir quatro educadores/as que acreditam em um mundo melhor e que, acima de tudo buscam fazer a diferença investindo nas diversas possibilidades de artes. O ato de contar histórias pode transformar vidas, quando apresentado de maneira lúdica e atraente, tendo em vista uma comparação com o mundo real, oportunizam as crianças uma maior compreensão do todo, ou seja, uma interpretação de mundo ainda mais ampla. Quando nos atentamos a utilização de métodos sonoros, diante do processo da musicalização, ampliamos nossos recursos e repertórios, trabalhando também com os sentimentos, sentidos, sensações,

além dos ritmos e cadências. Através da ludicidade encontramos uma forma divertida de se apresentar diferentes temáticas. E onde entra o amor? O amor é o que nos move. Sendo assim, por qual motivo não remendar tudo isso e divulgar cultura por aí? O objetivo do presente trabalho é contar a História do Grupo Remendo Musical, divulgando as apresentações realizadas, como surgimos, mostrando quem somos, nossas pretensões, medos, esperanças, conquistas, aprendizado, vivências, experiências, nosso jeito “remendante” de ser. Afinal, cada apresentação realizada foi, é e continuará sendo única e nos permitem um mundo vasto de descobertas. Por esse motivo e muitos outros convidamos você para remendar conosco.

Palavras-chave: Musicalização. Contação de Histórias. Aprendizagem.

3.6.6- ORALIDADE NA SALA DE AULA: CHAPEUZINHO VERMELHO E DIVERSAS ADAPTAÇÕES

Even Nayre Fonseca Batista – Graduanda UNEMAT

Este trabalho é o relato de experiências vividas em sala de aula com turmas de 3 anos e 4 anos na “Associação Tangaraense de Ensino e Cultura” e também em uma turma de 6º ano “B” da escola Estadual “Bento Muniz”, ambas localizadas na cidade de Tangara da Serra-MT. Um desses projetos foi realizado pelo Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) e o outro como uma pesquisa de campo para a conclusão do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), sobre a arte de narrar e as suas adaptações. Ao longo de algumas aulas foi possível notar a ausência do compartilhamento de experiências e da contação de narrativas. Observado esta extinção e sabendo como é importante estimular as histórias orais, propus o desenvolvimento de aulas que levassem os alunos a narração de histórias, a troca de experiências entre eles e o interesse por ouvir narrativas orais. Esta proposta consistia na realização de atividades por meio de histórias cantadas, figuras e rodas de conversa, promovidas dentro do próprio ambiente escolar, esperando assim, maior interação entre os alunos e professores e possibilitando segurança para que os mesmos desenvolvam a contação de histórias. Nesta pesquisa adotei como referencial teórico “O narrador Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (BENJAMIN, 1996) e “A Psicanálise dos Contos de Fadas” (BETTELHEIN, 1903) buscando compartilhar com os alunos experiências e adaptar as histórias nas experiências vividas por eles, pois a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. (BENJAMIN, p.198, 1996)

Palavras-chave: Contação de histórias. Narração. Adaptação.

3.6.7- A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO ELEMENTO DE FOMENTO À LEITURA, NA BIBLIOTECA DISTRITAL DE ÁGUA VERMELHA

Maria Eduarda de Souza – Graduanda UFLA
Ms. Ellen Laudares – Departamento de Educação UFLA

Narrar histórias é uma arte humana. As narrativas existem para serem contadas, ouvidas e de certa forma, para perdurarem a memória da humanidade. O contador de história narra para se sentir vivo, transformando sua vivência em uma epopeia (BUSATTO, 2013). O contador de histórias identifica-se com a narrativa e extrai os significados do momento presente (BENJAMIN, 1983). O Objetivo desse trabalho foi incentivar os(as) alunos(as) a interessarem-se ainda mais pela leitura e conseqüentemente instigar o maior número de empréstimos de livros da Biblioteca Distrital, além de enriquecer o vocabulário dos (as) educandos (as), de maneira lúdica e divertida. A partir disso foi realizada uma interação entre os(as) educandos(as), por meio da seguinte dinâmica: inicialmente foi entregue papel e lápis para cada participante. Em seguida, foram ditas algumas palavras, nas quais eles teriam que escrever o significado de cada uma delas no papel. Depois, foi lido o livro Mania de explicação, de Adriana Falcão, no intuito de despertar a curiosidade dos alunos para com as novas palavras, ainda não constituintes de seu universo lexical. Como resultado, observou-se que por meio da contação de história, os(as) educandos(as) começaram a apreciar mais a leitura e a frequência à biblioteca ampliou de modo significativo. Assim, o número médio de empréstimos mensais passou de 40 livros para 64 livros, resultado este que, segundo relatos das professoras estaduais da cidade de São Carlos - SP, ampliou até mesmo o desempenho dos alunos em sala de aula, na área de linguagens. Também foi observado que por intermédio da dinâmica, a troca dos significados das palavras entre os(as) estudantes foi muito grande, ou seja, eles puderam aprender um com o outro e ampliar seus conhecimentos lexicais.

Palavras-chave: Contação de história. Biblioteca distrital. Educação pública.

